



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Lu Gao

DIFICULDADES NA CONSTRUÇÃO
DO SINTAGMA NOMINAL
CONTRIBUTOS PARA A COMPREENSÃO
DO PONTO DE VISTA DOS
APRENDENTES CHINESES DE PLE

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Estrangeira / Língua Segunda, orientada
pela Professora Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos, apresentada ao
Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de
Coimbra

setembro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

DIFICULDADES NA CONSTRUÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL CONTRIBUTOS PARA A COMPREENSÃO DO PONTO DE VISTA DOS APRENDENTES CHINESES DE PLE

Ficha Técnica

| | |
|------------------------|--|
| Tipo de trabalho | Dissertação de Mestrado |
| Título | Dificuldades na Construção do Sintagma Nominal |
| Subtítulo | Contributos para a compreensão do ponto de vista dos aprendentes chineses de PLE |
| Autora | Lu Gao |
| Orientadora | Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos |
| Júri | Presidente: Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins Vogais: 1. Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro 2. Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos |
| Identificação do Curso | 2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda |
| Área científica | Linguística Aplicada |
| Data da defesa | 25-10-2019 |
| Classificação | 17 valores |



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Chegou o momento de agradecer às pessoas que contribuíram, de todas as maneiras, para a realização deste trabalho. Queria apresentar os meus sinceros agradecimentos:

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos, pela orientação proficiente que me permitiu terminar a dissertação, e pelo encorajamento contínuo e apoio inesgotável ao longo deste processo.

A outras professoras do Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, Professora Doutora Ana Paula Loureiro, Professora Doutora Conceição Carapinha, Professora Doutora Cristina Martins, Professora Doutora Isabel Almeida Santos e Professora Doutora Isabel Pereira, pela generosa partilha de conhecimentos e pelas instruções úteis para investigação científica.

A todos os meus professores do Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, que deram bons exemplos de professores de Português Língua Estrangeira, pelo ensinamento, simpatia e paciência.

Aos amigos que sempre me acompanharam nestes anos: Cristina Abrantes, Guanyu Wang, Marina Marçalo, Nanzhu Jiang, Xin Li, Xinkai Luo, Xinli Xu, Zhenzhen Cao, pela preciosa amizade, pelo apoio incondicional e pelos estímulos positivos.

Ao meu noivo, David Monteiro, por estar sempre ao meu lado, por me apoiar e por todo o amor, carinho e compreensão.

À família do David, pelas considerações carinhosas e momentos inesquecíveis que partilhámos.

Por último, e não menos importante, um agradecimento especial aos meus familiares na China, por tudo o que me ofereceram, tanto ao nível material quanto emocional; ao meu tio que partiu para o outro mundo há nove anos, deixando-me imensas lágrimas da saudade, pela felicidade e tristeza que gravou na minha memória.

A todos, agradeço de todo o meu coração!

名不正，则言不顺；言不顺，则事不成；事不成，则礼乐不兴；礼乐不兴，则刑罚不中；刑罚不中，则民无所措手足。故君子名之必可言也，言之必可行也。君子于其言，无所苟而已矣。

——《论语·子路》

Se os Nomes são incorretos, não se pode manter um discurso coerente. Se a linguagem é incoerente, os negócios são descurados, os ritos e a música não podem expandir-se. Se a música e os ritos são descurados, as penas e os castigos não poderiam incidir com justiça. Se os castigos são desprovidos de equidade, o povo não sabe com que pé dançar. Eis porque o homem de bem só emprega os Nomes se eles implicam um discurso coerente, e não tem discurso senão o que resulta em prática. Eis porque o homem de bem é tão prudente no que diz.

—— *Conversações de Confúcio*
(trad. M. F. Gonçalves de Azevedo, 2011)

Resumo

A dissertação tem por finalidade contribuir para a compreensão de dificuldades do uso de sintagmas nominais (SN) em português do ponto de vista dos aprendentes de Português Língua Estrangeira (PLE) que têm língua materna chinesa (representada pelo mandarim). Centrada sobre a hipótese de que a distância linguística entre o mandarim e o Português Europeu pode ser uma das causas das dificuldades dos aprendentes chineses de PLE na produção de SN em português, a dissertação envolve uma abordagem contrastiva interlinguística das construções e interpretações dos SN em português e em mandarim, seguida de uma análise empírica dos usos de SN, selecionados em 44 textos escritos por 38 aprendentes/informantes chineses do *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2)*.

A comparação interlinguística faz sobressair que os SN em português possuem uma parte funcional (determinantes e quantificadores) e uma parte lexical (grupo nominal — GN), mas que, nos SN em mandarim, essa segmentação não é nítida. A distinção estrutural reflete-se na marcação de valores semânticos pelos SN. Por exemplo, a quantificação e a pluralização de SN em português dependem da flexão morfológica — o que não existe em mandarim — e do uso de quantificadores, ao passo que, em mandarim, são realizadas pelo numeral e classificador, uma classe lexical que o português não possui. Isso pode dificultar a marcação do valor plural dos SN em português por parte de aprendentes chineses.

Além disso, o valor referencial dos SN em português interpreta-se principalmente em função do determinante. Ao invés, a interpretação do valor referencial dos SN em mandarim é muito sensível ao contexto situacional e pragmático. Por exemplo, o SN reduzido (SN com determinante nulo) em português, por si só, não pode referir-se a certa(s) entidade(s) no universo de discurso, enquanto o SN simples em mandarim, em determinado contexto, pode ter essa referência. Essa distinção pode complicar o uso dos determinantes (sobretudo dos artigos) em PLE por parte dos aprendentes chineses, resultando em desvios como a ausência de determinantes necessários, a adição de determinantes desnecessários e a troca do artigo definido pelo artigo indefinido ou vice-versa.

Por fim, a análise empírica permite verificar que, na marcação de classes semânticas por meio do SN em português, os aprendentes chineses de PLE podem ter dificuldades de natureza ortográfica, de quantificação de SN, de construção léxico-gramatical de GN e de utilização de artigos em relação à referência nominal.

Palavras-chave: sintagma nominal (SN); Português Língua Estrangeira (PLE); aprendentes chineses; Mandarim; comparação interlinguística

Abstract

This dissertation aims to contribute to the comprehension of the difficulty with Portuguese Noun Phrases (NP) from the perspective of learners of the Portuguese as a foreign language (PFL) whose mother tongue is Mandarin Chinese. Inspired by the hypothesis that the linguistic distance between European Portuguese and Mandarin would be a cause of such difficulty, the dissertation includes an interlinguistic contrastive discussion of the constructions and the interpretations of NPs in Portuguese and of those in Mandarin, followed by an empirical analysis of the use of Portuguese NPs selected from 44 texts written by 38 PFL learners, who were Chinese informants in the *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2)*.

The interlinguistic comparison shows that there is a functional constituent (determiners and quantifiers) and a lexical constituent in the Portuguese NP, while in the NP in Mandarin, the segmentation is not clear. This structural difference is reflected in the marking of various semantic values with NPs. For instance, the quantification and the pluralization of Portuguese NPs depend on the morphologic flexion — there is no such mechanism in Mandarin — and the use of quantifiers, but in Mandarin, they are structured with the numeral together with the classifier, a syntactic class which Portuguese does not possess. This may make the marking of the plural value of the Portuguese NP difficult for learners.

Furthermore, the referential value of Portuguese NPs is mainly interpreted according to the determiner. However, the interpretation of referential values of the NP in Mandarin is very sensitive to the situational and pragmatic context. For example, Portuguese NPs with a null determiner cannot refer to any specific entity in the universe of discourse by themselves, while bare nouns in Mandarin are able to do the reference in certain contexts. This distinction may complicate the Chinese learners' use of the Portuguese determiners (particularly the articles), leading to divergences such as missing a necessary article, adding an unnecessary article, changing the definite article to the indefinite one, and *vice versa*.

Finally, the empirical analysis allows to check that, while trying to mark the semantic classes with NPs, Chinese learners of Portuguese as a foreign language may have difficulties which are related to the orthography, the quantification of NPs, the NPs' lexical-grammatical construction, and the utilization of articles for the nominal reference.

Key words: noun phrase (NP); Portuguese as a foreign language (PFL); Chinese learners; Mandarin; interlinguistic comparison

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| RESUMO | I |
| ABSTRACT | II |
| LISTA DE ABREVIATURAS | V |
| CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 HIPÓTESE DO TRABALHO | 1 |
| 1.2 CONCEITOS ESSENCIAIS | 2 |
| 1.2.1 <i>Conceitos relativos à aprendizagem de língua estrangeira</i> | 2 |
| 1.2.2 <i>Português versus mandarim: dificuldades dos aprendentes chineses de PLE</i> | 3 |
| 1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO | 5 |
| CAPÍTULO II. SINTAGMA NOMINAL EM PORTUGUÊS E EM MANDARIM | 6 |
| 2.1 NOMES EM PORTUGUÊS E EM MANDARIM | 6 |
| 2.1.1 <i>Nomes comuns</i> | 8 |
| 2.1.2 <i>Pronomes</i> | 11 |
| 2.2 CONSTRUÇÕES DO SINTAGMA NOMINAL EM PORTUGUÊS | 17 |
| 2.2.1 <i>Estrutura lexical do SN</i> | 17 |
| 2.2.1.1 Complementos do nome..... | 17 |
| 2.2.1.2 Modificadores do nome..... | 23 |
| 2.2.1.3 Sintagmas preposicionais no GN..... | 24 |
| 2.2.1.4 Outras formas de complemento ou de modificador do nome..... | 27 |
| 2.2.2 <i>Especificadores do SN</i> | 35 |
| 2.2.2.1 Determinantes..... | 35 |
| 2.2.2.2 Quantificadores..... | 38 |
| 2.2.3 <i>Ordem e concordância dos elementos do SN</i> | 40 |
| 2.3 CONSTRUÇÕES DO SN EM MANDARIM | 42 |
| 2.3.1 <i>Associação dos elementos</i> | 43 |
| 2.3.2 <i>Quantificação</i> | 46 |
| 2.3.2.1 Classificador como “individualizador” da denotação do nome..... | 46 |
| 2.3.2.2 Classificador como “categorizador” da denotação do nome..... | 47 |
| 2.3.2.3 Classificadores na quantificação do nome não contável..... | 49 |
| 2.3.3 <i>Ordem dos elementos do SN</i> | 53 |
| CAPÍTULO III. POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DE SENTIDOS DO SN EM FUNÇÃO DOS ARTIGOS POR PARTE DE APRENDENTES CHINESES DE PLE | 56 |
| 3.1 INTERPRETAÇÕES DOS SN EM PORTUGUÊS | 56 |
| 3.1.1 <i>Valores dos SN definidos</i> | 56 |
| 3.1.2 <i>Valores dos SN indefinidos</i> | 61 |
| 3.1.3 <i>Valores dos SN reduzidos</i> | 65 |
| 3.2 INTERPRETAÇÕES DOS SN EM MANDARIM | 68 |
| CAPÍTULO IV. ALGUNS USOS DOS SN EM PORTUGUÊS POR PARTE DE APRENDENTES CHINESES DE PLE | 78 |

| | | |
|------------|---|-----------|
| 4.1 | PERFIL DOS APRENDENTES..... | 78 |
| 4.2 | CORPUS DE PRODUÇÕES ESCRITAS DE APRENDENTES DE PL2 (PEAPL2)..... | 78 |
| 4.3 | DIFICULDADES NA MARCAÇÃO DE CLASSES SEMÂNTICAS..... | 80 |
| | <i>4.3.1 Questões ortográficas</i> | <i>80</i> |
| | <i>4.3.2 Questões de quantificação</i> | <i>81</i> |
| | <i>4.3.3 Questões de estruturas léxico-gramaticais de SN.....</i> | <i>83</i> |
| | <i>4.3.4 Artigos e questões de referência nominal</i> | <i>86</i> |
| 4.4 | USOS DE SN EM FUNÇÃO DA TRADUÇÃO LITERAL | 89 |
| | CAPÍTULO V. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 91 |
| | BIBLIOGRAFIA | 93 |
| | ANEXO..... | 98 |

Lista de abreviaturas

| | |
|-------|-------------------------------------|
| ADJ | Adjetivo |
| ADV | Advérbio |
| CL | Classificador (em mandarim) |
| DE | A partícula <i>de</i> (em mandarim) |
| DEM | Pronome demonstrativo |
| GN | Grupo nominal |
| L | Localizador (em mandarim) |
| LE | Língua estrangeira |
| LM | Língua materna |
| MOD | Modificador (em mandarim) |
| N | Nome |
| NEG | Negação |
| NP | Nome próprio |
| NUME | Numeral |
| PERF | Perfeito (aspeto verbal) |
| PL | Plural |
| PLE | Português língua estrangeira |
| PREP | Preposição |
| PRON | Pronome |
| SING | Singular |
| SN | Sintagma nominal |
| SP | Sintagma preposicional |
| V.COP | Verbo copulativo |
| V.MD | Verbo modal |

Capítulo I. Introdução

1.1 Hipótese do trabalho

Nas últimas décadas, o interesse da comunidade chinesa pela cultura e sociedade lusófonas tem aumentado. No âmbito de ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira, esse interesse reflete-se num crescimento do número de aprendentes que têm a língua chinesa como língua materna (cf. 1.2). Durante o processo de aprendizagem, muitos aprendentes sentem dificuldades de diferentes naturezas como a pronúncia, a flexão verbal e a concordância, entre muitas outras, uma vez que a sua língua materna e a língua-alvo (i.e., a língua chinesa e a língua portuguesa) divergem nesses domínios. Essa divergência refere-se ao que se chama a *distância linguística* entre as duas línguas em causa (cf. 1.2). Deste ponto de vista, a língua chinesa é consideravelmente distante da língua portuguesa. Todavia, existem poucos estudos em que se desenvolva uma abordagem sistemática e empírica sobre a distância entre a língua portuguesa e a língua chinesa. A presente dissertação foi concebida para ajudar a responder a esta lacuna. É um trabalho exploratório sobre a construção do sintagma nominal (a seguir designado por *SN*), que deverá ser completado por outros específicos sobre cada uma das suas estruturas, com base em mais dados empíricos.

O trabalho segue uma perspetiva contrastiva interlinguística, incluindo uma forte componente teórica. Tendo como foco o SN, um domínio muito complexo para os aprendentes chineses de Português Língua Estrangeira (a seguir designada por *PLE*), a tese tem como objetivo uma clarificação de potenciais dificuldades dos aprendentes chineses na aprendizagem dos SN em português. As dificuldades podem refletir-se em ocorrências desviantes na escrita dos aprendentes chineses; por exemplo: encontram-se nos textos escritos por aprendentes chineses de PLE¹ desvios como **gosto de fazer os comprados com a minha melhor amigo, *à noite a minha mãe contou a história ao mim e *prefiro ler um livro bom à tarde agradável*. Supõe-se que desvios destes se relacionam com a língua materna dos aprendentes chineses. Isto é, quando lhes faltam conhecimentos linguísticos em português, os aprendentes tendem a procurar certas formas de expressão na língua chinesa, que podem ser estratégias de compensação. Para verificar esta hipótese, proceder-se-á a uma comparação de propriedades sintáticas e semânticas como as propriedades do núcleo nominal, os constituintes obrigatórios ou opcionais e os diferentes valores semânticos dos SN nas duas línguas em causa e, em seguida, será realizada uma breve análise de ocorrências de SN, tanto desviantes como convergentes, nos textos escritos selecionados do *Corpus* de PEAPL2, tendo em vista uma justificação de alguns desvios produzidos pelos aprendentes chineses, utilizando a comparação feita nos capítulos anteriores como fundamento.

Contudo, é necessário notar que não se pode tratar a língua materna como o único fator

¹ Os exemplos de ocorrências foram selecionados do *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2) organizado pelo Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) da Universidade de Coimbra (disponível em <http://teitok2.iltec.pt/peapl2-ple/index.php?action=home>).

influenciador dos SN desviantes nas produções escritas pelos aprendentes chineses de PLE. Esta dissertação serve apenas de referência para os professores de PLE que têm alunos chineses entenderem melhor os desvios deste grupo de aprendentes e, se for adequada, para os professores chineses de PLE consultarem determinada norma adotada pelo Português Europeu em relação ao SN.

1.2 Conceitos essenciais

1.2.1 Conceitos relativos à aprendizagem de língua estrangeira

Antes de fazer a comparação dos SN em português e em mandarim, é necessário referir alguns conceitos essenciais. A presente tese foca-se num contraste entre a língua materna e a língua estrangeira no domínio do SN num contexto de ensino-aprendizagem do Português Europeu a aprendentes chineses. Por este facto, esclarecem-se, em primeiro lugar, os conceitos de *língua materna* (LM) e de *língua estrangeira* (LE).

Segundo Leiria (2004), a LM é aquela que uma criança adquire, aproximadamente, até aos cinco anos de idade e que vai desenvolvendo e aproximando ao sistema linguístico dos adultos na comunidade a que pertence. No que diz respeito às circunstâncias dos aprendentes chineses, a noção de LM não se refere sempre à língua falada no contexto familiar, mas aquela usada no contexto escolar ou formal. Isso relaciona-se com uma complexidade linguística que existe na China.

Na literatura, existe uma noção popular segundo a qual a língua chinesa é a única língua falada na China, com vários dialetos regionais. Segundo Li e Thompson (1989), os dialetos da língua chinesa mais falados são: o mandarim, o wu, o xiang, o gan, o hakka, o min e o yue (i.e., o cantonês)². O termo *mandarim* denota: i) a maior família de dialetos da língua chinesa que se fala nas regiões norte, norte-oeste e sul-oeste e no Baixo Yangzi; e ii) o discurso dos nativos de Beijing, que tem sido considerado durante séculos como a língua-padrão da China devido à alta importância política e cultural deste município. Em 1955, o governo da República Popular da China (RPC) proclamou a existência de uma língua nacional — conhecida como *pǔtōnghuà* — que reúne a pronúncia do dialeto de Beijing, a gramática do mandarim do Norte e o vocabulário da literatura moderna vernácula (Li & Thompson, 1989: 1-2).

Handel (2015) sugere que, do ponto de vista linguístico moderno, não se pode tratar o chinês como uma língua única, uma vez que as variedades do chinês não são «mutuamente inteligíveis». Por exemplo, os falantes de cantonês, de mandarim, de min ou de hakka não se entendem, pelo menos ao nível da comunicação oral. Por este facto, a expressão *língua chinesa* refere-se a uma família de línguas que estão tão intimamente relacionadas quanto as línguas românicas (Handel, 2015: 34). Seguindo e enfatizando a noção de que o chinês é uma família de línguas, a presente tese adota o termo *mandarim*, no seu sentido amplo — a língua nacional

² Para uma comparação breve dos dialetos chineses, veja-se Ho (2015).

da RPC³, para designar a LM dos aprendentes chineses de PLE. Esses aprendentes, na maioria dos casos, têm o mandarim como língua escolar e mantêm a utilização de outras línguas da família da língua chinesa no contexto familiar.

O mandarim está longe de ser uma língua uniforme devido à enorme população chinesa que se espalha por uma vasta área geográfica. Inevitavelmente, os dialetos regionais de língua chinesa influenciam o uso do mandarim dos habitantes em diferentes regiões na China. Na presente tese, a pronúncia representada e as propriedades linguísticas discutidas são generalizações que se consideram aceitáveis pela maioria dos falantes (mas nem todos) do mandarim.

No que diz respeito à língua estrangeira ou LE, Leiria (2004) usa o termo para designar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa «em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico». A autora refere que o espaço em que se aprende uma LE pode ser muito distante dos sítios em que essa língua é falada. Consequentemente, o ensino formal torna-se o recurso principal da aprendizagem de LE. Segundo Osório e Rebelo (2008), na aprendizagem de LE, uma língua de outro país, é necessário ter uma instrução formal e recursos pedagógicos que «compensem a ausência do contexto de imersão linguística». Ainda, Leiria (2004) defende que a aprendizagem de uma LE, entre as várias finalidades, serve para ler textos, quer literários quer científicos, para visitar o(s) país(es) que a tem (têm) como língua oficial e para poder entrar em contacto com os habitantes. Decorrendo fora do contexto de imersão linguística e tendo como principal objetivo pôr a língua em prática, a aprendizagem de LE dá normalmente ênfase a uma determinada variedade prestigiada dessa língua.

Esta situação coincide com as circunstâncias da aprendizagem de PLE dos aprendentes chineses. Segundo Yuan (2014), o ensino de PLE realiza-se principalmente no primeiro ciclo de ensino superior por meio de cursos de língua portuguesa que conferem o grau de licenciado. Assim, os aprendentes chineses de PLE terão atingido a maioridade quando começarem a aprender português e a aprendizagem circunscreve-se normalmente num contexto formal. Zheng (2010) menciona que se ensinam, na China, as principais variedades, isto é, o Português Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB). Contudo, serão discutidas, nesta tese, apenas as normas adotadas pelo PE (a seguir designado por *português*).

1.2.2 Português *versus* mandarim: dificuldades dos aprendentes chineses de PLE

Sendo uma língua indo-europeia e românica, o português possui várias características que o distanciam do mandarim numa grande quantidade de campos passíveis de descrição. Ilari (2013) compara o português com outras línguas românicas (i.e., o espanhol, o catalão, o italiano e o francês), defendendo que, além de se lhes assemelhar numa «perspetiva estreitamente linguística», tem também os seus traços próprios. Todas as línguas românicas representam certas configurações estruturais previsíveis, entre as quais se assinala a flexão. As palavras do

³ O que está em causa é uma realidade linguística e não política.

português formam-se pela combinação de um radical — uma base lexical — com componentes correspondentes a diferentes tipos de flexões como a conjugação (i.e., os verbos flexionam-se em tempo, modo e aspeto), a declinação, a variação de certos nomes e adjetivos em género, número e grau. Isto indica que o português possui uma morfologia muito rica (Ilari, 2013: 51).

Quanto às particularidades, o português distingue-se em vários níveis: por exemplo, no nível formal, os verbos em português têm uma variação mais ampla, em virtude da existência dos paradigmas chamados pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo, futuro do conjuntivo e infinitivo pessoal (Ilari, 2013: 58). Ilari (2013: 59-60) considera o estudo destas formas como um «terreno cheio de acidentes». Isto é, existem algumas áreas em que o português é absolutamente idêntico às outras línguas românicas, como por exemplo, a sufixação avaliativa dos substantivos» (p.e., *beijinho*, *amigão*⁴) e a variação de grau dos adjetivos (p.e., *doce*, *muito doce* e *dulcíssimo*). No que diz respeito à construção de frases, entre outras estruturas, o português admite: i) a possibilidade de omitir a expressão do sujeito da oração (i.e., o sujeito nulo); (ii) a colocação de pronomes tónicos e átonos em posições variáveis, i.e., a próclise, ênclise e mesóclise; e iii) a variedade das perífrases verbais. Por exemplo, em português, existe a possibilidade de alternar entre verbos auxiliares, consoante o registo em que ocorrem (cf. *Desisti do ginásio que tinha/havia frequentado por causa de uma subida no preço*) ou o valor iterativo ou durativo que um perífrase tende a expressar (cf. *o bebé tem dormido* vs. *o bebé está a dormir*) (Ilari, 2013: 60-63). As particularidades referidas, em conjunto com muitas outras que não se encaixam nestas poucas páginas, geram dificuldades transversais na aprendizagem de todos os aprendentes de PLE.

Em comparação com o português, a particularidade mais patente do mandarim é a “simplicidade” da palavra. Isto é, as palavras em mandarim não possuem componentes equivalentes ao morfema, elas próprias são morfemas simples, não flexionam. Por esta razão, existe uma quantidade considerável de palavras compostas em mandarim, mas, em todas as variedades de chinês existe muito pouca complexidade morfológica (Li & Thompson, 1989: 10). Isto implica que, em mandarim, uma língua isolante, não existem morfemas tão diversos como em português. Segundo Li e Thompson (1989: 11-13), embora os falantes de mandarim sejam capazes de compreender o contraste entre os valores singular/plural do nome⁵ e assinalar o tempo/aspeto verbal com morfemas gramaticais muito reduzidos, é muito difícil para eles o domínio da flexão e da concordância em português. Além disso, as diferenças de outros domínios entre as duas línguas (p.e., a pronúncia e a ortografia) complicam a aprendizagem dos aprendentes chineses de diferentes níveis de proficiência em PLE. Em resumo, as dificuldades dos aprendentes chineses de PLE podem ser relativas à complexidade do português e às suas características, diferentes das do mandarim.

⁴ Os exemplos são nossos.

⁵ Conforme Packard (2014: 273), a afixação flexional dos nomes em mandarim é rara. O único sufixo de flexão nominal em mandarim (i.e., *-men* ‘-s’) é o do plural dos nomes que têm o traço semântico [+humano] (cf. *rén-men* ‘pessoas’, *lǎoshī-men* ‘professores/as’, **qiánbāo-men* ‘carteiras’).

1.3 Estrutura do trabalho

Além do presente capítulo introdutório, esta tese é construída por três capítulos, seguidos das considerações finais.

No Capítulo II, em primeiro lugar, serão abordados os nomes, ou melhor, os núcleos potenciais dos SN nas duas línguas, tendo como foco vários parâmetros semânticos que permitem subdividi-los em categorias, como nomes concretos / abstratos, nomes próprios/comuns e nomes contáveis / não contáveis e pronomes. A seguir, serão abordados e comparados os mecanismos de construção de SN em português e em mandarim. Isto é, serão representados os elementos complementares que o núcleo pode selecionar, como o complemento ou modificador nominal e o especificador em português, as expressões associadas e quantificadoras do nome nuclear em mandarim. Desta forma, será demonstrado que os SN em mandarim têm a propriedade de terem sempre o seu núcleo na posição final.

No Capítulo III, serão discutidas as possíveis interpretações relacionadas com os valores semânticos [\pm referencial], [\pm definido] e [\pm específico] dos SN determinados pelos artigos em português e dos SN de diferentes estruturas em mandarim. Serão discutidas, também, as interpretações diferentes de um SN em mandarim que ocorre em diferentes posições numa frase, chegando a explicar o facto que a leitura de determinado SN não está relacionada com a sua estrutura nem com a posição em que ocorre na frase. Deste modo, serão discutidas dificuldades de interpretação de sentidos do SN em português por parte de aprendentes chineses de PLE.

No Capítulo IV, serão analisados alguns exemplos de textos escritos pelos aprendentes chineses de PLE, informantes do *Corpus* de PEAPL2, tendo como objetivo uma análise empírica de várias dificuldades dos aprendentes chineses de PLE em relação à marcação de classes semânticas por meio de SN em português. Serão assinaladas as dificuldades relacionadas com a norma ortográfica, com a quantificação do nome, com a construção de estrutura léxico-gramatical de SN e com a referência nominal. Por fim, serão analisados SN produzidos pelos aprendentes chineses de PLE através da tradução literal da sua LM. Os resultados sugerem que os aprendentes estão conscientes das diferenças estruturais entre os SN em português e os SN em mandarim. Isto é, para os aprendentes chineses de PLE, a estrutura de SN em português é óbvia. O que dificulta a produção de SN é a marcação de um determinado valor semântico por uma estrutura apropriada.

Capítulo II. Sintagma nominal em português e em mandarim

Este capítulo tem como foco as construções de SN em português e em mandarim, abordando as estruturas constituintes e os sentidos que essas estruturas podem introduzir no SN. Serão discutidos os componentes do SN em português — o núcleo, o complemento e o modificador do nome nuclear, o especificador — e as possíveis construções dos SN em mandarim — a associação e a quantificação — com ênfase na interpretação categorial da classe do classificador. Além disso, serão apresentadas as ordens possíveis dos componentes dos SN nas duas línguas.

2.1 Nomes em português e em mandarim

Segundo vários autores (Cheng & Sybesma, 2014; Cunha & Cintra, 2015; Duarte & Oliveira, 2015; Raposo & Miguel, 2013, entre muitos outros), tanto em português como em mandarim, os SN podem ter como núcleo um nome comum, quer concreto quer abstrato (p.e., *qiānbǐ* ‘lápis’, *píláo* ‘cansaço’), um nome próprio (p.e., *wànlǐchángchéng* ‘Grande Muralha da China’) ou um pronome (p.e., *wǒ* ‘nós’, *nǐmén* ‘vós’). Do ponto de vista funcional, os nomes são encarados como palavras nucleares dos constituintes sujeito ou complemento direto, e ainda de outros SN que integrem os constituintes complemento indireto, complemento oblíquo e complemento agente da passiva. Efetivamente, os SN desempenham as funções de sujeito e de complemento direto, enquanto as funções de complemento indireto ou oblíquo e a do agente da passiva são realizadas por um sintagma preposicional (a seguir designado por *SP*) que abrange um SN (Cunha & Cintra, 2015: 233).

Segundo Cunha e Cintra (2015: 233), o nome — nominal, nos seus próprios termos — designa os seres em geral: «pessoas, lugares, instituições, um género, uma espécie ou um dos seus representantes⁶». Raposo e Miguel (2013: 736) observam que os nomes comuns, tanto os isolados como os seguidos de um complemento ou modificador (que, neste último caso, se considera como fazendo parte do grupo nominal ou GN, cf. 2.2.2.1 e 2.2.2.2), têm uma função de classificação, isto é, a função de organizar as entidades que uma língua pode nomear em conjuntos correspondentes a todas as que «partilham determinadas propriedades distintivas». Por outras palavras, de modo geral, qualquer nome comum (ou GN) pode denotar um conjunto de entidades nomeadas por si, sem designar o número dos componentes desse conjunto. Conforme Duarte e Oliveira (2015: 210), uma vez que são «utilizados numa situação concreta de comunicação, com uma função designatória ou de nomeação», os nomes são potenciais de referência. As mesmas autoras justificam que qualquer objeto pode ser nomeado numa língua.

⁶ Carlson (1977) introduz a noção de *espécie* na literatura linguística. Segundo Peres (2013), quando se concebem as espécies como «entidades de contornos muito vastos, quer temporal quer espacialmente», essa noção tem um valor de reconhecimento «quer pelo senso comum quer pelo conhecimento científico». Designam-se as entidades particulares que pertencem a uma dada espécie por *espécimes*. O autor ainda refere que as espécies reconhecidas não coincidem com os seus espécimes, visto que esses espécimes podem não ter todas as propriedades que as espécies têm (Peres, 2013: 739). Por exemplo, diz-se que o corpo humano em geral tem cerca de 4,5 litros de sangue, mas não se pode dizer de cada ser humano individualizado que essa afirmação é verdadeira.

Assim, todos os nomes podem designar um conjunto de entidades cuja constituição se relaciona cognitivamente com «diferentes graus de abstração e complexidade conceptual». Visto isso, há alguns parâmetros que subdividem os nomes em várias categorias, entre os quais se assinalam: i) a oposição concreto/abstrato; ii) a designação rígida de uma única entidade num dado universo de referência ou a designação de uma ou mais propriedades que definem um conjunto de entidades; e iii) a designação de um conjunto de entidades descontínuas e discretas ou de entidades contínuas e não discretas. Esses parâmetros determinam as classificações em nomes concretos ou abstratos, nomes próprios ou comuns, nomes contáveis ou não contáveis (a última classificação será discutida em 2.3.2).

Cunha e Cintra (2015) consideram os nomes concretos como nomes que designam «os seres propriamente ditos», incluindo «os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um género, de uma espécie ou de um dos seus representantes», e nomes abstratos como os que designam «noções, ações, estados e qualidades». Os valores dos nomes numa língua não se situam nos dois polos [\pm concreto] e [\pm abstrato], mas antes numa escala que assume e concede diferentes níveis (ou valores) de abstração, consoante o contexto em que os nomes ocorrem (Cunha & Cintra, 2015: 234; Duarte & Oliveira, 2015: 211). No entanto, Raposo e Miguel (2013: 737) defendem que as subcategorias de nomes concretos e de nomes abstratos «condicionam sobretudo a compatibilidade com outros elementos do léxico e não a boa formação sintática ou a interpretação semântica», tal como Duarte e Oliveira (2015: 212) justificam — «a distinção entre [nomes] concretos e abstratos não parece ser central no sistema gramatical». Visto isso, não se desenvolverá a abordagem sobre essas subcategorias de nome na presente tese.

Em relação à distinção entre nomes próprios e nomes comuns, Cunha e Cintra (2015: 234) consideram que os nomes próprios têm uma função de designação específica; isto é, podem designar entidades individuais de uma determinada espécie. Exemplificando, os nomes próprios *João*, *Portugal* e *Wikipédia* nomeiam e, do modo simultâneo, assinalam um certo homem, um determinado país e um *website* particular. Duarte e Oliveira (2015: 213) referem que o nome próprio «designa rigidamente uma única entidade socioculturalmente saliente» num dado universo de discurso (cf. *Aristóteles é um dos fundadores da filosofia ocidental*) ou um único (e o mesmo) indivíduo identificado pelo(s) interlocutor(es) quando for comunicativamente adequado (cf. *Os Açores são um arquipélago*). Por outras palavras, como referido acima, os nomes próprios designam sempre objetos únicos que pertencem a certa classe do universo de discurso. Raposo e Miguel (2013: 714) notam que os nomes próprios não têm conteúdo descritivo; ou seja, são «uma espécie de etiqueta arbitrária». Quanto à referência dos nomes próprios, a sua identificação depende estreitamente de um conhecimento cognitivamente partilhado pelos interlocutores sobre o referente. Ou seja, o valor referencial dos nomes próprios relaciona-se, de modo integral, com o falante, com o contexto situacional e discursivo e com o lugar e tempo em que se produz o enunciado.

Nas subsecções seguintes, o foco estará em duas subclasses — o nome comum e o

pronome pessoal — que se destacam em função das suas características lexicológicas em português e em mandarim. Essas duas subclasses distinguem-se em diferentes níveis (p.e., no nível morfológico ou semântico) e têm comportamentos distintos quando funcionam como expressões referenciais.

2.1.1 Nomes comuns

Cunha e Cintra (2015: 234) opõem o nome comum ao nome próprio, defendendo que o primeiro pode designar «a totalidade de todos os seres de uma espécie» ou designar «uma abstração» (i.e., designação genérica), enquanto o segundo designa «um indivíduo de determinada espécie» (i.e., designação específica). A designação genérica é realizada, sobretudo, pelos nomes comuns. Em conformidade com Raposo e Miguel (2013: 714), os nomes comuns não têm função de designar exemplares concretos do universo de discurso, mas apenas a função de os denotar. Duarte e Oliveira (2015: 215) sugerem uma forma não marcada dos nomes comuns — a sua forma singular sem complemento (cf. 2.2.1.1) nem especificador (cf. 2.2.2) — justificando que nomes comuns, nesta forma não marcada, só exprimem uma intensão. Como Raposo e Miguel (2013) ilustram, um nome comum — por exemplo, *cavalo* — exprime uma intensão (i.e., um conjunto de propriedades definitórias) e denota uma extensão (i.e., uma classe de entidades). Em geral, para poderem assinalar um indivíduo ou uma determinada quantidade de indivíduos exemplares, ou seja, para terem um valor referencial, os nomes comuns têm de combinar-se com um especificador (Raposo & Miguel, 2013: 714) e com uma marca de número (Duarte & Oliveira, 2015: 216) (cf. *um cavalo, o cavalo, aqueles cavalos e seis cavalos*). Contudo, destaca-se uma distinção entre o português e o mandarim neste aspeto: o nome comum em mandarim pode assinalar, por si só, o seu referente no universo de discurso. Este ponto será discutido na secção 3.2.

Dado que os nomes comuns têm um conteúdo descritivo, podem «selecionar argumentos e combinar-se com vários tipos de modificadores, que os restringem e modificam em várias dimensões semânticas» (Raposo & Miguel, 2013: 714). Duarte e Oliveira (2015: 217) defendem que os nomes comuns, por vezes, exigem complementos e modificadores restritivos (para além de especificadores) para a realização da referência. Peres (2013: 742) classifica os nomes comuns em português em dois grupos, em função de requererem (ou não) complementos: nomes dependentes e nomes autónomos. Como o autor justifica, essa classificação, baseada em «particularidades semânticas que não coincidem com as diferenças ontológicas», age sobre a construção dos SN que têm um nome comum como núcleo. A secção 2.2.1.1 referir-se-á à complementação dos nomes dependentes.

Segundo Peres (2013: 744), do ponto de vista semântico, o português dá uma grande importância à distinção entre nomes comuns contáveis e não contáveis, uma vez que, na gramática, a seleção de quantificadores é sensível a essa distinção (ver 2.2.2.2). Quanto à distinção dos nomes comuns em mandarim, o facto de um nome ser contável ou não tem

influência sobre a seleção de classificadores (ver 2.3.2).

No que diz respeito aos nomes comuns em mandarim, além das classificações acima referidas, destaca-se uma classificação de nomes comuns do ponto de vista lexicológico — nomes simples⁷ e o nomes compostos (Liu *et al.*, 2004). Exemplificando com os exemplos seguintes⁸:

- (1) a. jiā
‘casa / a família’
b. bōlí
‘o vidro’
c. túshū-guǎn
livro-sítio
‘a biblioteca’
d. jìsuàn-jī
calcular-máquina
‘o computador’

O facto de um nome ser simples ou composto não se vê diretamente pelo número dos caracteres nele incluídos, mas antes pelo seu modo de denotação. Os nomes simples denotam uma classe de entidades por lhe dar um nome (cf. (1a, b)), enquanto os nomes compostos denotam uma classe de entidades pela combinação de determinadas unidades lexicais, representando a propriedade mais óbvia desta classe (cf. (1c, d)). Existe um grande número de nomes compostos formados com base num nome simples. Vejam-se os exemplos em (2), (3) e (4):

- (2) a. chá bēi
chá recipiente-pequeno-para-líquidos
‘o recipiente para beber chá’
b. pútáo jiǔ bēi
uva bebida-alcoólica recipiente-pequeno-para-líquidos
‘o recipiente para beber vinho’
c. kāfēi bēi
café recipiente-pequeno-para-líquidos
‘o recipiente para beber café’
(3) a. zīběn zhǔyì
capital princípio

⁷ Distingue-se o termo *nome simples* do termo *SN simples* nas secções seguintes. O primeiro refere a nomes que possuem uma só unidade lexical, enquanto o último se refere a SN que não contém determinantes ou quantificadores (é equivalente ao termo *bare noun* em inglês, que também se designa por *nome nu* em português).

⁸ Para simplificar, os exemplos em mandarim são grafados com as letras do alfabeto e não com caracteres.

- ‘o capitalismo’
- b. mǐnzú zhǔyì
nação princípio
- ‘o nacionalismo’
- c. mǎkèsī zhǔyì
Marx⁹ princípio
- ‘o marxismo’
- (4) a. yǎn kē
olho setor
- ‘a oftalmologia’
- b. pífū kē
pele setor
- ‘a dermatologia’
- c. wài kē
exterior setor
- ‘a cirurgia’
- d. jīngshén kē
mentalidade setor
- ‘a psiquiatria’

Em comparação com o português, na qual se dá nomes aos recipientes pequenos para bebidas consoante a sua aparência externa (p.e., o copo, a chávena, a taça, etc.), o mandarim tem um conceito distinto para designar estes recipientes — designa-os consoante o seu conteúdo habitual. Ou seja, em chinês, o facto de um recipiente ter ou não asa (ou pé) é indiferente na sua nomeação. Por essa razão, uma explicação possível para expressões como *bebi um copo de café* produzida por aprendentes de PLE que têm o mandarim como língua materna é o facto de os aprendentes generalizarem a denotação do nome *copo* como ‘qualquer recipiente pequeno para bebidas’, ignorando o facto de que este nome em português denota um tipo de recipiente diferente¹⁰.

Outra diferença assinalável entre o português e o mandarim, que prejudica, de forma considerável, a aprendizagem dos aprendentes, é que os nomes comuns em português podem ‘converter-se’ do género masculino no feminino e do número singular no plural, e vice-versa, através da troca do índice temático *-o* por *-a* ou por acrescento de um *-s* (Ilari, 2013: 52). Por outras palavras, os nomes comuns em português possuem marcas de natureza morfológica que assinalam o seu valor masculino/feminino ou singular/plural. Em mandarim, uma língua de morfologia muito reduzida, não se constrói tal sistema de flexão. À vista disso, serão discutidos

⁹ Na escrita, os nomes ocidentais são obrigatoriamente traduzidos para o chinês conforme a pronúncia da língua de origem. Pelo facto de dada pronúncia poder corresponder a vários caracteres, é provável que um nome ocidental tenha diferentes versões escritas em chinês.

¹⁰ Para outra possibilidade, veja-se 2.3.2.

na secção 2.2.3 os mecanismos de concordância entre os elementos do SN em português que podem ser obstáculo para os aprendentes chineses de PLE.

2.1.2 Pronomes

Vários autores (Brito, 2006; Brito & Raposo, 2013; Cunha & Cintra, 2015; Liu *et al.* 2004; entre outros) definem o pronome como uma classe de unidades linguísticas que desempenham função equivalente àquela dos SN. Cunha e Cintra (2015: 351) distinguem os pronomes substantivos dos pronomes adjetivos em português, referindo que os primeiros «servem para representar um substantivo [ou nome, na atual terminologia]» (cf. *alguém está a bater à porta*) e os últimos acompanham «um substantivo [ou nome] determinando-lhe a extensão do significado» (cf. *o teu vestido é lindo*). No entanto, Raposo (2013a: 883) delimita o significado do termo *pronome* na sua gramática, defendendo que o pronome, do ponto de vista sintático, ocorre em substituição de um SN completo, e não apenas de qualquer elemento (ou quaisquer elementos combinados) desse SN; enquanto do ponto de vista semântico, o pronome tem uma interpretação equivalente àquela de um SN completo. Ao dizer “SN completo”, os autores referem-se a um SN que envolve um especificador (i.e., um determinante ou um quantificador, ver 2.2.2) e um grupo nominal (i.e., um nome comum e, se estiverem disponíveis, o seu complemento ou modificador), opondo-o a um SN reduzido. Isto é, o pronome compreende o valor de um especificador em simultâneo com «um sentido nominal intrínseco». Assim, em português, embora a maioria dos especificadores possa ocorrer isoladamente no SN (isto é, sem se combinar com um nome), não é possível retomar um conteúdo nominal de modo intrínseco (cf. **o teu é lindo*¹¹ vs. *não gosto do vestido dela. o teu é lindo*).

Em virtude dessa delimitação, existem as seguintes subclasses de pronomes: pessoais (incluindo os possessivos¹²), demonstrativos (i.e., *isto, isso e aquilo*), de quantificação existencial (i.e., *algo, alguém, nada, ninguém e outrem*, também chamados pronomes indefinidos), relativos e interrogativos (i.e., *como, cujo, onde, o que, o quê, quando, quanto e quem*) e o pronome de quantificação universal *tudo* (Raposo, 2013a: 884). O conceito de pronome referido na presente tese restringe-se às formas invariáveis ou neutras dos pronomes. Isto é, não se discutem, em conjunto com as suas variantes morfológicas, os pronomes possessivos (cf. Quadro 1), as contrapartidas (ou seja, as formas representadas na classe de especificadores) dos pronomes demonstrativos (p.e., *este, essas, aquele*, etc.), dos pronomes indefinidos (p.e., *algum, nenhum*, etc.) e do pronome *tudo* (i.e., *todo, toda, todos e todas*), nem os pronomes relativos/interrogativos que se relacionam aos especificadores relativos/interrogativos (dito de outra maneira, não se trata do que é designado como *pronomes adjetivos* por Cunha e Cintra (2015)).

Devido à extensão limitada desta tese, apresenta-se nesta subsecção uma breve

¹¹ Usa-se o asterisco para a indicação da agramaticalidade de expressão (Eliseu, 2008).

¹² Raposo (2013a: 884) não considera os pronomes possessivos como uma subclasse de pronomes em particular, mas antes uma das várias formas que os pronomes pessoais podem tomar.

comparação entre os pronomes pessoais e demonstrativos em português e em mandarim. As diferenças destacadas entre essas subclasses de pronomes nas duas línguas situam-se, em primeiro lugar, na riqueza lexical da classe de pronomes pessoais; em segundo lugar, nas suas propriedades morfossintáticas; e, por último, nas características semânticas, especialmente a função dêitica e a função referencial dos pronomes demonstrativos. Segundo uma demonstração dos pronomes pessoais em português por Raposo (2013: 902), confrontam-se, no Quadro 1, as formas diferentes dos pronomes pessoais em português:

| | Formas tónicas | | | Formas átonas (clíticas) | |
|--------|----------------|-----------------------|--|--------------------------|-----------|
| | Nominativo | Oblíquo | Genitivo (pronomes possessivos) ¹³ | Acusativo | Dativo |
| 1ºSING | eu | mim, comigo | meu, minha, meus, minhas | me | me |
| 1ºPL | nós | nós, connosco | nosso, nossa, nossos, nossas | nos | nos |
| 2ºSING | tu | tí, contigo | teu, tua, teus, tuas | te | te |
| | você | você, si consigo | seu, sua, seus, suas | o, a, se | lhe |
| 2ºPL | vós | vós, convosco | vosso, vossa, vossos, vossas | vos | vos |
| | vocês | vocês, convosco | vosso, vossa, vossos, vossas, seu, sua, seus, suas | os, as, vos, se | lhes, vos |
| 3ºSING | ele, ela | ele, ela, si, consigo | seu, sua, seus, suas | o, a, se | lhe |
| 3ºPL | eles, elas | eles, elas | seu, sua, seus, suas | os, as, se | lhes |

Quadro 1 – Pronomes pessoais em português

Segundo Raposo (2013a: 897), morfologicamente, os pronomes pessoais distinguem-se dos nomes em geral pelo facto de os primeiros poderem distinguir-se entre quatro formas que desempenham diferentes funções gramaticais na estrutura frásica. Explicando melhor, as formas nominativas desempenham a função de sujeito; as formas acusativas desempenham a função de complemento direto; as formas dativas desempenham a função de complemento indireto; as formas oblíquas desempenham a função de complemento oblíquo; e as formas genitivas desempenham a função de modificador ou complemento do nome (cf. 2.2.1.1 e 2.2.1.2).

Além dessa distinção das formas casuais do pronome pessoal, ainda existe uma distinção entre as suas formas tónicas (i.e., as formas nominativas e oblíquas) e átonas (i.e., as formas acusativas e dativas). Cunha e Cintra (2015: 355) referem que essa distinção depende da acentuação. As formas átonas do pronome pessoal são clíticos, i.e. «itens lexicais sem acento prosódico atribuído no léxico» (Raposo, 2013a: 904). Tanto Cunha & Cintra (2015) como Raposo (2013a) observam que, devido a fatores fonológicos, os clíticos têm de se juntar ao verbo quando ocorrem numa oração. Esta atração pode ser representada com configurações diferentes: a ênclise (cf. *passa-me o sal, por favor*), a próclise (cf. *não te vimos na festa de ontem*) e a mesóclise (cf. *vê-la-ei amanhã na escola*). Em particular, quando ocorrem de forma

¹³ Discutem-se os pronomes possessivos em 2.2.1.4 adiante.

enclítica, os pronomes clíticos acusativos de 3ª pessoa têm variantes condicionadas por motivos morfológicos. As três variantes *-o(s)/-a(s)*, *-lo(s)/-la(s)* e *-no(s)/-na(s)* ocorrem em situações diferentes: o primeiro par liga-se a «um verbo terminado em vogal ou ditongo oral» (cf. *vejo-os*, *buscou-a*); o segundo par ocorre com verbos no infinitivo ou «com verbos que terminam numa consoante sibilante» (i.e., os verbos que terminam em *-r*, *-s* ou *-z*; neste caso, os verbos «sofrem queda (apócope) da sua consoante vibrante final», cf. *vou vê-la amanhã na escola*); e o último par combina-se com verbos que terminam num ditongo nasal (cf. *eles viram-na ontem no jardim*) (Raposo, 2013: 905; Cunha e Cintra, 2015: 357). Estas particularidades fonológicas originam muitas dificuldades para os aprendentes chineses.

Por último, segundo Raposo (2013a: 905), as formas nominativas e oblíquas podem ocorrer nas situações seguintes: i) na combinação com outros elementos do mesmo SN (cf. *só tu foste vítima da burla telefónica*); ii) na coordenação entre si (cf. *eu, tu e eles vamos trabalhar em grupo*); iii) no contraste enfático (cf. *ela pediu-te um favor a ti, não a mim*); e, particularmente, iv) as formas oblíquas, quando constituem resposta a uma pergunta, podem ocorrer isoladas ou combinadas com uma preposição (cf. A – *quem quer jantar fora?* B – *eu*; A – *em quem confias?* B – *em vocês*). Ao contrário, as formas acusativas e dativas não podem ocorrer nestas situações (cf. **enganaram-te só*; **visitei-o e as*; **ela pediu-nos um favor, não vos*; A – *a quem pertence este número de telefone?* B – **lhe*).

O Quadro 2 representa os pronomes pessoais ‘canónicos’¹⁴ em mandarim. Segundo Liu *et al.* (2004: 72-82), há, ainda, outros pronomes pessoais usados por falantes de mandarim de diferentes regiões (cf. 1.2.1, p. 2).

| Pronomes pessoais | |
|-------------------|--------------------------|
| 1ªSING | wǒ |
| 1ªPL | wǒ-men |
| 2ªSING | nǐ |
| | nín |
| 2ªPL | nǐ-men |
| | nín-men |
| 3ªSING | tā, tā, tā ¹⁵ |
| 3ªPL | tā-men, tā-men, tā-men |

Quadro 2 – Pronomes pessoais em mandarim

Li e Thompson (1989: 134) referem que, em mandarim, não existe mecanismo de flexão nem de declinação. Por este facto, a classe dos pronomes pessoais em mandarim é relativamente simples. Como Ross e Ma (2006: 23) sintetizam, os pronomes pessoais em mandarim não se

¹⁴ Existem, ainda, mais expressões, quer gramaticalizadas quer não, que servem de pronomes pessoais em mandarim. Algumas dessas expressões usam-se em determinadas regiões e são consideradas marginais ou incompreensíveis nas outras. Além disso, a interpretação dessas expressões exige uma distinção entre a pessoa semântica e a gramatical. Por exemplo, a expressão *rénjia* que se considera como pronome pessoal de 3ª pessoa no singular ou no plural pode usar-se para a representação de 1ª pessoa no singular no registo coloquial (Liu *et al.*, 2004: 77). Assim sendo, não se incluem essas expressões no Quadro 2.

¹⁵ A repetição das formas iguais nestas duas linhas deve-se à homofonia demonstrada infra (p. 15).

distinguem consoante a sua função gramatical. Ou seja, não há uma correlação entre as funções gramaticais dos pronomes pessoais e as suas formas. A mesma forma pode usar-se para o sujeito, o complemento direto ou indireto e o possessivo. Visto isso, quando se consideram os pronomes pessoais em mandarim, importa ter em conta os mecanismos linguísticos que são necessários para a realização das funções gramaticais acima referidas. Os exemplos em (5) demonstram alguns usos canónicos dos pronomes pessoais sublinhados:

- (5) a. tā-men cóng pútáoyá lái。
 PRON:3ª.PL PREP:DE Portugal vir
 ‘Eles/as vêm de Portugal.’
- b. lǎoshī ānwèi-le wǒ。
 professor/a confortar-PERF¹⁶ PRON:1ª.SING
 ‘O/A professor/a confortou-me.’
- c. wǒ qù gěi nǐ mǎi gè dàn’gāo。
 PRON:1ª.SING ir PREP:PARA PRON:2ª.SING comprar CL¹⁷ bolo
 ‘Vou comprar-te um bolo.’
- d. tóngshì-men mǎi-le yī gè dàn’gāo gěi nǐ 。
 colegas comprar-PERF NUME:UM CL bolo PREP:PARA PRON:2ª.SING
 ‘Os/As colegas compraram um bolo para ti (não para ninguém mais).’

Em (5a, c), os pronomes *tā-men* ‘eles/as’ e *wǒ* ‘eu’ desempenham a função de sujeito. Em (5b), o pronome *wǒ* ‘eu’ funciona como complemento direto do verbo ‘confortar’. Os pronomes pessoais em (5c, d) servem de complemento indireto do verbo ‘comprar’, precedidos de uma preposição. Comparando os pronomes pessoais que ocorrem em posições diferentes nas frases em (5), todos mantêm a sua forma canónica. As frases em (5c) e (5d) demonstram que as posições do complemento direto e do complemento indireto podem ser invertidas. Li e Thompson (1989: 372) sugerem que essa inversão suscita interpretações diferentes entre frases em que o complemento direto precede o complemento indireto e frases com a ordem inversa. No contexto em que o complemento direto exprime uma informação já mencionada, este precede o indireto. Por sua vez, quando o complemento indireto exprime uma informação conhecida, ele precede o direto. Em (5c), o complemento indireto *nǐ* ‘te’ é informação conhecida pelos interlocutores, enquanto o complemento direto *dàn’gāo* ‘um bolo’ é informação nova, pelo que surge depois do pronome. Em (5d), a circunstância é a inversa: *dàn’gāo* ‘o bolo’ é a informação conhecida, ao passo que o destinatário *nǐ* é a informação nova.

¹⁶ A partícula *le* que se segue imediatamente ao verbo considera-se como um marcador do aspeto perfeito (Soh, 2014). Huang *et al.* (2009) tratam *le* com esse uso por «V. Aspectual morpheme» (i.e., morfema verbal de aspeto).

¹⁷ Para os usos do classificador, veja-se 2.3.2 adiante.

Ainda se destaca o facto de, em mandarim, os pronomes pessoais permitirem a flexão de número e aqueles da 3ª pessoa, em particular, o contraste de género. A forma plural resulta da adição do marcador de plural *men* (o equivalente semântico da marca do plural em português) à direita da forma singular. O contraste de género é representado por dois caracteres homófonos, pois não é distinguível na oralidade (Ross & Ma, 2006: 23). Para além disso, de forma distinta do português, quando o pronome pessoal da 3ª pessoa referir uma ou mais entidades de propriedades [+animado, –humano] ou [–animado], utiliza-se um carácter exclusivo para a sua designação, e esse carácter também assinala a homofonia acima referida (Li & Thompson, 1989: 134). Contudo, na presente tese, não se considera esse último uso de igual pertinência.

Ao contrário do que acontece em português, os pronomes pessoais em mandarim podem ser modificados¹⁸. A modificação do pronome pessoal e a do nome comum realizam-se de igual maneira; isto é, por um sintagma adjetival ou uma oração relativa ligado/a ao pronome com a partícula *de* (ver 2.3.1). Cf.:

- (6) a. qíguài de t̃ā
 estranho DE PRON:3ª.SL
 ‘a estranheza dele/dela’
- b. rénmín xǐ’ài de t̃ā
 povo gostar DE PRON:3ª.SL
 ‘ele/a, de quem o povo gosta’

Em (6a), o pronome pessoal *t̃ā* ‘ele/a’ é modificado por um adjetivo seguido da partícula *de*. Em (6b), a modificação do pronome realiza-se por uma oração relativa que se liga ao pronome pela partícula *de*. As expressões modificadoras representam uma propriedade das pessoas referidas pelos pronomes pessoais — *ser estranho/a* ou *ser preferido/a pelo povo*, respetivamente.

Quanto aos pronomes demonstrativos *isto*, *isso* e *aquilo* em português, Raposo (2013a: 892) afirma que eles têm «um sentido inerente [–humano]». Segundo o autor, os pronomes demonstrativos podem assinalar «objetos materiais, situações, ideias e noções abstratas». Por outras palavras, a interpretação do pronome demonstrativo relaciona-se com o traço semântico [±concreto] (ou [±abstrato], com os valores atribuídos inversos). Se o pronome demonstrativo tiver um valor [+concreto], refere à categoria de objeto material; quando for [–concreto], o pronome demonstrativo cobre as categorias de «facto, situação, hipótese, ideia ou valor abstrato».

Em mandarim, há dois pronomes demonstrativos canónicos *zhè* ‘isto’ e *nà* ‘isso/aquilo’. O primeiro indica que o referente, se for objeto material, está situado junto do falante; se for

¹⁸ Li e Thompson (1989: 133) insistem que os pronomes pessoais em mandarim não podem coocorrer com qualquer tipo de modificador. Liu *et al.* (2004: 72) sugerem que, apenas na escrita, alguns pronomes pessoais podem ocorrer em conjunto com modificadores. Contudo, tais ocorrências são raras. Opõe-se a essas afirmações nesta tese, visto que se encontram frequentemente ocorrências de combinação de um pronome com modificador(es) em diferentes registos.

evento, está próximo do momento do enunciado. Em contrapartida, o segundo implica que o referente está distante do falante ou longe do instante em que o falante enuncia (Ross & Ma, 2006: 38-39). De maneira distinta dos demonstrativos em português, os pronomes demonstrativos em mandarim podem substituir um SN com valor [+humano], sem introduzir nenhum sentido de insulto (Liu *et al.*, 2004: 83). Do ponto de vista sintático, os pronomes demonstrativos mantêm a mesma forma na frase, tanto na posição do sujeito como na posição do complemento. Segundo Liu *et al.* (2004: 83), Ross e Ma (2006: 38), os pronomes demonstrativos ocorrem correntemente na posição inicial da frase, desempenhando a função de sujeito. Liu *et al.* acrescentam que esses pronomes raramente funcionam como complemento direto do verbo, mas antes como complemento indireto ou oblíquo. Exemplificando:

- (7) a. zhè shì jiāo pútáoyáyǔ de wáng lǎoshī。
 DEM V.COP:SER ensinar português DE NP professor/a
 ‘Este/a (professor/a) é o/a Professor/a Wang que ensina português.’
- b. A – wǒ méi dài bǐ. B – nà bù shì ma¹⁹?
 PRON:1ª.SL nada trazer caneta DEM não V.COP:SER SFP
 ‘A – Não trouxe caneta. B – Isso/Aquilo não é?’
- c. wǒ jīngcháng qù diànyǐngyuàn, * wǒ xǐhuān nà²⁰。
 PRON:1ª.SL frequente ir cinema PRON:1ª.SL gostar DEM
 ‘Vou frequentemente ao cinema. Gosto disso.’
- d. Wèi Xī bù qù diànyǐngyuàn, tā duì nà bù gǎn xìngqù。
 NP não ir cinema PRON:3ª.SL PREP DEM não sentir interesse
 ‘O/A Xi Wei nunca vai ao cinema. Ele/Ela não tem interesse por isso.’

Nas frases em (7), os pronomes demonstrativos com papéis sintáticos diferentes têm uma forma única. Em (7a), o pronome *zhè* ‘isto’ refere uma entidade de propriedades [+animado, +humano], desempenhando a função de sujeito. Esse uso é frequente numa frase com o predicador ‘ser’, que se interpreta como introdução de uma pessoa. Em (7b), o pronomes *nà* ‘isso/aquilo’ refere à caneta, uma entidade [-animado] mencionada pelo interlocutor A, assinalando o facto que a caneta está relativamente distante do interlocutor B. Em (7c), o pronome *nà* ‘isso/aquilo’ serve de complemento direto do verbo *xǐhuān* ‘gostar’, um verbo transitivo em mandarim, resultando na agramaticalidade. Em comparação, o mesmo pronome em (7d) tem a função de complemento indireto do verbo *gǎn*²¹ ‘sentir’ e a frase é plausível.

¹⁹ A partícula *ma* no final da frase (a seguir designada por SFP, a sigla do termo inglês *sentence-final particle*) serve de marcador de interrogação (Li & Thompson, 1989: 521).

²⁰ Esta é gramatical se *nà* for uma expressão locativa, equivalente a ‘gosto dali’.

²¹ Em mandarim, os verbos que seleccionam dois argumentos internos seguem uma norma geral: o complemento indireto é introduzido por uma preposição, precedendo o verbo; o complemento direto ocorre à direita do verbo.

Em resumo, os pronomes pessoais e demonstrativos em português e em mandarim distinguem-se nos domínios lexical, morfosintático e semântico. Em comparação com os pronomes em mandarim, os pronomes pessoais em português possuem uma riqueza formal que se revela em determinadas posições na frase. Além disso, os pronomes demonstrativos nas duas línguas têm valores dêiticos ou referenciais distintos. Tendo tudo isso em conta, os aprendentes chineses podem ter dificuldades em produzir e compreender SN cujo núcleo é um pronome.

2.2 Construções do sintagma nominal em português

Num SN, podem estar envolvidos mais elementos além do núcleo nominal. Segundo Brito (2006: 329), o complemento, em conjunto com o nome nuclear com o qual se combina, forma a estrutura lexical do SN, enquanto o determinante e o quantificador constituem a estrutura funcional. A autora sugere que o modificador, estando numa posição intermédia entre a estrutura lexical e a funcional, recebe constituintes com diversidade semântica. Brito e Raposo (2013) consideram o conjunto construído pelo nome nuclear e o seu complemento, modificador e adjunto adverbial²² como «um grupo intermédio na estrutura do SN» — grupo nominal (a seguir designado por *GN*). Os autores ainda referem a função dos especificadores em representar um valor referencial e quantificacional do SN (Brito & Raposo, 2013: 1046; Brito, 2006: 345). Nesta secção, serão descritos os constituintes “acessórios” do SN (i.e., elementos a não ser o núcleo) em português, incluindo o complemento (ver 2.2.1.1), o modificador (ver 2.2.1.2), o especificador, incluindo o determinante e o quantificador (ver 2.2.1.3). Além disso, a estrutura do SN em português assinala-se pela concordância — os seus mecanismos serão abordados em 2.2.1.4, no final desta secção.

2.2.1 Estrutura lexical do SN

2.2.1.1 Complementos do nome

Na estrutura lexical do SN, em algumas circunstâncias, o nome nuclear pode seleccionar elementos que lhe completam o sentido. Esses elementos seleccionados ilustram diferentes propriedades sintáticas e semânticas, dependendo da natureza do nome nuclear: alguns nomes requerem constituintes com os quais estabelecem relações de complementação, enquanto os outros não seleccionam nenhum elemento complementar desse tipo. Brito e Raposo (2013) consideram os primeiros como nomes dependentes e estes últimos como nomes autónomos. Segundo os autores, do ponto de vista semântico, os nomes dependentes interpretam-se principalmente como estabelecendo uma relação com outra entidade no universo de discurso. Por exemplo, os nomes de parentesco como *filho* requerem uma entidade que serve de “possuidor” da relação designada (cf. *o filho do José*); os nomes que denotam situações ou

²² Os adjuntos adverbiais contêm-se nas nominalizações com uma interpretação eventiva e têm, tipicamente, forma de SP ou de advérbio. Em virtude de os adjuntos adverbiais poderem ocorrer irrestritamente nas nominalizações (Brito & Raposo, 2013), não se põe ênfase no seu uso na presente tese.

eventos como *destruição* e *visita* precisam de entidades que representam determinados papéis temáticos (cf. *a destruição do meio ambiente pelo homem* e *a visita da Ana a França*). Em contrapartida, os nomes autónomos não requerem uma interpretação com auxílio de outras entidades. Ou seja, mesmo isolados podem denotar entidades identificáveis (cf. *água, caderno, elefante e mármore*).

Em relação à complementação do sentido do nome nuclear, é necessária uma abordagem sobretudo dos nomes dependentes, o que será o foco desta subsecção. Em primeiro lugar, esses nomes selecionam obrigatoriamente os complementos nominais, o que resultará numa estrutura de SN relativamente complexa. A seguir, a interpretação de um SN que tem um nome dependente como núcleo pode variar consoante os complementos selecionados e o contexto em que esse SN ocorre. Enfim, a construção e a interpretação dos SN cujo núcleo é um nome dependente podem ser consideradas de alta complexidade para os aprendentes chineses de PLE, visto que se relacionam com a utilização de outras classes de palavras, como adjetivos, verbos, preposições e determinantes, sem falar nas questões de ordem e de concordância.

Brito (2015) refere as duas subcategorias de nomes dependentes em português: uma de nomes que se relacionam lexicalmente com outras classes de palavras, e a outra de nomes não relacionáveis lexicalmente com outras palavras. Segundo a autora, os nomes da primeira categoria são derivados com base em outros nomes, em adjetivos (i.e., nomes deadjetivais) ou em verbos (i.e., nomes deverbais). Por este facto, esses nomes «são quase sempre predicados semânticos, com lugares ou argumentos (...) [que] podem ser descritos através de relações temáticas» (Brito, 2015: 331). Segundo Raposo e Miguel (2013: 715), os argumentos dos nomes dependentes têm a função gramatical de complemento e realizam-se, tipicamente, por um SP que ocorre à direita do nome; ou por vezes, por um pronome possessivo (cf. Quadro 1, p. 12).

Vários autores (Brito, 2006; 2013; Raposo & Miguel, 2013; Brito & Raposo, 2013; Cunha & Cintra, 2015; entre os outros) apresentam um interesse particular pelos nomes dependentes que denotam situações, ou seja, os nomes deverbais, uma vez que esses nomes são em grande número em português e estabelecem com os seus argumentos uma relação semelhante àquela estabelecida por esses argumentos com os verbos correspondentes. Raposo e Miguel (2013: 715) designam por *nominalização* o processo em que um nome deverbal ou deadjetival herda o(s) argumento(s) do verbo ou adjetivo correspondente e o(s) envolve num SN. Visto isso, a nominalização é importante para construir a estrutura lexical do SN. Conforme Brito (2006: 332), na nominalização, o significado dos nomes deverbais e o número dos seus complementos potenciais coincidem com as propriedades dos verbos correspondentes. Por outro lado, a grande maioria dos nomes deverbais tem uma leitura aspetual coincidente com a dos verbos correspondentes. Isto é, como Brito e Raposo (2013: 1048) defendem, esses nomes deverbais podem designar situações ou acontecimentos localizados no espaço e no tempo, assim como os verbos com os quais se relacionam. Exemplificando:

- (8) a. o nascimento [do Pedro] (cf. *o Pedro nasceu*)
 b. o planeamento [de uma empresa] (cf. *planear uma empresa*)
 c. a fuga [de Álvaro Cunhal da prisão de Caxias]
 (cf. *Álvaro Cunhal fugiu da prisão de Caxias*)
 d. a chegada [de Camões] [a Lisboa]
 (cf. *Camões chegou a Lisboa*)
 e. a transferência [de competências] [dos municípios] [para os órgãos das freguesias]²³
 (cf. *transferir competências dos municípios para os órgãos das freguesias*)
 f. a introdução [de uma chave] [numa fechadura]
 (cf. *introduzir uma chave numa fechadura*)
 g. a paixão [pela música] (cf. *apaixonar-se pela música*)

Nos exemplos em (8), os nomes deverbais estão sublinhados e os seus argumentos, que servem de complementos nominais, estão destacados por parênteses retos. Esses nomes, tal como os verbos correspondentes, distribuem-se pelas classes aspetuais de culminação (8a, d), de processo culminado (8b, e), de processo (8c), de ponto (8f) e de estado (tipicamente, de estado psicológico, cf. (8g)). Brito e Raposo (2013: 1048) consideram os nomes que representam culminações, processos culminados, processos e pontos como nomes eventivos. Quando têm função do núcleo de SN, os nomes eventivos distinguem-se dos não eventivos. Segundo Brito (2006: 332), os nomes eventivos ou com interpretação eventiva (que se opõe à interpretação resultativa) são «itens lexicais com propriedades predicativas». Por outras palavras, esses nomes tendem a selecionar argumentos e a atribuir-lhes papeis temáticos.

Brito e Raposo (2013: 1057) referem a ambiguidade entre a interpretação eventiva e a resultativa dos nomes eventivos. Isto é, conforme os autores, alguns nomes deverbais, bem como nominalizações que têm esses nomes como núcleo, podem denotar, por um lado, eventos abstratos ou processos contínuos; por outro lado, entidades (normalmente concretas) que são resultado desses eventos ou que são associadas a esses processos. Brito (2006: 333) elucida essa dupla interpretação dos nomes deverbais que distribuem processos culminados como *destruição*, *fundação*. Conforme a autora, esses nomes, quando constroem «o argumento externo de um verbo como *deu-se*, *ocorreu*, *teve lugar*» e quando podem ser localizados temporalmente, têm uma interpretação de evento; quando ocorrem com alguns constituintes de uma frase que possui certas propriedades lexicais, podem designar a entidade resultante de um determinado evento. Por exemplo, o nome deverbal *apresentação* tem uma interpretação eventiva na frase *a apresentação do trabalho do João demorou cerca de meia hora*; ao passo que tem uma interpretação resultativa na frase *a apresentação do seu trabalho não foi enviada aos colegas*. O nome deverbal *apresentação*, na primeira frase, designa um processo; na segunda, denota o fruto desse processo — neste contexto, um ficheiro em certo formato digital.

²³ Encontra-se este uso em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=3057&tabela=leis&ficha=1&pagina=1&so_miolo=

Brito (2006: 333-334) observa que os nomes com uma leitura de evento têm argumentos ou lugares vazios que marcam tematicamente (i.e., argumentos que não se apresentam sintaticamente); ou seja, têm uma estrutura argumental inequívoca. Esses nomes, quando passam a designar entidades resultantes de certo evento, não têm estrutura argumental, mesmo que possam ser acompanhados de SP. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (9) a. [A defesa do réu] demorou cerca de meia hora.
b. [A defesa do réu] afirmou que o que se passou entre ele e a vítima foi por acidente.
c. [a fuga de informação] do exame de Português²⁴
d. *A informação fugiu.

Em (9a), a nominalização tem a função do sujeito do verbo *demorar* que lhe facilita uma interpretação eventiva. Nesta situação, o SP *do réu* representa um dos argumentos selecionados pelo verbo *defender* (cf. *o réu defendeu-se* ou *o advogado defendeu o réu*). Em (9b), o SP *do réu* não representa argumento do nome, mas antes o possuidor da entidade denotada pelo nome. A diferença subtil entre as interpretações não é acessível por meios sintáticos, visto que os dois SN em questão têm a estrutura igual. Contudo, há nomes deverbais em português que não provocam essa ambiguidade quando se combinam com certos SP. Por exemplo, em (9c), o nome deverbal *fuga* combina-se com o SP *de informação*. Existe apenas uma e única interpretação do nome deverbal que é a resultativa, visto que o SN não tem estrutura argumental (cf. (9d)). Posto isso, o uso de nomes deverbais está dependente não apenas de restrições sintáticas, mas também de fatores semânticos. Embora o sistema do SN seja transparente, este uso dos nomes, que pode causar diferenças subtis, é difícil para os aprendentes chineses de PLE.

Brito e Raposo (2013: 1060) referem que as nominalizações com uma interpretação eventiva podem também incluir constituintes que correspondem a adjuntos adverbiais no nível frásico. Os adjuntos adverbiais nas frases têm, tipicamente, formas de SP ou de advérbio, enquanto os adjuntos nos SN são frequentemente realizados por um SP. Os SP que funcionam como adjuntos adverbiais podem acrescentar à nominalização os sentidos de tempo (10a) infra, de lugar (10b), de instrumento (10c) ou de modo (10d). Segundo os mesmos autores, admitem-se, por vezes, ocorrências dos SN com uma interpretação equivalente à dos adjuntos adverbiais de localização temporal na nominalização (10e). Os advérbios, por seu turno, são consideravelmente restringidos no SN, dado que apenas alguns advérbios de tempo (10f) ou com um valor dêitico (10g) são aceitáveis nas nominalizações eventivas²⁵. Vejam-se:

- (10) a. [_{SN} A apresentação do trabalho do João em 28 de março] demorou cerca de meia hora.

²⁴ Deve-se este exemplo a Viana, C. «Fuga de informação do exame de Português: foi instaurado processo disciplinar a professora», disponível em <https://www.publico.pt/2017/12/14/sociedade/noticia/instaurado-processo-de-disciplinar-a-professora-por-causa-da-fuga-de-informacao-no-exame-de-portugues-1796014>

²⁵ Segundo Brito e Raposo (2013: 1060), no domínio frásico, os advérbios têm a função mais típica de modificador do verbo (ou do sintagma verbal); no domínio da nominalização, «essa função compete os adjetivos, enquanto modificadores do nome». Por outras palavras, na nominalização, o valor semântico veiculado pelos advérbios é exprimido pelos adjetivos morfológicamente correspondentes (cf. *ele respondeu imediatamente à minha reclamação* e *ele deu-me [_{SN} uma resposta imediate à minha reclamação]*).

- b. [SN A discussão sobre desemprego no parlamento] começará às 14h.
- c. [SN A destruição da ponte com explosivos] atraiu a curiosidade das pessoas.
- d. O público do Júlio admira [SN a sua paixão sem fim pela música].
- e. [SN O seminário esta semana] foi cancelado.
- f. Adorei [SN o passeio ontem].
- g. [SN O regresso aqui das tribos de pássaros] indica melhoria ambiental.

Quanto aos nomes deadjetivais, Brito (2006: 331) refere que designam, em geral, «o facto de ser *p*» e classifica-os em vários tipos. Segundo a autora, os nomes deadjetivais podem ter como base: i) adjetivos que denotam um «predicado de indivíduo» ou um «predicado de fase»; ii) adjetivos simétricos; e iii) adjetivos que exprimem um sentido coletivo. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (11) a. a cegueira do radicalismo (cf. *o radicalismo é cego*)
- b. a felicidade da Anabela (cf. *a Anabela está/é feliz*)
- c. a igualdade entre homens e mulheres
(cf. *homens e mulheres são iguais entre si* ou *homens são iguais a mulheres*)
- d. a vizinhança da Maria²⁶ (cf. *a Maria tem (um conjunto de pessoas) vizinhas*)

Em (11a, b), os nomes deadjetivais *cegueira* e *felicidade* correspondem aos adjetivos que podem ser predicativos com o verbo *ser* ou *estar*, denotando uma propriedade ou um estado de “ser cego” e uma atitude ou característica de “estar/ser feliz”, respetivamente. Rio-Torto *et al.* (2016: 142) observam que alguns nomes deadjetivais, como *cegueira*, *beleza* e *solidez*, funcionam como nomes abstratos. Assim sendo, esses nomes ocorrem sempre no singular e a sua pluralização ou quantificação resultaria em agramaticalidade. Quanto aos outros nomes deadjetivais, como *felicidade*, *alegria* e *amabilidade*, admitem-se formas pluralizadas e, por vezes, a quantificação. Por outras palavras, os nomes deadjetivais que denotam propriedades ou estados têm comportamentos semelhantes àqueles dos nomes massivos, ao passo que os que denotam atitudes ou características se identificam com os nomes contáveis. Em (11c), o nome *igualdade* relaciona-se com o adjetivo simétrico *igual*. Por esta razão, o seu complemento realiza-se por um SP que tem como núcleo a preposição *entre*. Em (11d), a nominalização do adjetivo *vizinho/a* admite uma leitura coletiva e pode parafrasear-se com o verbo *ter*, designando o conjunto dos vizinhos que a Maria tem. O SN pode ter, ainda, uma leitura como “a Maria tem uma propriedade de estar vizinha”. Assim sendo, a interpretação do SN relaciona-se profundamente com o contexto.

Exige-se uma breve abordagem da nominalização de nomes que designam estados psicológicos²⁷, uma vez que existe, também, uma dupla interpretação que se relaciona com o experienciador do estado psicológico designado pelo nome e com o conteúdo desse estado

²⁶ Deve-se este exemplo a Brito (2006: 332).

²⁷ A maioria dos nomes deste tipo é deverbal (Brito & Raposo, 2013).

(Brito & Raposo, 2013: 1063). Neste tipo de nominalização, para a realização do complemento que representa o experienciador, usa-se tipicamente a preposição *de*; para a designação do conteúdo, além da preposição *de*, também se pode usar as preposições *a*, *por*, *com*, *contra* e *em*. Cf.:

- (12) a. o medo da Paula das serpentes (cf. *a Paula tem medo das serpentes*)
b. a raiva da Bruna à matemática (cf. *a Bruna tem raiva à matemática*)
c. a ansiedade do Carlos por comida (cf. *o Carlos tem ansiedade por comida*)
d. o litígio da Leonor com o condomínio (cf. *a Leonor tem um litígio com o condomínio*)
e. as fúrias do Francisco contra o partido (cf. *o Francisco tem fúrias contra o partido*)
f. a confiança do Afonso no Pedro (cf. *o Afonso tem confiança no Pedro*)
g. a confiança da Anabela em irmos fazer progressos
(cf. *a Anabela está confiante em que iremos fazer progressos*)

Em (12), os conteúdos dos estados psicológicos estão representados pelos SP cujo núcleo é igual às preposições usadas nas frases correspondentes, nas quais o SN que designa o experienciador desempenha a função de sujeito e é necessário um verbo leve para a realização de predicado. Particularmente, em (12g), seleciona-se a preposição *em* para introduzir o conteúdo que tem forma de uma oração infinitiva.

A complexidade da estrutura dos nomes dependentes pode causar dificuldades aos aprendentes chineses de PLE. É necessário conhecer a estrutura argumental dos verbos ou adjetivos correspondentes para poder produzir nominalizações convergentes e prestar atenção ao contexto em que ocorrem as nominalizações para poder compreender o seu sentido.

Além de nomes deverbais e nomes deadjetivais, há outro tipo de nomes dependentes — nomes derivados com base em outro nome, isto é, nomes não relacionáveis lexicalmente com outras categorias (Brito, 2006: 340). Existem nomes de vários domínios semânticos que têm interpretações dependentes de elementos que lhes completam o sentido (Brito, 2006; Brito & Raposo, 2013: 1062-1065). Esses elementos são considerados como complementos dos nomes. Segundo os autores, pertencem a esse tipo os nomes de parentesco, os nomes que denotam relações institucionais ou sociais entre pessoas, os nomes que denotam obras culturais, os nomes icónicos, isto é, nomes que denotam representações visuais (Brito & Raposo, 2013: 1064), e os nomes que têm conteúdo proposicional. Cf.:

- (13) a. a irmã da Inês
b. um amigo do Miguel
c. um conto [de/sobre a vida quotidiana do campo] [de/por um autor famoso]
d. um quadro [da paisagem] [de/por um pintor impressionista]
e. a hipótese sobre a origem da vida
f. a hipótese de a vida ter aparecido por acaso

O complemento de nomes de parentesco realiza-se sempre com a preposição *de* (13a), tal como o dos nomes que denotam relações institucionais ou sociais entre pessoas (13b). Em relação aos nomes que denotam obras culturais, o complemento que denota o autor é introduzido pelas preposições *de* ou *por*. Se se admitir o complemento que representa um determinado assunto ou tópico, a preposição típica utilizada é *sobre* (cf. (13c) vs. **uma sinfonia sobre a vida cotidiana do rural*). Brito e Raposo (2013: 1064) observam que a preposição *de* também é aceitável, especialmente no caso em que o autor não é explicitado, apesar de a repetição de dois SP introduzidos pela mesma preposição ser «estilisticamente infeliz». Semanticamente, os nomes icónicos diferem dos nomes que denotam obras culturais, uma vez que os primeiros, embora tenham um autor, não são sobre certo assunto, mas denotam uma representação de uma “coisa” qualquer. Por essa razão, o sentido de autoria é introduzido pela preposição *de* ou *por*; quanto ao que é representado, a preposição usada é *de*²⁸(13d). Brito (2006: 342) sugere que a interpretação dos nomes icónicos seguidos de dois SP iniciados por *de* não é ambígua, embora esses complementos, vistos isoladamente, sejam muitas vezes ambíguos. A identificação dos papéis semânticos desses complementos é determinada quer pelo contexto discursivo ou situacional quer pelo conhecimento dos falantes sobre as entidades referidas. Relativamente aos nomes que exprimem conteúdo proposicional, seleciona-se a preposição *de* para o conteúdo (13e). Nesta situação, o SP pode envolver uma oração infinitiva (13f). Estas diferenças subtis, que resultam da seleção de diferentes preposições, podem ser opacas para os aprendentes chineses de PLE com um nível de proficiência básico, mesmo se, provavelmente, se trata de uma dificuldade transversal a aprendentes com outras línguas maternas.

2.2.1.2 Modificadores do nome

Raposo e Miguel (2013: 717) consideram como modificadores do nome os «elementos cuja função mais típica consiste em introduzir propriedades adicionais na denotação de um nome, ou na denotação de um nome combinado com o seu complemento, restringindo o seu sentido e dando-lhe maior precisão». Exemplificando em (14) com os modificadores sublinhados:

- (14) a. um estudante universitário
b. um vestido de linho
c. uma mulher que tem medo de aranhas
d. o anel oferecido à Matilde pelo Daniel

Segundo os mesmos autores, os modificadores do nome podem realizar-se de várias

²⁸ Brito e Raposo (2013: 1064-1065) referem a possibilidade de alguns nomes icónicos, como *filme* e *quadro*, admitirem as duas preposições *sobre* e *de*, verificando que o complemento introduzido por *sobre* coloca ênfase no aspeto cultural e que o complemento introduzido por *de* enfatiza o aspeto representacional. Por outras palavras, a preposição *sobre* introduz um conteúdo abstrato pelo qual se identifica uma determinada representação; a preposição *de* introduz um evento ou uma(s) entidade(s) que se inclui(em) nessa apresentação (cf. *um filme sobre a ganância de uma atriz americana* e *um quadro de um homem ganancioso por um artista jovem*).

formas, entre as quais se realçam adjetivos (14a), SP (14b), orações relativas (14c) e orações que têm como núcleo um particípio passado, com ou sem os seus argumentos (14d)). Os SP introduzidos pela preposição *de* são as formas mais frequentes do modificador nominal. Em algumas situações, os modificadores introduzidos por *de* podem ter uma forma equivalente — o pronome possessivo (cf. *o cão da minha avó* e *o seu cão*). Pelo contrário, o modificador em (14b) não possui tal forma de substituição, uma vez que esse SP não exprime um valor temático nem uma relação de posse. Já nas secções seguintes, serão abordadas as construções possíveis de complemento e de modificador no SN.

Brito (2006: 365-368) distingue os modificadores restritivos dos modificadores apositivos do nome, referindo que os primeiros restringem a referência do nome (ou do nome combinado com o seu complemento), enquanto os últimos exprimem um sentido avaliativo da(s) entidade(s) denotada(s) pelo nome. Conforme a autora, as duas categorias de modificadores têm construções distintas: os modificadores restritivos realizam-se, geralmente, através de um SP adjunto ao SN, um adjetivo restritivo ou uma oração relativa restrita; quanto aos modificadores apositivos, as suas estruturas mais frequentes são orações relativas apositivas e apostos. Em particular, a posição dos adjetivos atributivos em relação ao núcleo pode ajudar a distinguir entre a interpretação restritiva e a avaliativa. Visto isso, a colocação desses adjetivos no SN é considerada como uma das dificuldades na produção por parte de aprendentes chineses, tal como certos adjetivos atributivos colocados em posição pré-/pós-nominal podem dificultar a interpretação de SN.

2.2.1.3 Sintagmas preposicionais no GN

Nas secções anteriores, apresenta-se a realização de complemento e modificador do nome, sobretudo, por SP (e, também, locuções prepositivas). Em geral, os SP podem desempenhar a função de complemento de um nome dependente ou de modificador de um nome autónomo. Nesta secção, discutem-se as propriedades gramaticais e semânticas dos SP, quer complementos quer modificadores, que ocorrem no GN.

Brito e Raposo (2013: 1065) exemplificam várias preposições que «podem servir de núcleo aos SP que se combinam com nomes não eventivos», entre as quais se encontram as preposições *a, para, em, com, sem, sobre, contra, entre* e *até*. Segundo os autores, a preposição mais típica e mais frequente com esta função é *de*. *De*, além de introduzir os argumentos dos nomes eventivos na nominalização (cf. 2.2.1.1, pp. 17-23), estabelece muitas relações de sentido entre o SP e o nome com o qual este ocorre. Ilustram-se, de maneira não exaustiva, algumas destas relações numa lista²⁹ em:

(15) a. a cauda [do coelho] (posse inalienável)

²⁹ Deve-se esta listagem a Brito e Raposo (2013: 1066).

- b. a carteira [da Jéssica] (posse alienável)
- c. o volante [do carro] (relação parte-todo)
- d. o copo [de café] (relação continente-conteúdo)
- e. uma moeda [do Século XVI] (origem temporal)
- f. o chá [da China] (origem geográfica)
- g. uma família [da classe média] (localização numa escala)

Para além dos sentidos exemplificados em (15), a preposição *de* introduz SP que estabelecem relações de parentesco (13a), de experienciador de um estado psicológico (12), de relação social, institucional ou profissional (13b), de material de fabrico (14b), de assunto ou tópico (13c), de entidade representada (13d) pelo nome icónico ou o seu autor (13c, d), e de conteúdo proposicional (13e, f), (Brito & Raposo, 2013: 1066). Os autores observam que «a flexibilidade semântica desta preposição dentro do SN tem uma importante dimensão pragmática». Isto é, a relação de sentido do SN com o nome depende completamente do contexto, quer situacional quer discursivo. Fora do contexto, há pouca possibilidade de distinguir o referente de um SN. Por exemplo, o SN *o livro do Jorge* pode referir-se a um livro que o Jorge possui, da autoria do Jorge, que o Jorge aprecia muito, em que se descreve a vida do Jorge e, se se sugerir a ilusão, outras interpretações que coincidem com a expressão³⁰. Por esse facto, admitem-se substituições de *de* por algumas das outras preposições (cf. *livro de/sobre o Jorge*), mesmo que algumas substituições se considerem de baixa aceitabilidade.

Conforme Brito e Raposo (2013: 1066-1072), os SP dentro do SN desempenham duas funções semânticas essenciais: uma função de classificar os nomes com que se combinam e outra de restringir a denotação dos nomes. Essa primeira função distribui-se pelos SP reduzidos, isto é, SP que «têm como complemento SN reduzidos (cf. *creme de rosto*³¹) ou um verbo no infinitivo (cf. *máquina de lavar loiça*)», e a segunda, aos SP completos, ou seja, SP que «têm como complemento um SN completo (cf. *o aniversário do meu melhor amigo*³²)». A distinção entre esses dois tipos de SP situa-se na interpretação dos seus complementos. No SP reduzido, o complemento da preposição não tem qualquer valor referencial, mas antes uma interpretação de tipo. Por outras palavras, os nomes (muito menos os verbos) que servem de complemento de uma preposição não assinalam nenhuma entidade concreta, mas antes o tipo de entidades que podem ser designadas por esses nomes, isto é, os conceitos abstratos. Quanto aos verbos, indicam o conceito de atividades. Cf.:

- (16) a. curso de português
 b. detergente para máquina de lavar roupa
 c. legumes a vapor

³⁰ Para um caso semelhante a este em mandarim, veja-se a discussão do exemplo em (45).

³¹ Este exemplo e o próximo são nossos. Sublinham-se os SP reduzidos nos dois exemplos.

³² O exemplo é nosso. De facto, os SN completos são especificados por um determinante ou por um quantificador. Contudo, ilustra-se apenas uma das duas situações no exemplo.

Segundo os mesmos autores, os SP classificadores, normalmente, têm como núcleo as preposições *de*, *para* e *a*. Com estas preposições, os SP classificadores podem introduzir vários sentidos em relação ao nome com o qual se combinam. Em (16a), o SP cujo núcleo é a preposição *de* representa o conteúdo do nome modificado *curso*. Em (16b), o SP introduz uma classificação dos detergentes com base na sua função e emprego, denotando um tipo de detergentes que se distingue dos outros. Interessa, ainda, que o SN nesse SP também inclua um SP classificador, no qual o complemento da preposição é um verbo no infinitivo. Neste caso, esse último introduz uma classificação das máquinas, baseando na atividade que podem realizar. Ambos os SP classificadores permitem uma interpretação da relação entre o nome modificado e o SP, que é de finalidade ou especialização funcional. Em (16c), a classificação dos legumes introduzida pelo SP *a vapor* baseia-se no modo de cozinhar. Para além dos exemplos em (16), há mais sentidos que os SP classificadores podem acrescentar ao nome, entre os quais se destacam o lugar de origem (ou de produção) de uma entidade e um determinado intervalo de tempo. Exemplificam-se em:

- (17) a. pastéis de Belém
- b. vinho de 2012

Conforme Brito e Raposo (2013: 1068), os produtos gastronómicos e artesanais de diferentes regiões demonstram uma tendência semelhante de combinar o sentido de proveniência geográfica com o sentido de modo de produção. Isto é, numa expressão que designa um produto gastronómico ou artesanal, como a em (17a), o SP classificador *de Belém* tem uma leitura de “produzidos em Belém”, e também, uma interpretação de “a receita secreta da confeção dos pastéis”, i.e., os seus ingredientes e o modo de preparação. No entanto, essa primeira leitura está a tornar-se cada vez mais fraca em expressões como *leitão da Bairrada*, uma vez que denota um tipo de leitão assado, classificando o seu modo de produção. Em (17b), o SP *de 2012* classifica o nome *vinho* na dimensão da sua origem temporal. Brito e Raposo (2013: 1069) observam que SN deste tipo têm um uso frequente na área da enologia, para identificar vinhos segundo o ano em que se produzem.

Os autores discutem, ainda, a coesão interna dentro da combinação de um nome e um SP classificador, afirmando que, em relação aos SP classificadores, «a categoria semântica de modo de funcionamento de um objeto parece favorecer a criação de unidades multilexicais³³ com uma forte coesão interna, que podem ser classificadas como compostos sintáticos». Por consequência, é difícil, ou impossível, inserir modificadores de outra vertente semântica no interior desses compostos, sobretudo entre o nome e o SP classificador. Por exemplo, no GN *gerador a diesel*, existe uma forte coesão entre o nome e o SP classificador. Assim sendo, qualquer quebra da adjacência dos dois provocaria estranheza (cf. *gerador usado a diesel*

³³ Termo adotado pelos autores para designar expressões «em que há uma coesão interna entre os seus elementos constitutivos» (Brito & Raposo, 2013: 1069).

e ??gerador do Francisco a diesel).

Contudo, há possibilidades de inserir um modificador adjetival (cf. 2.2.1.4 infra) entre o nome e o SP classificador que acrescenta o sentido de matéria-prima ao nome. Esta ordem dos constituintes dentro do GN pode evitar interpretações ambíguas relacionadas com o facto de o objetivo poder modificar ambos o nome e o complemento da preposição. Por exemplo, nos GN *lenço de algodão liso* e *lenço liso de algodão*, o adjetivo *liso* é modificador do complemento da preposição *algodão* e do nome *lenço*, respetivamente. Brito (2006: 343) considera que os SP classificadores como *de linho* em (14b, p.18) e *de algodão* realizam o genitivo e se comportam como complementos do nome. Assim sendo, eles devem estar em adjacência ao nome, se houver outros SP classificadores no mesmo SN (cf. *caixa de papel para pipocas* vs. **caixa para pipocas de papel*).

Quanto aos SP completos, isto é, em que o complemento da preposição é um SN introduzido por um determinante ou quantificador (cf. 2.2.2 infra) e que pode ter um valor referencial, quantificacional ou genérico, podem restringir os nomes com os quais se combinam por estabelecerem, num GN, uma relação entre o sentido do nome e a entidade designada pelo SN que serve de complemento da preposição. Vejam-se os exemplos seguintes em:

- (18) a. (os) bisavós da Manuela
b. (um) lenço da tua filha mais nova
c. (uma) lista de trinta empresas famosas do mundo
d. (um) saco com algumas maçãs
e. (um) abrigo para as mulheres em risco de vida
f. (um) documentário sobre os animais de estimação

Em (18a, b), os complementos da preposição têm um valor referencial. Os SP restringem as entidades denotadas pelos nomes *bisavós* e *lenço*, estabelecendo-lhes uma relação de posse com as entidades designadas pelos SN *a Manuela* e *a tua filha mais nova*, respetivamente. Em (18c, d), os SN dentro dos SP têm um valor quantificacional, e os em (18e, f), um valor genérico. Nesses últimos exemplos, estabelecem-se diferentes relações, p.e., relações de continente-conteúdo, de instituição-beneficiário e de obra-assunto, entre as entidades denotadas pelos nomes e os complementos das preposições. Segundo Brito e Raposo (2013: 1071), as relações construídas pelos falantes dependem não só do sentido do nome e do SN no SP completo, mas também, da própria preposição usada, do contexto discursivo ou situacional e, geralmente, do conhecimento do mundo. Uma vez que a interpretação de SN em mandarim é substancialmente contextual, os aprendentes chineses de PLE não têm grandes dificuldades em compreender as relações referidas acima.

2.2.1.4 Outras formas de complemento ou de modificador do nome

Além dos SP, quer reduzidos quer completos, os complementos e modificadores dentro

do SN ainda se realizam de outras formas, por exemplo, pelos pronomes possessivos, adjetivos e orações relativas (sobretudo com a função de modificador). Nesta secção, serão discutidos i) os procedimentos do pronome possessivo na construção possessiva; ii) as propriedades dos complementos e modificadores realizados por adjetivos atributivos; e iii) a realização de modificador nominal por constituintes oracionais.

Nas secções 2.2.1.1 e 2.2.1.2 supra, apresentam-se expressões que têm uma interpretação possessiva, ou seja, de uma relação de “posse” entre duas (ou mais) entidades envolvidas. Como Brito e Raposo (2013: 1072) referem, as entidades que se inserem nesta relação são, por um lado, entidades possuidoras e, por outro lado, entidades possuídas. Por exemplo, no SN *o cordeiro da Maria*, *o cordeiro* designa a entidade possuída pela possuidora assinalada por *a Maria*. Essa última combina-se com o nome pela preposição *de*, formando um SP completo. No entanto, nem todos os SP iniciados por *de* introduzem um valor genitivo no SN. Conforme Brito e Raposo (2013: 1073), o critério para distinguir as construções possessivas daquelas que não são é a correspondência entre uma construção nominal e a frase equivalente construída com o verbo *ter*. Exemplificando, o SN mencionado acima corresponde à frase *a Maria tem um cordeiro*, portanto é construção possessiva; em contrapartida, o SN *os óculos de sol* não equivale a **o sol tem uns óculos*; assim, não é construção possessiva.

Segundo os mesmos autores, as construções possessivas de forma [SN determinante + nome + [SP de + SN]] tem uma forma equivalente — [SN determinante + pronome possessivo + nome] — na qual a posição do pronome possessivo relativa ao nome depende do facto de o SN ser definido ou indefinido (i.e., a colocação pré-nominal no SN definido e a pós-nominal no SN indefinido). Por outras palavras, a entidade possuidora na construção possessiva pode tomar a forma de pronome possessivo³⁴. Assim sendo, a construção nominal possessiva referida acima tem a sua forma equivalente — *o seu cordeiro*, e novamente, os SN que não são construções possessivas não possuem tal forma substituinte (cf. *os óculos de sol* vs. *#os seus óculos*³⁵).

No que diz respeito aos pronomes possessivos, Raposo (2013a: 906) refere que eles «constituem a variante casual genitiva dos pronomes pessoais, na qual (os pronomes possessivos) assumem uma forma especial que lhes permitem funcionar adjetivamente quando têm a função de complemento ou de modificador de um nome». Isto é, num SN que tem como núcleo um nome dependente, p.e., *a sua ansiedade por comida* (expressão equivalente a (12c)), o pronome possessivo *sua* desempenha a função de complemento do nome dependente *ansiedade*; num SN como *um lenço seu* (cf. (18b)), o pronome possessivo *seu* funciona como modificador do nome autónomo *lenço*. Conforme Cunha e Cintra (2015: 403), o procedimento adjetival do pronome possessivo reflete-se na concordância em género e número com o nome que designa a entidade possuída; e em pessoa, com o possuidor dessa entidade. Aliás, como Raposo (2013a: 907) justifica, os pronomes possessivos não concordam necessariamente em

³⁴ Os possessivos equivalem a um SN completo dos pontos de vista sintático e semântico. Isso é a única situação em português em que um SN modifica um outro mais abrangente (Raposo, 2013a: 906), cf. [SN *o* [SN *meu*] *irmão*] vs. *[SN *o* [SN *a Inês*] *irmão*].

³⁵ Segundo a norma adotada em Brito e Raposo (2013: 1075), utiliza-se o símbolo “#” para assinalar a falta de equivalência semântica das duas expressões, embora esta última seja plausível do ponto de vista gramatical.

género e número com a entidade possuidora, mesmo que a refiram. Na dimensão de pessoa, o valor desses pronomes é «determinado deiticamente na primeira e na segunda pessoa (...); na terceira pessoa semântica, o seu valor pode ser determinado quer deiticamente (...) quer anaforicamente». Por este facto, é possível que surjam frequentemente ambiguidades relativas ao referente do pronome possessivo. Segundo o autor, o contexto situacional ou discursivo pode fornecer informações adicionais que favorecem a identificação do referente do pronome possessivo. Cf.:

- (19) a. O senhor Joaquim vive sozinho. Os seus filhos estão no estrangeiro.
b. Vive um casal no lar de idosos do nosso bairro. Os seus filhos estão no estrangeiro.

Na frase *os seus filhos estão no estrangeiro*, o pronome possessivo *seus* pode referir-se a um indivíduo, tanto de sexo masculino como feminino, ou a um conjunto que inclui certo número de pessoas de qualquer sexo. Em (19a), esse pronome possessivo refere-se ao senhor Joaquim, que é um indivíduo de género masculino. Em (19b), o mesmo pronome refere-se a um determinado casal, que é um conjunto dual. Nas duas situações referidas, não se distinguem os pronomes possessivos utilizados. No entanto, na nominalização, quando o argumento é um pronome de 1ª ou 2ª pessoa, quer no singular quer no plural, a forma casual genitiva do pronome pessoal é preferível a outras formas. Por exemplo, a forma casual oblíqua à direita do nome não é plausível (Brito & Raposo, 2013: 1050).

Para além disso, alguns complementos e modificadores nominais podem realizar-se de forma adjetival. Isso tem a ver com o uso atributivo dos adjetivos. Segundo Brito (2006: 334), os nomes deverbais que têm por base verbos com uma grelha temática “Agente + Tema” e que conservam a leitura eventiva na nominalização (p.e., *construção*, *destruição*, *invasão*, etc.), quando o seu argumento Agente denota nacionalidade ou grupo, podem seleccionar adjetivos de relação (i.e., «adjetivos relacionais», termo adotado em Brito e Raposo (2013)) para a realização desse argumento³⁶. Como Brito e Raposo (2013: 1086) definem, os adjetivos relacionais são quer derivados do nome quer relacionados etimologicamente ao nome, tendo a função de associar o sentido do nome com o qual se relacionam ao sentido do nome com o qual se combinam. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (20) a. a invasão muçulmana da Península Ibérica
(cf. *a invasão da Península Ibérica pelos muçulmanos*)
b. a ocupação visigótica da Hispânia (cf. *a ocupação da Hispânia pelos visigodos*)
c. a conquista portuguesa de Goa (cf. *a conquista de Goa pelos portugueses*)

Em (20), os adjetivos sublinhados têm um valor “temático” ou “referencial” que corresponde ao valor dos SN que servem de complementos de *por* nos SP correspondentes.

³⁶ (Brito, 2006: 334) O argumento Agente pode realizar-se sob SP. Contudo, a forma de genitivo em *de* não se considera plausível neste caso. Um SP introduzido pela preposição *por* será adequado.

Conforme Veloso e Raposo (2013: 1380), os adjetivos argumentais têm as características próprias do adjetivo denotativo (i.e., os adjetivos que «atuam sobre o sentido do nome modificado, expressando propriedades que incidem sobre aspetos variados da entidade representada por esse nome» (Veloso & Raposo, 2013: 1368)) e, de forma espontânea, uma componente classificadora. Por exemplo, o adjetivo *muçulmana* em (20a), em conjunto com o nome *invasão*, denota uma invasão perpetrada por muçulmanos, que tem propriedades específicas, e, também, assinala essa invasão entre as várias invasões desse território, nomeadamente a invasão romana, a invasão visigótica, a invasão napoleónica, etc. Brito (2006: 334) observa que os adjetivos relacionais argumentais ocorrem obrigatoriamente na posição pós-nominal, antecedendo o SP genitivo com a interpretação de objetivo frásico ou de paciente (compare-se *a ocupação visigótica da Hispânia* com **a visigótica ocupação da Hispânia* ou **a ocupação da Hispânia visigótica*). Ainda, o pronome possessivo, com determinadas restrições, pode desempenhar a função de complemento nominal, obtendo a mesma interpretação, cf., *a sua invasão da Península Ibérica*, *a sua ocupação visigótica* e *a sua conquista de Goa*.

Em relação à interpretação do adjetivo relacional, distingue-se a sua interpretação argumental da interpretação classificadora. A primeira, como se mostra supra, corresponde aos nomes eventivos e aos seus complementos; ao passo que a última se relaciona com a denotação do nome modificado, restringindo a denotação do mesmo modo que o SP classificador (Veloso & Raposo, 2013: 1378). Vejam-se os exemplos em:

- (21) a. vinho português
b. automóvel elétrico
c. revista mensal
d. arquitetura renascentista

Em (21a), interpreta-se o GN como “vinho produzido em Portugal”, equivalente à expressão *vinho de Portugal*. Em (21b), o GN pode parafrasear-se através de *automóvel movido a eletricidade*. Os GN em (21c) e (21d) têm interpretações como “revista que sai todos os meses” e “arquitetura construída na época do Renascimento”, respetivamente. Conforme Brito e Raposo (2013: 1094), a interpretação desses GN depende em parte do tipo de relação estabelecida entre o sentido do nome e do adjetivo e em parte do conhecimento do mundo, «nomeadamente a forma como as áreas conceptuais representadas pelos dois elementos se podem relacionar». Segundo os mesmos autores, a relação entre os sentidos do nome e do adjetivo relacional demonstra uma natureza variável, portanto, os GN construídos por esses elementos têm interpretações bastante diversas.

Veloso e Raposo (2013: 1368) afirmam que, além dos adjetivos relacionais, a classe dos adjetivos denotativos ainda possui outra componente: os adjetivos qualificativos, que exprimem propriedades de diversas dimensões, como qualidade, estado, modo de ser, etc., de entidades

denotadas pelo nome com o qual se combinam. Assim, quando se combinam com nomes que denotam situações ou eventos, os adjetivos denotativo exprimem características como «a localização temporal, a duração ou o modo de atuação dos seus participantes» (cf. (22)); quando se combinam com outros nomes, esses adjetivos podem exprimir propriedades materiais, psicológicas, geográficas, sociais, entre muitas outras (cf. (23)). Veloso e Raposo (2013: 1369) consideram os primeiros como adjetivos de leitura adverbial, uma vez que correspondem, em muitos casos (mas não todos), a advérbios no âmbito oracional (cf. (22c)):

- (22) a. depressão outonal
b. discussão curta
c. encontro secreto (cf. *encontrar secretamente*)

- (23) a. metal rígido
b. criança alegre
c. povo francês
d. partido socialista

Segundo Veloso e Raposo (2013), os adjetivos avaliativos exprimem «uma avaliação subjetiva do falante acerca das entidade referidas pelo SN que contém o adjetivo». Em contraste com os adjetivos denotativos, os avaliativos «não designam propriedades ou características constitutivas das entidades» (Veloso & Raposo, 2013: 1368). Do ponto de vista semântico, não expandem o sentido do nome nem restringem o conjunto de entidades denotado pelo nome. Exemplificando, no SN *uma história ridícula*, o adjetivo não introduz propriedades que podem especificar o sentido do nome, mas antes uma avaliação negativa do próprio falante sobre uma história. Mesmo que possa dar essa avaliação a partir de algumas qualidades da história, p.e., o seu tema, o seu estilo, as personagens envolvidas, etc., o adjetivo adotado para a avaliação subjetiva não exprime nenhuma destas propriedade. Como Veloso e Raposo (2013: 1369) observam, o uso do adjetivo avaliativo «depende de um juízo de valor do falante», pois, a história avaliada como ridícula pode ser considerada como fantástica por outra pessoa.

Conforme Veloso e Raposo (2013: 1369), o uso dos adjetivos modais relaciona-se precisamente com o juízo do falante que se enquadra num dos cinco domínios — epistémico, deôntico, desiderativo, modalidade externa e modalidade interna, e o uso dos adjetivos intencionais atributivos, por sua vez, depende de uma perspetiva antecipadamente posta pelo falante ao referente do SN que tem o nome modificado como núcleo. Brito (2006: 378) sugere que os adjetivos modais (p.e., *possível*, *adorável*, *duvidoso*, etc.), em conjunto com os adjetivos temporais-aspetuais (i.e., adjetivos adverbiais que exprimem ideias relacionadas com o tempo e aspeto), ocorrem com nomes deverbais na maioria dos casos, embora possam funcionar como modificador do nome não deverbal. Esses adjetivos podem ocorrer em posição pré-nominal, igualmente na posição canónica pós-nominal (cf. (24)). A autora sugere uma distinção

interpretativa dos adjetivos intensionais entre os «adjetivos modificadores do significado ou intensão dos nomes³⁷» que exprimem apenas valores relacionados a quantificação e intensidade dos nomes (p.e., *simples*, *mero*, *pleno*, etc.) e os «adjetivos negativos e conjecturais» que exprimem o valor de verdade (ou falso) de uma proposição (p.e., *falso*, *presumível*, etc.), defendendo que tanto uns como os outros só podem ocorrer em posição pré-nominal³⁸ (cf. (25)):

- (24) a. um provável candidato / candidato provável à presidência do país
b. a transformação permanente / permanente transformação da economia

- (25) a. mera cortesia (vs. **cortesia mera*)
b. uma amiga falsa (vs. *uma moeda falsa*)

Sintetizando-se esta breve abordagem sobre os adjetivos com uso atributivo, existe uma polivalência óbvia do adjetivo. Veloso e Raposo (2013: 1370) referem que é impossível se classificarem os adjetivos em classes estanques, visto que «o mesmo adjetivo pode adquirir leituras típicas de classes ou subclasses diferentes». Esse facto importa, sobretudo, na realização do modificador nominal: o carácter do adjetivo ser polissémico ou homonímico, o nome com que o adjetivo se combina, a posição pré ou pós-nominal que o adjetivo ocupa³⁹ e, ainda, a ordem em que o modificador adjetival ocorre em relação a outros elementos dentro do SN podem influenciar a leitura eventual, tanto do adjetivo como do SN inteiro. Devido à extensão limitada desta tese, não será possível uma discussão pormenorizada sobre essa polivalência.

Por fim, os nomes podem combinar-se com constituintes oracionais que servem como seus modificadores, entre os quais se encontram orações relativas, orações infinitivas restritivas, orações que têm como núcleo um particípio verbal e orações gerundivas (Brito & Raposo, 2013: 1103). Serão abordadas infra, de forma muito breve, essas estruturas modificadoras nominais.

As orações relativas distinguem-se entre dois tipos — as relativas restritivas (ou determinativas⁴⁰) e as relativas apositivas (ou explicativas ou, também, não restritivas⁴¹). Conforme Brito (2006: 367), as primeiras «contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal», enquanto as últimas não são responsáveis por tal função. A mesma autora sugere que, do ponto de vista sintático, as orações relativas restritivas não se podem separar do antecedente por vírgulas ou traços; em contrapartida, as apositivas têm procedimentos semelhantes que os apostos, isto é, podem destacar-se com pausas do nome.

³⁷ Deve-se esta designação a Demonte (1999).

³⁸ Segundo Brito (2006: 377), também Veloso e Raposo (2013: 1394), o adjetivo *falso* pode exprimir um sentido lógico, não intensional, que se opõe ao adjetivo *verdadeiro*. Por outras palavras, o adjetivo tem uma interpretação semelhante à dos adjetivos qualificativos. Nesta situação, o adjetivo *falso* pode ocorrer em posição pós-nominal.

³⁹ Brito (2006: 366) conclui que a posição pós-nominal do adjetivo atributivo se relaciona a «uma interpretação restritiva, predicativa (e especificadora)», ou seja, esta posição reserva-se a um sentido mais objetivo ou denotativo de certos adjetivos; ao passo que a posição pré-nominal favorece, geralmente, uma leitura mais subjetiva dos objetivos, exceto os relacionais e alguns dos qualificativos que designam forma, cor, estado, dimensão, etc.

⁴⁰ Esta designação é de Brito (2006: 367).

⁴¹ *Idem*.

Brito e Raposo (2013: 1103) consideram as orações relativas restritivas como modificadores oracionais mais típicos do nome, uma vez que desempenham um papel particularmente importante em restringir a extensão do conjunto de entidades denotadas pelo núcleo de um SN definido e, assim, contribuem para a identificação do referente de um SN referencial. Exemplifica-se pelos exemplos seguintes em:

- (26) a. O menino loiro que estava a sentar-se de pernas cruzadas já saiu da sala.
b. O famoso jogador, que nasceu na Madeira, marcou três golos no jogo de ontem.

Em (26a), a oração relativa sublinhada integra-se numa estrutura relativa⁴² construída por um só grupo sintático e prosódico, ou seja, não existe pausa entre o antecedente e a relativa. Essa oração relativa equivale ao modificador restritivo nominal, e são, pois, oração relativa restritiva. Veloso (2013: 2068) defende que nas orações relativas restritivas, o antecedente exclui o especificador, ou seja, apenas o GN serve de antecedente. Posto isto, a oração relativa em (26a) tem como antecedente *menino loiro*, e introduz uma propriedade (neste caso, *estava a sentar-se de pernas cruzadas*) que restringe a denotação desse GN. Em contrapartida, a oração relativa sublinhada em (26b) forma um grupo sintático e prosodicamente independente, ligando-se ao SN *o famoso jogador* de uma forma paratática, que é a ligação típica dos apostos. Deste modo, a oração relativa não contribui para a identificação do referente do SN antecedente, e o SN, de si próprio, tem um valor referencial.

Os nomes podem combinar-se com orações infinitivas modificadoras que têm uma interpretação restritiva. As orações infinitivas ligam-se ao nome pelas preposições *a, para, por* e *de*, tipicamente (Brito & Raposo, 2013: 1103). Vejam-se os exemplos em:

- (27) a. [SN O dente a abanar] é um molar.
b. [SN O vestido para levar ao casamento do meu primo] foi muito caro.
c. O meu marido colocou [SN a loiça por lavar] na máquina.
d. Os turistas visitaram [SN o moinho de fazer pão da D. Maria].

As orações sublinhadas têm sujeitos não realizados de modo explícito. No entanto, é possível interpretar o valor dos sujeitos dessas orações de diferentes formas. Em (27a, b) os SN modificados *o dente* e *o vestido* têm o valor do sujeito da oração infinitiva (cf. *o dente está a abanar; o vestido é para levar ao casamento do meu primo*). Em (27c), o valor não é determinado, uma vez que pode ser a falante ou o seu marido (ou outra pessoa qualquer) que *deixou a loiça por lavar para a máquina*. Em (27d), interpreta-se como tendo o valor de *a Dona Maria*: como o moinho é da Dona Maria, é natural que seja ela a fazer o pão. Quanto aos nomes modificados, podem desempenhar vários papéis na oração infinitiva: sujeito em (27a), complemento direto em (27b, c) (cf. *levar o vestido ao casamento*) e adjunto adverbial locativo

⁴² Segundo Veloso (2013: 2067), a construção relativa refere ao SN que contém a oração relativa, o seu antecedente e um especificador (cf. 2.2.3, pp.35-37). Em (26a), *o menino que estava a sentar-se de pernas cruzadas* é uma construção relativa.

em (27d) (cf. *fazer pão no moinho*). Veloso e Raposo (2013: 1104) sugerem que as preposições referidas acima assinalam o papel sintático do nome modificado na oração infinitiva. Especificando, a preposição *a* combina-se com o nome modificado que corresponde ao sujeito da oração infinitiva e as preposições *para* e *por* ocorrem, tipicamente, com o nome modificado que equivale ao complemento direto da oração infinitiva⁴³. Os autores observam as inferências semânticas que a preposição *por* pode introduzir: por exemplo, relativamente a (27c), uma inferência negativa (i.e., a loiça não estava lavada no instante em que o falante enunciou) e outra de obrigação (i.e., era preciso lavá-la).

Outra estrutura modificadora do nome é a oração reduzida⁴⁴ de particípio verbal, dentro a qual ocorrem, de modo opcional, complementos que são selecionados pelo particípio e/ou adjuntos adverbiais. Conforme Brito e Raposo (2013: 1104), os particípios verbais que se admitem neste uso correspondem aos verbos transitivos e aos inacusativos. Cf.:

- (28) a. A Susana corrigiu [SN os erros apontados (pelo professor) no seu texto].
b. [SN Os resultados da experiência anunciados (pelo biologista)] suscitaram o meu interesse.
c. Dois estudantes ajudaram [SN uma pessoa desmaiada ontem na biblioteca].
d. [SN O jogador nascido na França] tem jogado na China desde 2005.

Em (28a, b), os particípios *apontados* e *anunciados* diferem dos verbos transitivos *apontar* e *anunciar*. As orações de particípio, nesta situação, correspondem a orações passivas, em que ocorrem os argumentos externos dos verbos (i.e., *o professor* e *o biologista*, respetivamente) através da forma de agente da passiva. Em (28c, d), os particípios *desmaiada* e *nascido* têm um verbo inacusativo como base da derivação. Nessas orações de particípio, incluem-se os adjuntos adverbiais (i.e., *ontem*, *na biblioteca* e *na França*) que denotam a localização temporal ou espacial dos atos denotados pelos verbos correspondentes aos particípios. Como Brito e Raposo (2013: 1104) observam, trata-se o particípio isolado com a função de modificador de, igualmente, uma oração reduzida, dado que os seus argumentos são opcionais. Para além disso, os autores sugerem que a posição dos particípios, tanto isolados como combinados com um complemento ou adjunto adverbial, é sempre pós-nominal (cf. **uma desmaiada pessoa*, **os apontados pelo professor erros*).

Segundo Brito e Raposo (2013: 1105), as orações constituídas por um verbo no gerúndio podem também servir de modificador restritivo do nome, embora este uso seja menos frequente no Português Europeu do que no Português do Brasil. Portanto, exemplifica-se essa modificação nominal a seguir, excluindo discussão relacionada a este aspeto:

⁴³ Brito e Raposo (2013: 1103) verificam que estas preposições aceitam, também, padrões mais marcados com aceitabilidade e uso que variam de falante para falante.

⁴⁴ Brito e Raposo (2013: 1104) consideram as orações de particípio como orações reduzidas, pelo facto que «lhes falta o pronome relativo e um verbo finito auxiliar».

- (29) Ontem vi [_{SN} um documentário mostrando a biodiversidade na África].
(cf. um documentário que mostra a biodiversidade na África)

2.2.2 Especificadores do SN

Nesta subsecção, abordam-se o que se trata como estrutura funcional do SN em Brito (2006). Os elementos desta estrutura ocorrem, na maioria dos casos, à esquerda do GN, restringindo a sua extensão. Por outras palavras, como Brito (2006: 345) afirma, a estrutura funcional tem uma função de operador que cria uma ligação entre o GN e o seu correspondente variável, e, deste modo, permite criar uma expressão referencial baseada no GN. Essa estrutura pode realizar-se por determinantes e quantificadores. Serão abordados os dois grupos de elementos funcionais nas subsecções seguintes.

2.2.2.1 Determinantes

Brito (2006: 346) define o termo *determinante* como a designação de «uma classe limitada de elementos (...) que servem para construir valores referenciais de individualização das expressões nominais, diferentes da quantificação». Miguel e Raposo (2013: 819) referem que os determinantes em português compreendem o artigo definido *o*, o artigo indefinido *um*, o determinante indefinido *algum* e os determinantes demonstrativos *este*, *esse* e *aquele* (a seguir designados por *demonstrativos*), incluindo todas as suas variantes morfológicas. Brito (2006: 346) sugere dois tipos de agrupamento efetuado a partir das propriedades sintáticas e semânticas desses determinantes: por um lado, distinguem-se os artigos dos demonstrativos, uma vez que os primeiros não possuem um valor dêitico (cf. *pronome demonstrativo* no Quadro 1); por outro lado, aproxima-se o artigo definido dos demonstrativos por serem semanticamente definidos.

Em relação ao valor definido ou indefinido que um determinante pode ter, Miguel e Raposo (2013: 819) consideram que o traço [±definido] codifica um aspeto semântico central dos determinantes: as previsões do falante relacionadas com a possibilidade de o ouvinte ser ou não ser capaz de identificar o referente do SN. Este traço divide os determinantes em definidos (i.e., o artigo definido e os demonstrativos, como referido acima) e indefinidos (i.e., o artigo indefinido e *algum*). Posto isso, a utilização de um determinante definido indica uma entidade particular, a única do tipo designado pelo SN no contexto de enunciação que o falante tem em mente e que se considera identificável para o ouvinte. Em contrapartida, usa-se o determinante indefinido para introduzir uma entidade nova, desconhecida pelo ouvinte, no universo do discurso, não havendo expectativa por parte do falante de o ouvinte conseguir identificar essa entidade.

O artigo definido e os demonstrativos, sendo determinantes definidos, têm funcionamentos semelhantes e distintos. De forma semelhante, os componentes dos dois subgrupos de determinante variam em género e número, apresentando as formas seguintes: *o*, *a*, *os*, *as* (artigos definidos) e *este*, *esta*, *estes*, *estas* - *esse*, *essa*, *esses*, *essas*; *aquele*, *aquela*,

aqueles, aquelas (demonstrativos). Quando introduzem SN que servem de complemento de algumas preposições, contraem-se com a preposição antecedente (por exemplo: *dos, deste, desse, daquele*, etc.), o que já não acontece quando ocorrem no início de uma oração infinitiva flexionada Miguel e Raposo (2013: 822). Cf.:

- (30) Estou agradecida por [a Dona Joaquina ter guardado o meu cão nestes dias].
(vs. estou agradecida *pela Dona Joaquina ter guardado o meu cão nestes dias)

Quanto aos procedimentos distintos, o artigo definido ocorre obrigatoriamente na posição pré-nominal, ou melhor, na posição inicial do SN, enquanto os demonstrativos, embora a sua posição normal seja pré-nominal, podem ocorrer na pós-nominal em exclamativas e em relativas apositivas (Brito, 2006: 348). Para além disso, os demonstrativos podem ocorrer isolados na construção de elipse nominal; ao passo que o artigo definido só pode construir elipses nominais quando é seguido de um complemento, um modificador adjetival ou uma oração relativa (Brito, 2006: 348). Relativamente ao domínio semântico, o artigo definido pode interpretar-se como tendo um valor possessivo ou um valor referencial genérico em determinado contexto. Em contrapartida, os demonstrativos não têm valor possessivo nem valor referencial genérico, mas antes um valor dêitico. Voltarão a discutir-se as interpretações diferentes que os determinantes (sobretudo os artigos definido e indefinido) podem ter em 3.1.

A respeito dos determinantes com valor indefinido, tanto o artigo indefinido *um* e o determinante indefinido *algum* veriam em género e número, apresentando formas como *um, uma, uns, umas; algum, alguma, alguns, algumas* (formas afirmativas) e *nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhuma*s (formas negativas). Quando iniciam os SN que funcionam como complementos das preposições *em* ou *de*, contraem-se com as preposições, mas não quando introduzem uma oração infinitiva flexionada (cf. (30)).

O artigo indefinido e *algum* podem conter-se num SN elítico (Brito & Raposo, 2013: 852; Brito, 2006: 347). Vejam-se os exemplos seguintes:

- (31) a. Na visita de estudo ao museu, uma turma foi à exposição e uma foi ao *workshop*.
b. Perdi várias moedas, mas algumas devem estar no fundo do meu saco.

Em (31), as ocorrências sublinhadas equivalem a dois SN em que os nomes não se apresentam foneticamente. Todavia, é possível recuperar os nomes através do contexto. Os nomes omitidos nas segundas ocorrências de determinantes em (31a) e em (31b) são *turma* e *moedas*, respetivamente.

Do ponto de vista sintático, esses determinantes com valor indefinido podem ocorrer na posição inicial do SN, mas nenhum deles se encontra na posição intermédia (que é a posição típica dos quantificadores vagos, ver 2.2.2.2 infra):

- (32) a. Ontem encontrei [_{SN} uns/alguns colegas].
 b. [_{SN} *Os meus uns/alguns colegas] não estão satisfeitos com o emprego.
 (vs. Os meus muitos/poucos colegas não estão satisfeitos com o emprego.)

Destaca-se a possibilidade de o determinante indefinido *algum*, e a sua forma negativa *nenhum* poderem ocorrer na posição pós-nominal no SN com uma interpretação negativa. Martins (2015: 402-403) considera *algum* como «um item de polaridade positiva fraco que parece transformar-se num item de polaridade negativa forte quando ocorre em posição pós-nominal». Conforme a autora, as construções [*algum* + N] e [N + *algum*] (considera-se como a sequência marcada do determinante e o nome) demonstram o contraste interpretativo e gramatical igual ao que existe entre os pronomes *alguém* e *ninguém*. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (33) a. [Algum aluno] usa óculos. (vs. Alguém usa óculos.)
 b. [Aluno algum] usa óculos. (vs. Ninguém usa óculos.)

As frases em (33a) e em (33b) são, respetivamente, declarativa afirmativa e declarativa negativa. Martins (2015: 403) aborda a interação da sequência [N + *algum*] com a negação proposicional, sugerindo que esta sequência, quando ocorre em posição pós-nominal, necessita de coocorrência com o marcador de negação predicativa *não*; quando ocorre em posição pré-nominal, não pode coincidir com esse marcador. A sequência marcada [N + *algum*] garante, por si só, uma interpretação negativa da frase; ou seja, esta sequência especifica-se com o traço [+negativo] como os pronomes indefinidos *ninguém* e *nada*, equivalente às construções [*nenhum* + N] e [N + *nenhum*] (cf. (34b, d)). Cf.:

- (34) a. Não faz sentido [palavra alguma no discurso do João].
 (vs. *Faz sentido palavra alguma no discurso do João.)
 b. Não faz sentido [nenhuma palavra] / [palavra nenhuma] no discurso do João.
 c. [Palavra alguma no discurso do João] faz sentido.
 (vs. *Palavra alguma no discurso do João não faz sentido.)
 d. [Nenhuma palavra] / [Palavra nenhuma] no discurso do João faz sentido.

Para além disso, em contraste com a sua forma negativa *nenhum*, o determinante *algum* na posição pós-nominal não admite pluralização; ou melhor, a sequência [N + *algum*] não tem forma plural. Contudo, a sequência [*algum* + N] possui as formas do singular e do plural. O determinante *algum*, neste caso, introduz no SN uma interpretação indefinida com um valor existencial, semelhante ao artigo indefinido *um*:

- (35) a. De [maneira alguma] voltarei a jantar neste restaurante.
 b. *De [maneiras algumas] voltarei a jantar neste restaurante.

- c. [Alguma pessoa] vive nesta casa. (cf. Uma pessoa vive nesta casa⁴⁵.)
- d. [Algumas pessoas] vivem nesta casa. (cf. Umhas pessoas vivem nesta casa.)

Embora a colocação e a pluralização do determinante *algum* pareçam menos importantes do que o uso do artigo indefinido para os aprendentes chineses com um nível de proficiência em PLE relativamente elementar, é indispensável conhecer contrastes sutis deste tipo ao longo do processo de aprendizagem para uma compreensão e expressão mais sofisticadas.

2.2.2.2 Quantificadores

Segundo Raposo e Miguel (2013: 719), as categorizações de determinante e de especificador não dividem os especificadores em dois grupos estanques. Todos os especificadores servem para a produção do SN que «representam entidades em termos da sua identificação pelos interlocutores e em termos da sua quantidade». Tratam-se esses dois modos de representação por sistema de determinação e sistema de quantificação, respetivamente. Os autores referem que a separação entre determinantes e quantificadores depende das propriedades proeminentes dos especificadores em determinados contextos. Especificando, os determinantes demonstram as propriedades proeminentes do sistema de determinação, enquanto os quantificadores apresentam uma proeminência caracterizada do sistema de quantificação.

Visto que há especificadores que têm proeminência igual nos dois sistemas, como os quantificadores vagos e os numerais cardinais, Raposo e Miguel (2013: 720) sugerem que a composição das duas classes de especificador exige ter em consideração as propriedades sintáticas e morfológicas. Os autores observam que os quantificadores, distintos dos determinantes, nem sempre desempenham a função de especificador. Por exemplo, numa frase como *os meus dois filhos tocam violino*, o quantificador *dois* introduz um sentido somente quantitativo no SN *os meus dois filhos*, ao passo que *os* especifica o SN todo, limitando esse sentido quantitativo sobre as entidades identificadas através do seu uso como determinante inicial. Outra diferença de natureza sintática entre os dois é que os quantificadores podem especificar várias classes sintáticas, integrando diferentes sintagmas, p.e., sintagmas verbais, sintagmas adjetivais e sintagmas adverbiais. Devido à limitação da presente tese, não se elucidam essas funções dos quantificadores em sintagmas a não ser os SN.

Assim, no domínio do SN, os seguintes quantificadores (e as suas variantes femininas) funcionam como especificadores⁴⁶: i) os quantificadores universais *todos* e *ambos*; ii) os quantificadores de contagem que exprimem um valor vago, incluindo *muitos*, *poucos*, *vários*,

⁴⁵ Miguel e Raposo (2013: 853) discutem a distinção entre «as leituras de escopo largo do sintagma nominal com *um* e do sintagma nominal com *algum*», verificando que, com *um*, é possível uma leitura com uma interpretação referencial [+específica]; com *algum*, no entanto, uma interpretação referencial [-específica]. Exemplificado, em (35c), a frase em parênteses pode indicar que o falante sabe de que pessoa se trata, ao contrário, ao produzir a outra frase, o falante não sabe de que pessoa se trata. Será discutida a interpretação dos SN no cap. 3 adiante.

⁴⁶ Deve-se esta classificação a Raposo e Miguel (2013: 718).

numerosos, bastantes, demasiados, entre os outros; e iii) os numerais cardinais (*quatro, dezasseis, quinhentos e sete*, etc.). Esses quantificadores, no sistema de quantificação, podem ter as leituras de quantificação universal ou de quantificação existencial. Vejam-se os exemplos seguintes em:

- (36) a. [SN Todos os gatos] estão vacinados.
b. [SN Ambos os gatos] estão vacinados.
c. [SN Algum gato] está vacinado.
d. [SN Alguns gatos] estão vacinados.

Em (36a), através do quantificador *todos*, o SN representa «a totalidade dos membros de um determinado conjunto contextualmente identificado» (Raposo & Miguel, 2013: 721); ou seja, o quantificador introduz ao SN uma leitura de quantificação universal. No domínio frásico, sugere-se que o predicado *ser vacinado* coincide com a situação de todos os membros de um grupo identificado de gatos. De modo semelhante, o quantificador *ambos* em (36b) também introduz uma interpretação de totalidade, abrangendo lexicalmente uma interpretação quantitativa correspondente ao numeral cardinal *dois*. Visto isso, da frase em (36b) infere-se que o conjunto de entidades designado pelo SN envolve dois membros (dois gatos, neste caso) e, em simultâneo, a totalidade desses membros (i.e., os dois gatos) estão vacinados. Conforme Raposo e Miguel (2013: 721), o determinante *algum* (ver p. 36) tem propriedades quantificadoras (o que coincide com a subdivisão não taxativa dos especificadores em determinantes e quantificadores). Os autores sugerem que o uso de *algum*, no singular, refere que existe pelo menos uma entidade de um conjunto designado pelo GN que satisfaz o predicado da frase; no plural, existem pelo menos duas. Esta interpretação é de quantificação existencial. Relativamente à frase em (36c), infere-se que pelo menos um gato, no conjunto de gatos em questão, está vacinado. Em (36d), infere-se que pelos menos dois gatos (pode ser mais) estão vacinados. Ambas as inferências são independentes do número de membros do conjunto de gatos.

Raposo e Miguel (2013: 722) enfatizam o facto de a determinação e a quantificação não definirem classes estanques, verificando que os determinantes também codificam a categoria gramatical de número, tendo todos uma dimensão quantitativa em que se distingue o singular do plural (cf. *o* vs. *os*, *um* vs. *uns*, *este* vs. *estes*, etc.). No que diz respeito à interpretação de quantificação universal e de quantificação existencial, o artigo definido e os determinantes indefinidos (i.e., o artigo indefinido e *algum*) têm estas interpretações, respetivamente. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (37) a. Passa-me as garrafas que estão no saco, se faz favor.
b. Passa-me uma garrafa que está no saco, se faz favor.

Supõe-se que o falante das frases em (37) terá comprado três garrafas e as terá colocado

no saco de compras. Ao produzir a frase em (37a), o falante espera que o seu interlocutor lhe passe todas as garrafas no saco, e não apenas uma ou duas. Em (37b), a expectativa do falante é que o seu interlocutor lhe passe qualquer uma das garrafas que estão no saco. As duas interpretações coincidem com a quantificação universal e a quantificação existencial, respetivamente. Ainda, como Raposo e Miguel (2013: 722) observam, o artigo indefinido *um* distingue-se dificilmente da sua contrapartida homófona — o numeral cardinal *um* que representa o número um. Assim sendo, é possível que a expectativa do falante em (37b) seja o seu interlocutor passar-lhe certa garrafa que corresponde à quantidade representada pelo numeral *um*. Ou seja, o falante não espera que o seu interlocutor lhe passe mais de uma garrafa.

Retomando o traço [\pm definido] que codifica um aspeto semântico importante dos determinantes, Raposo e Miguel (2013: 722) afirmam que os quantificadores universais têm um valor [+definido], acrescentando um sentido de totalidade a um conjunto identificado de entidades. Deste modo, os quantificadores universais usam-se sempre com o determinante definido, precedendo-o na posição inicial do SN⁴⁷ (p.e., a frase em (37a) tem uma construção equivalente a *passa-me todas as garrafas que estão no saco, se faz favor*). Em contrapartida, os quantificadores vagos e os numerais cardinais têm um valor [-definido], uma vez que exprimem uma quantidade, tanto imprecisa como precisa, de constituintes não identificados de um conjunto, pelo menos para o ouvinte (cf. *comprei muitas/poucas/numerosas/três garrafas*). Em relação à colocação e à interpretação dos quantificadores no SN, os aprendentes chineses de PLE não têm grandes dificuldades, uma vez que a quantificação dos SN em mandarim tem características sintáticas e semânticas semelhantes.

Por fim, o quantificador pode combinar-se com o determinante no mesmo SN, ocorrendo à direita do determinante e precedendo os outros componentes do GN⁴⁸ (exceto os quantificadores universais que ocorrem obrigatoriamente na posição inicial do SN). Segundo Raposo e Miguel (2013: 722), esta combinação resulta numa leitura complexa em que se representam propriedades da determinação e da quantificação (cf. *os poucos estudantes que têm carros, umas oito crianças foram afetadas pelo sarampo*). Em síntese, os conceitos de determinação e de quantificação não são antagónicos, mas antes complementares. Os aprendentes chineses de PLE podem ter dificuldades em produzir SN em que coocorrem um determinante e um quantificador, em particular, um quantificador universal. Nesta situação, um tipo de desvio frequente na produção por parte dos aprendentes chineses é a omissão do artigo definido, por motivo da inexistência de sistema de artigo na sua LM.

2.2.3 Ordem e concordância dos elementos do SN

Além das ordens possíveis entre o determinante e o quantificador que se mostraram na

⁴⁷ O facto de esses quantificadores ocorrerem à esquerda do determinante definido pode conceber-se uma combinação desses quantificadores com um SN completo, que cria um novo sintagma com base no quantificador — o sintagma quantificacional. Ilustra-se:

a. [_{SQ} todas [_{SN} as/estas garrafas]]
b. [_{SQ} ambas [_{SN} as garrafas]]

⁴⁸ Designa-se esta posição por «posição intermédia» em Raposo e Miguel (2013).

última subsecção, há outras ordens preferenciais dos elementos no SN. Tendo em conta a modificação e a complementação do nome pelo adjetivo (cf. 2.2.1.4, pp. 27-34), é possível generalizar ordens pré-determinadas entre os elementos adjetivais e o nome. Brito e Raposo (2013: 1106-1108) apresentam as seguintes generalizações: i) prefere-se a ordem [N + Adj] quando um adjetivo qualificativo seleciona um complemento (cf. (38a)) ou quando o nome é completado por um adjetivo relacional (cf. (38b)) (nesta última situação, não se admite elemento algum na posição intermédia entre o nome e do adjetivo, cf. (38c)); ii) prefere-se a ordem [N + Adj qual. + Adj aval.] quando um adjetivo qualificativo se combina com um adjetivo avaliativo (cf. (39)); iii) prefere-se a ordem [N + Adj+ SP] quando um SP completo ocorre com um adjetivo preferencialmente pós-nominal (cf. (40)); iv) prefere-se a ordem [Adj + N] quando o nome se modifica por um adjetivo avaliativo (cf. (41)); e v) existe uma igualdade entre a ordem [N + Adj] e a ordem [Adj + N] quando um adjetivo está especificado por um advérbio de grau (cf. (42)):

- (38) a. as férias dependentes do calendário religioso
 (vs. *as *dependentes do calendário religioso férias*)
 b. o autocarro elétrico (vs. *o *elétrico autocarro*)
 c. *o autocarro amarelo elétrico

- (39) a. um quarto iluminado maravilhoso
 b. ?um quarto maravilhoso iluminado
 c. ?um maravilhoso quarto iluminado

- (40) a. a câmara municipal da minha cidade
 b. o ladrão violento com uma faca

- (41) a. uma maravilhosa figura
 b. um antipático político

- (42) a. um muito bom filme
 b. um filme muito bom

Os autores observam que, além dessas generalizações, há uma tendência para colocar os elementos mais extensos ou complexos no final do SN. Assim, os modificadores oracionais ocorrem normalmente no final dos SN em que estão envolvidos.

Quanto à concordância, conforme Brito (2006: 330), os valores do nome dominam a concordância do determinante, do quantificador e do adjetivo dentro do SN. Eliseu (2008: 70) também refere que o determinante e os constituintes adjetivais num SN têm a mesma especificação de género e de número que o nome nuclear tem. Assim, os seguintes componentes no SN compartilham obrigatoriamente os traços flexionais de pessoa, género ou número: i) o

determinante com o nome (cf. (43a)); ii) o quantificador⁴⁹ com o nome (cf. (43b)); iii) o nome com o adjetivo (cf. (43c)); e iv) outros elementos que têm propriedades adjetivais proeminentes com o nome (cf. (43d)):

- (43) a. uma/a mesa, uns/os cadernos
b. algum/nenhum livro, algumas/muitas/poucas/bastantes canetas
c. menina amável/chorona, meninos amáveis/chorões
d. aluno motivado para a leitura, alunas motivadas para a leitura

Segundo Brito (2006: 330), nos SN com um núcleo construído por nomes coordenados, o componente adjetival ocorre no plural. Em relação ao valor de género, se todos os nomes forem unicamente masculinos ou femininos, o componente adjetival concordará com os nomes em género (cf. (44a)); se houver, na coordenação, pelo menos um nome do género masculino, a concordância do componente adjetival será determinada por esse nome (cf. (44b)):

- (44) a. As alunas e as doutoras apaixonadas pelos livros querem lançar um projeto de leitura.
b. Um menino e uma menina simpáticos encontraram o cão perdido.

Geralmente, a ordem dos elementos no SN entre si não provoca dificuldades substanciais na produção por parte de aprendentes chineses de PLE. Pelo contrário, a concordância é considerada como área cheia de ocorrências desviantes e a dificuldade de concordância pode demorar ao longo de todo o processo de aprendizagem. Essa dificuldade deve-se ao facto de que, em mandarim, uma língua que não tem flexão morfológica (cf. 1.2.2, pp. 3-4), não existe mecanismo de concordância no nível morfológico. Assim sendo, os aprendentes chineses devem esforçar-se muito para compreender e assinalar a concordância entre os constituintes no SN.

2.3 Construções do SN em mandarim

Para comparação com as propriedades do SN em português (ver supra), esta secção tem como objetivo apresentar os componentes e a estrutura interna do SN em mandarim. Para maior conveniência, esclarece-se que os SN em mandarim possuem uma componente lexical que se relaciona principalmente com a denotação do GN e outra componente que tem um sentido autenticamente quantificacional (i.e., a expressão quantificacional) ou dêictica (i.e., os pronomes demonstrativos). De forma semelhante à estrutura funcional do SN, esta última constituinte do SN em mandarim desempenha, em alguns casos, a função de operador de referência nominal (ver p. 35). A construção da parte lexical do SN pode realizar-se por uma

⁴⁹ Os numerais cardinais comuns, quando funcionam como quantificadores únicos do SN, não admitem variação em número ou em género, exceto os que representam duas ou mais centenas (p.e., *duzentos* e *quinhentos*) e os numerais *um* e *dois*, quer ocorrendo isoladamente quer fazendo parte de numerais aditivos (p.e., *trinta e um* e *sessenta e dois*). Estes variam-se em género de acordo com o género gramatical do nome com que se combinam (p.e., *duzentos bonecos*, *quinhentas bonecas*, *um relógio* e *sessenta e duas colheres*) (Vicente, 2013).

estrutura de associação⁵⁰ (cf. 2.3.1). Quanto à construção da componente funcional, será abordada apenas a estrutura de quantificação (cf. 2.3.2), uma vez que esta estrutura se distingue, de forma destacada, da estrutura equivalente em português.

2.3.1. Associação dos elementos

A associação refere-se à combinação de um ou mais elementos de natureza nominal com o nome principal através da partícula *de*⁵¹, em que o nome associado completa ou modifica o sentido do nome principal. De forma semelhante aos SP nos SN em português, os elementos associados nos SN em mandarim podem ter várias interpretações. Veja-se o exemplo seguinte:

- (45) Mǎ Wēi de shū
 NP DE livro
 ‘o livro da Ma Wei’

Tal como em português, o SN em (45) tem uma interpretação ambígua: a Ma Wei pode ser possuidora ou autora do livro em questão. Para facilitar a interpretação de ‘o livro da autoria da Ma Wei’, pode construir-se um SN como *Mǎ Wēi xiě de shū*, introduzindo o verbo *xiě* ‘escrever’ à direita do nome próprio para representar a relação agente-paciente entre a Ma Wei e o livro. Ainda, existe outro SN *xiě Mǎ Wēi de shū* que se concebe como ‘o livro sobre a Ma Wei’. Nesta situação, os elementos associados ao nome principal têm uma função de modificador, considerando-se como uma oração relativa. Conforme Li e Thompson (1989: 116), as duas realizações da modificação nominal em mandarim são o adjetivo atributivo e a oração relativa, ambos ligados e precedidos ao nome principal. Cf.:

- (46) a. bái (de)⁵² yún
 branco (DE) nuvem
 ‘nuvem branca’
 b. niánqīng (de) rén
 jovem (DE) ser-humano
 ‘pessoa jovem / de idade jovem’
 c. nǐ (de) jiějie
 PRON:2ª.SING (DE) irmã-mais-velha
 ‘a tua irmã mais velha’

⁵⁰ Usa-se este termo em Li e Thompson (1989). Segundo os autores, do ponto de vista estrutural, há três tipos de construções do SN baseado num nome principal — a associação, a modificação e a quantificação. Contudo, a secção 2.3.1 representa que a modificação do SN em mandarim é realizada por associar modificadores ao núcleo com a partícula *de*. Ou seja, a estrutura de modificação é, de facto, uma associação. As duas não são distintas do ponto de vista estrutural. A classificação em Li e Thompson tem uma base ambígua entre estrutural e semântica. Em razão disso, a presente tese sugere uma abordagem sobre a construção dos SN em mandarim em função do aspeto estrutural. Isto é, os dois métodos de construção de SN em mandarim é associação (através da partícula *de*) e a quantificação (através do classificador).

⁵¹ Li e Thompson (1989: 136) referem que a combinação de pronomes pessoais com a partícula genitiva *de* tem a função de pronome possessivo. Isto é, os pronomes possessivos em mandarim não possuem formas especiais independentes (cf. Quadro 2, p. 13).

⁵² Os parênteses indicam que esta partícula *de* é facultativa.

- d. niányòu de háizi
 jovem DE criança
 ‘a criança pequena’
- e. bù kě'néng de rènwù
 NEG possível DE missão
 ‘a missão impossível’

Os exemplos em (46a, b, d, e) representam a possibilidade de os adjetivos se associarem ao nome, construindo um SN em que o adjetivo associado desempenha a função de modificador. Em relação ao carácter facultativo da partícula *de*, a sua omissão geralmente resulta do facto de o modificador representar a característica essencial da entidade designada pelo nome principal, enquanto a sua presença esclarece ou delimita uma das suas várias características (cf. (46a, b)). Por essa razão, em (46a, b), os SN com *de* omissa interpretam-se de modo equivalente aos nomes que se dão às entidades designadas⁵³. Em particular, segundo Li e Thompson (1989), se for associado um pronome pessoal ao nome de parentesco, a partícula *de* é habitualmente omitida (cf. (46c)). Em (46d, e), a partícula *de* é sempre obrigatória.

Quanto à oração relativa em mandarim, como a relativa em português, a sua função semântica mais importante é restringir a denotação do nome principal (Li & Thompson, 1989: 116):

- (47) a. [_{SN} xúe pútáoyáyǔ de nǚshēng-men] zài kàn shū。
 estudar português DE mulher-aluno-PL MT⁵⁴ ler livro
 ‘As alunas que estudam português estão a ler.’
- b. zhè⁵⁵ shì [_{SN} wǒ-men yào tāolùn de jìhuà]。
 DEM V.COP:SER PRON:1ª.PL querer discutir DE projeto
 ‘Isto/isso é o projeto que queremos discutir.’

Em (47a), a oração relativa tem por base um sintagma verbal — *xúe pútáoyáyǔ de* ‘que estuda(m) português’ — representando a propriedade comum — estudar português — de certo grupo de alunas. De modo semelhante, em (47b), a oração relativa *wǒmen yào tāolùn de* ‘que

⁵³ Segundo Li e Thompson (1989), quando determinadas entidades são percebidas como integrais e relevantes, os falantes de mandarim preferem dar-lhes um nome relativamente detalhado, utilizando um SN sem a partícula *de*. Considerando (46a), é natural pretender que a nuvem branca é uma subcategoria de nuvens, e é razoável nomear essa subcategoria de nuvens consoante a sua cor. Do mesmo modo, o SN em (46b) pode ser compreendido como o nome se dá a um grupo de seres humanos com pouca idade. Em contrapartida, SN como **shūfú shāfā* ‘sofá confortável’ e **shànlíang rén* ‘pessoa simpática’ são anómalas, visto que não é normal classificar os sofás consoante a propriedade de ser confortável ou não ou dividir as pessoas em grupos por serem simpáticas ou antipáticas. As características como ser confortável, agradável, simpática, pessimista, etc. são julgamentos subjetivos dos falantes, enquanto as particularidades como o tamanho, a cor e a forma são consideravelmente subjetivas, que podem servir uma base de categorização de entidades (Li & Thompson, 1989: 119). Nesses últimos exemplos, o uso da *de* é obrigatório. Aliás, a percepção dos falantes e a sua capacidade de categorização de entidades no mundo determinam se se combina a *de* com o modificador nominal no SN.

⁵⁴ O marcador temporal do presente *zài* é também um dos marcadores aspetuais do imperfeito (Li & Thompson, 1989). A estrutura [*zài* + verbo] em mandarim é equivalente à perífrase verbal [*estar a* + infinitivo] em português.

⁵⁵ Este demonstrativo não pode ser interpretado como expressão locativa (cf. nota 20, p. 16).

queremos discutir’ restringe a entidade designada pelo nome principal.

Para além disso, os elementos associados que têm uma função de modificador podem estabelecer várias relações semânticas com o nome nuclear. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (48) a. chènshān (de)⁵⁶ lǐngzi
camisa (DE) gola
‘a gola da camisa’
b. hóuzi (de) ěrduo
macaco (DE) orelha
‘as orelhas do macaco’
c. fǎguó (de) nǎilào
França (DE) queijo
‘o queijo de França / francês’
d. qiǎokèlì (de) dàngāo
chocolate (DE) bolo
‘o bolo de chocolate’

Em (48), consoante as entidades denotadas pelos nomes nucleares, os elementos associados têm com os núcleos uma relação parte-todo (48a), possessão inalienável (48b), origem de produto (48c) ou material principal (48d).

Os elementos associados têm, ainda, uma função da representação dos argumentos de nomes deverbais, isto é, são equivalentes ao complemento nominal na nominalização em português (cf. 2.2.1.1, pp. 17-23):

- (49) a. kēxué de fāzhǎn
ciência DE desenvolvimento
‘o desenvolvimento da ciência’
b. guānyú yǔsù de yíwèn
PREP:SOBRE fonema DE dúvida
‘dúvida(s) sobre fonemas’
c. duì hépíng de hūyù
PREP:A paz DE apelo
‘apelo(s) à paz’

A nominalização do verbo em mandarim é um processo sintático-semântico, diferente do processo morfológico em português. Em (49a), o nome principal *fāzhǎn* ‘desenvolvimento’ tem a forma igual ao verbo correspondente. Nesta situação, o nome associado *kēxué* ‘ciência’ tem duas funções em simultâneo: a de marcar a classe a que o nome principal pertence e a de

⁵⁶ Os parênteses indicam que esta partícula *de* é facultativa.

representar o seu argumento (cf. *a ciência desenvolve-se*). Em (49b, c), os nomes associados são precedidos pelos elementos equivalentes às preposições em português. Os exemplos em (49) demonstram o facto de os SN em mandarim terem sempre o seu núcleo na posição final.

Para além disso, interessa observar que, em mandarim, existe apenas a possibilidade de os adjetivos derivarem-se dos nomes por lhe acrescentarem a partícula *de* (vs. os nomes deadjetivais em português, pp. 21-22). Por este facto, os nomes que descrevem personalidades ou estados psicológicos em mandarim não têm estrutura argumental como as suas contrapartidas em português:

- (50) a. tā-men de zhēnchéng
 PRON: 3ª.PL DE sinceridade
 ‘a sinceridade deles / a sua sinceridade’
- b. wǒ de kuàilè
 PRON: 1ª.SING DE felicidade
 ‘a minha felicidade’

Os nomes associados a esses sentidos têm uma interpretação de possuidor de uma personalidade ou de experienciador de um estado psicológico.

2.3.2 Quantificação

2.3.2.1 Classificador como “individualizador” da denotação do nome

No que diz respeito à quantificação do SN em mandarim, é necessário abordar uma classe de palavras relevante para a sua construção – o classificador. Tipologicamente, a língua chinesa é uma língua isolante que pertence às línguas de classificador numeral (Aikhenvald 2000). Isto é, possui um sistema de classificadores numerais – morfemas independentes de uma classe semi-aberta (Aikhenvald, 2000: 101) que, como Allan (1977) define, «representa[m] características salientes das entidades designadas pelos nomes com os quais se associam». Os classificadores numerais (a seguir designados por *classificadores* ou *CL*) ocorrem exclusivamente na construção de quantificação; ou melhor, não se encontram em nenhuma estrutura a não ser de natureza quantificadora.

Segundo Chierchia (1998: 353), os nomes em mandarim têm, de modo universal, uma leitura massiva e não contável. Para realizar a quantificação do SN, procura-se um nível em que o nome tem uma interpretação contável (Kratzer, 1989). Por essa razão, a quantificação do nome é fundamental para uma interpretação quantitativa do SN em mandarim. A quantificação do SN indica a quantidade certa ou aproximada de indivíduos ou de conjuntos designados pelo nome principal, dependendo de diferentes combinações do numeral com o classificador. Isto é, é necessário um classificador para individualizar a denotação massiva do nome. Cheng e Sybesma (2014: 260) também referem que a única função dos classificadores em mandarim é

preparar um nome simples para poder ser quantificado pelo numeral. Por este motivo, a quantificação do nome realiza-se canonicamente por um numeral mais um classificador, precedendo o nome. Na maioria dos casos, o classificador é obrigatório. Porém, as ocorrências da estrutura quantificadora sem classificador são possíveis com restrições (cf. (63c), p. 55). A existência do classificador numeral associa-se sempre à inexistência da marcação de plural obrigatória dentro do nome e à inexistência da concordância no plural (Aikhenvald, 2000; Chierchia, 1998).

2.3.2.2 Classificador como “categorizador” da denotação do nome

Além de ser um elemento que fornece a quantificação do nome, o classificador tem uma interpretação para classificar nomes com diferentes denotações. Segundo Aikhenvald, os nomes, numa língua de classificador numeral, selecionam classificadores diferentes para a realização da quantificação. Os critérios da seleção de classificadores são predominantemente semânticos, dependendo de vários fatores como a entidade denotada ser [+/-] animada, a sua forma, dimensão e estrutura, etc. (Aikhenvald, 2000: 98). Tai e Wang (1990, *apud* Gobbo, 2014: 31) consideram os classificadores em chinês como uma categorização humana na cultura chinesa. Conforme os autores, *tiáo* é o mais frequente entre os classificadores relativos à extensão em mandarim, para o qual se propõe uma teoria prototípica que aborda o seu sentido e os seus usos. Este classificador tem uma origem nominal — o nome *tiáo* ‘ramo,’ que serve de base a vários nomes compostos (ver p. 9):

- (51) a. liǔ-tiáo
salgueiro-ramo
‘ramo de salgueiro’
b. miàn-tiáo
farinha-ramo
‘massa longa’

A origem nominal indica que o seu uso como classificador é o de identificar as entidades que possuem uma forma comprida. Tai e Wang (1990) resumem três usos desse classificador em mandarim: em primeiro lugar, usa-se com objetos concretos que exibem uma forma comprida ou longa num espaço tridimensional; além disso, pode ocorrer com nomes que denotam objetos com grande extensão num espaço bidimensional; por fim, pode utilizar-se com entidades invisíveis e abstratas, construindo uma extensão metafórica baseada na imaginação do ser humano. Ilustram-se estas propriedades pelos exemplos em (52) com os classificadores sublinhados:

- (52) a. $yī^{57}$ tiáo shé (entidade concreta tridimensionalmente comprida)
 um CL cobra
 ‘uma cobra’
- b. $yī$ tiáo lù (entidade extensa de modo bidimensional)
 um CL rua
 ‘uma rua’
- c. $yī$ tiáo xīnwén (entidade de grande extensão metafórica)
 um CL notícia
 ‘uma notícia’

Alguns nomes em mandarim podem selecionar diferentes classificadores consoante a propriedade em foco. Por outro lado, o classificador selecionado designa a característica em foco que serve de critério da classificação de entidade(s) designada(s) pelo nome (Liu *et al.*, 2004). Cf. os classificadores selecionados pelo mesmo nome *kuàizi* ‘pauzinhos’, que designa um talher típico nos países do Extremo Oriente:

- (53) a. $yī$ shuāng kuàizi
 NUME:UM CL pauzinho
 ‘um par de pauzinhos’
- b. $yī$ gēn kuàizi
 NUME:UM CL pauzinho
 ‘um pauzinho’

Quando o nome se combina com o classificador *shuāng* que tem uma leitura de “agrupar-se em pares (p.e., *yī shuāng yǎnjīng* ‘um par de olhos’, *yī shuāng érniǚ* ‘um filho e uma filha’)”, põe-se a ênfase na propriedade de os pauzinhos se usarem normalmente aos pares (cf. (53a)). Contudo, quando for necessário, em certos contextos, será possível que o nome se combine com o classificador *gēn* que representa a característica de um objeto concreto ser comprido e rijo (p.e., *yī gēn huángguā* ‘um pepino’, *yī gēn mùchái* ‘um toro de lenha’) para a designação de um pauzinho particular (cf. (53b)). Assim, como Aikhenvald (2000: 98) explica, a seleção de classificadores é tradicionalmente associada com certas propriedades tipológicas.

Por fim, o classificador *gè* em mandarim tem um uso muito vasto e genérico (Li & Thompson, 1989: 112), como se pode ver em:

- (54) a. $yī$ gè rén
 NUME:UM CL ser-humano
 ‘uma pessoa’

⁵⁷ Não se demonstra o *sandhi* do numeral *yī* cuja pronúncia varia consoante o tom do classificador com que se combina. Para mais informações, veja-se Zhang, J. (2014).

- b. yī gè lǎoshī⁵⁸
 NUME:UM CL professor
 ‘um(a) professor(a)’
- c. yī gè dàngāo
 NUME:UM CL bolo
 ‘um bolo’
- d. yī gè shìyán
 NUME:UM CL promessa
 ‘uma promessa’

Este classificador pode preceder um grande número de nomes com diferentes propriedades semânticas, substituindo os classificadores mais específicos.

2.3.2.3 Classificadores na quantificação do nome não contável

As duas funções do classificador mencionadas acima são simultâneas. Dito de outro modo, a quantificação do nome em mandarim requer a individualização e a classificação das entidades denotadas pelo nome. No entanto, substâncias denotadas pelos nomes não contáveis massivos (i.e., nomes que designam substâncias) não apresentam a possibilidade ou facilidade de ser divididas de maneira espontânea. Em relação a isso, Lyons (1977: 463) propõe o conceito de *classificador* de ordenação seriada (*sortal classifier*) e de medida (*mensural classifier*). Segundo o autor, a função do classificador de ordenação seriada é individualizar entidades denotadas pelo nome contável, consoante o tipo a que estas pertencem, enquanto a função do classificador de medida é individualizar o que o nome (quer contável, quer não contável) denota em certas porções. Croft (1994) distingue uma classe da palavra de medida do classificador, sugerindo que a função primária da palavra de medida é individualizar unidades de medida das entidades denotadas pelos nomes não contáveis massivos. O autor indica que, de forma diferente dos nomes contáveis, os nomes massivos denotam entidades, ou melhor, substâncias que não se apresentam em “unidades naturais”. Por este facto, utilizam-se as palavras de medida para designar as unidades pelas quais se quantificam substâncias denotadas pelo nome massivo. O autor acrescenta que, em comparação com os processos cognitivos da quantificação dos nomes contáveis com classificador, a quantificação dos nomes massivos não envolve o processo da individualização de substâncias denotadas nem a identificação como entidades do mesmo tipo.

Tai e Wang (1990: 37) distinguem a quantificação do nome realizada pelo classificador

⁵⁸ Utiliza-se esta expressão mais frequentemente no registo informal do que no formal. No registo formal, o classificador que precede os nomes que denotam profissões é *wèi*:

zhè wèi lǎoshī jiāo shùxué。
 DEM CL professor/a ensinar matemática
 ‘Esse/a professor/a ensina matemática.’

Segundo Gobbo (2014: 43), a seleção entre os classificadores *gè* e *wèi* para o nome professor relaciona-se com motivações semânticas — *gè* considera-se neutro e não marcado, enquanto *wèi* sugere respeito e cortesia.

tinto e arroz se mede, mas não é necessário que as substâncias quantificadas estejam num recipiente específico ou se segurem na mão no momento em que ocorre o discurso (Cheng & Sybesma, 1999). Isto pode ser considerado como uma possível motivação para o desvio **bebi um copo de café* produzido por algum aprendente chinês de PLE (cf. 1.1, p. 1).

Segundo Chen e Sybesma (1999, *apud* Gobbo, 2014: 28), os nomes comuns que se podem recategorizar como classificadores do nome não contável devem ter uma coerência semântica com as substâncias denotadas. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (56) a. zhè xīe shuǐ kěyǐ zuò yī hú chá。
 este CL⁶² água poder fazer NUME:UM CL:RECIPIENTE BOJUDO chá
 ‘Esta quantidade de água dá para fazer um bule de chá.’
- b. *māma mǎi-le yī bǎ niúnǎi。
 mãe comprar-PERF NUME:UM CL:MÃO-CHEIA leite
 ‘*A mãe comprou um punhado de leite.’

Em (56a), “um bule de chá” é perfeitamente plausível, ao passo que “um punhado de leite” em (56b) não coincide com a realidade. Liu explica que, se um nome designa substâncias, quer concretas quer abstratas, que não apresentam forma própria (p.e., o líquido e o gasoso), a sua quantificação realiza-se com classificadores que designam os recipientes que habitualmente contêm essas substâncias (Liu *et al.*, 2001: 134).

Cheng e Sybesma (1999) abordam uma outra construção de quantificação de nomes massivos com classificadores “denominais”: [Nume Cl *de* N], e discutem as diferenças entre as interpretações desta estrutura e da estrutura [Nume Cl N]. Segundo os autores, estruturas com ou sem a partícula *de* têm interpretações distintas, como se mostra nas seguintes frases:

- (57) a. *tā yòng wǎn hē-le liǎng bēi hóngjiǔ
 PRON:3^a.SING usar tigela beber-PERF dois copo tinto-vinho
 ‘*Ele/a bebeu dois copos de vinho tinto com uma tigela.’
- b. tā yòng wǎn hē-le liǎng bēi de hóngjiǔ。
 PRON: 3^a.SING usar tigela beber-PERF dois copo DE tinto-vinho
 ‘?Ele/a bebeu uma quantidade de dois copos de vinho tinto com uma tigela.’

A frase em (57a) é absurda, mas (57b) é plausível. Segundo Cheng e Sybesma (1998, 1999), a expressão quantificadora sem *de* em (57a) tem uma interpretação segundo a qual o vinho tinto referido se consome mesmo num copo, ao passo que a expressão com *de* em (57b) não restringe tal interpretação: o classificador *bēi* fornece apenas a medida da quantidade do

⁶² Trata-se o *xīe* como «classificador de quantidade não identificada» (cf. (58) infra).

vinho tinto consumido, interpretando-se como “quantidade suficiente para encher um copo qualquer”. Como Sybesma (1992) sugere, a estrutura [Nume Cl *de*] é parecida com a expressão de modificação (cf. 2.3.2). Hoekstra (1988, *apud* Cheng & Sybesma, 1998) discute a interpretação dos classificadores semelhantes a *bēi*: embora se devam interpretar como sentido abstrato (i.e., sendo classificadores, são exclusivamente utilizados em função do recipiente), os recipientes concretos designados por estas palavras permanecem “patentes” de alguma forma. É muito provável que frases como *tā hē-le sān bēi hóngjiǔ* ‘ele/a bebeu três copos de vinho tinto’ indique um copo concreto com que se bebeu o vinho. No entanto, é pouco provável que nenhum copo esteja envolvido e que ele/a tivesse bebido, por exemplo, diretamente da garrafa. Por outras palavras, embora os classificadores que possuem uma origem nominal não tenham um valor referencial, as entidades denotadas por eles desempenham um importante papel na interpretação quantitativa do SN.

Quando a quantidade de entidades denotadas pelo nome não é precisa, existem várias maneiras de realizar a sua quantificação (Li & Thompson, 1989). Uma maneira comum é a utilização do numeral de contagem de sentido vago *jǐ*, que indica uma pequena quantidade⁶³, habitualmente, menos de dez elementos. O numeral, em conjunto com o classificador selecionado pelo nome principal, forma expressões quantificadoras que têm uma interpretação de quantidade aproximada, por exemplo, *jǐ gè rén* ‘algumas/umas pessoas’ e *jǐ zhāng zhǐ* ‘algumas/umas folhas de papel’.

Ainda, como Liu (2001) justifica, há dois classificadores de unidade não identificada *xiē* e *diǎn*. Os dois, quando correspondem a um numeral, só podem preceder o numeral *yī* ‘um’, formando as expressões quantificadoras *yīxiē* ‘algum/alguma’ e *yīdiǎn* ‘um pouco de’ que exprimem uma quantidade imprecisa (Liu *et al.*, 2001). Segundo Li e Thompson (1989), os dois classificadores têm espontaneamente uma leitura de pluralidade, como se ilustra em:

- (58) a. *yī* *xiē* *niú'nǎi*
 NUME:UM CL leite
 ‘algum leite’
- a'. *yī* *diǎn* *niú'nǎi*
 NUME:UM CL leite
 ‘um pouco de leite’
- b. *yī* *xiē* *jiànyì*
 NUME:UM CL conselho
 ‘alguns conselhos’
- b'. *yī* *diǎn* *jiànyì*
 NUME:UM CL conselho
 ‘um pouco de conselhos’

⁶³ in Xinhua Dicionário (2015) (em chinês). Beijing: The Commercial Press.

- c. *yī* *xiē* *qìchē*
 NUME:UM CL carro
 ‘alguns carros’
- c'. **yī* *diǎn* *qìchē*
 NUME:UM CL carro
 ‘um pouco de carros’

Em geral, as expressões quantificadoras *yī xiē* e *yī diǎn* podem realizar a quantificação dos nomes concretos não contáveis (cf. (58a, a’)) ou dos nomes abstratos (cf. (58b, b’)). A diferença entre os valores semânticos dessas expressões quantificadoras é que *yī xiē* representa uma quantidade maior que *yī diǎn*. Contudo, quando o nome principal for concreto e contável (cf. (58c, c’)), a expressão *yī diǎn* resultará em agramaticalidade. Neste caso, é preferível a expressão quantificadora [*jǐ* CL] para a quantificação inexata do nome, p.e. *jǐ liàng qìchē* ‘alguns carros’.

De facto, o numeral cardinal *yī* ‘um’ numa expressão quantificadora, quer exata quer vaga, pode ser omissa. Considerem-se as seguintes frases:

- (59) a. *wǒ* *xiǎng* *chī* (*yī*) *gè* *píngguǒ*。
 PRON:1ª.SING querer comer (NUME:UM) CL maçã
 ‘Eu quero comer uma maçã.’
- b. *gěi* *tā* (*yī*) *shuāng* *kuàizi*。
 dar PRON:3ª.SING (NUME:UM) CL pauzinhos
 ‘Dá-lhe um par de pauzinhos.’
- c. *duō* *fàng* (*yī*) *diǎn* *yán*。
 muito pôr (NUME:UM) CL sal
 ‘Põe um pouco mais de sal.’

O numeral *yī* ‘um’ antes dos classificadores genéricos (59a), coletivo (59b) ou de quantidade incerta (59c) pode omitir-se. Segundo Jiang (2015), quando a informação transmitida pelo numeral ‘um’ é de grande importância, não se pode omitir o numeral. Em mandarim, as expressões quantificadoras com ou sem o numeral um resultam em interpretações diferentes do SN: uma existencial e a outra referencial (Jiang, 2015: 62). Serão abordadas as interpretações existenciais e referenciais do SN mais adiante.

2.3.3 Ordem dos elementos do SN

Na construção dos SN em mandarim, todos os elementos a não ser nome nuclear são opcionais e ocorrem na esquerda do núcleo. Quando houver vários elementos de diferentes

naturezas num SN, a ordem dos constituintes será opcional entre as estruturas seguintes (Li e Thompson, 1989):

- (60) a. [expressão quantificadora + oração relativa + adjetivo atributivo + *de* + N]
b. [oração relativa + expressão quantificadora + adjetivo atributivo *de* + N]

Todavia, um SN tão complexo como estes é muito raro na prática. Simplificando, a ordem canónica dos elementos no SN é [expressão quantificadora + N]. A posição do(s) modificador(es) é aleatória, dependendo da sua relação com o núcleo na compreensão global do SN.

Conforme Cheng e Sybesma (2014: 248), a ordem canónica dos elementos no SN, de acordo com as suas funções gramaticais, é:

- (61) [Dem Nume Cl Mod (*de*) N]

Segundo os autores, existem ordens fixas de certos elementos entre si: (i) o classificador deve preceder o nome; (ii) o numeral precede sempre o classificador; e (iii) o demonstrativo precede invariavelmente o numeral. Os autores consideram as expressões ligadas ao nome por *de* (i.e., os elementos associados abordados supra) como “modificador (designados por *Mod* em (61) e (62))” e revelam que esse modificador pode preceder o pronome demonstrativo (designado por *Dem*) ou o numeral (quando nenhum demonstrativo estiver envolvido no SN). Cf.:

- (62) [Mod (*de*) Dem Nume Cl N] (Cheng & Sybesma, 2014: 249)

A posição alterável do Mod num SN pode resultar em interpretações diferentes. Vários autores (Chao, 1968; Gobbo, 2001; Huang, 1982; Liu *et al.*, 2004; Tsai, 1994, entre muitos outros) discutem a relação entre a colocação do Mod e o seu valor [\pm restritivo]. Sio (2008) sugere que existe uma correlação entre a posição pós ou pré-numeral (i.e., as estruturas representadas por (61) e (62), respetivamente) do Mod e uma interpretação [\pm específica] do SN. A autora verifica que os SN com uma estrutura como a exemplificada em (61) podem ser ambíguos entre uma leitura específica ou não específica, ao passo que a colocação do modificador em (62) assegura uma leitura obrigatoriamente específica do SN⁶⁴. Conforme a autora, *de* na estrutura presente em (62) não pode ser omitida e apenas os SN com uma estrutura [Nume Cl N] e uma leitura específica admitem a ocorrência de um modificador (em conjunto com *de*) à sua esquerda. Serão discutidas as interpretações dos SN em mandarim na secção 3.2.

Além das duas ordens apresentadas acima, há mais possibilidade de organização dos elementos do SN, ignorando a posição do Mod (visto que é mais contextual do que gramatical)

⁶⁴ Segundo a autora, os SN com esta estrutura são “expressões de especificidade (*Specificity Phrases*)” cuja função é a codificação das propriedades referenciais.

e o fenômeno de eclipse de nome. A seguir, ilustram-se as possíveis construções do SN em mandarim:

- (63) a. [Dem Nume Cl N] (variante: [Dem \emptyset_{um} Cl N])
b. [Dem N]
c. [Nume Cl N] (variantes: [\emptyset_{um} Cl N] e [Nume $\emptyset_{gè}$ N])
d. [N]

Em resumo, os SN em mandarim apresentam uma particularidade — ter o núcleo na posição final (i.e., à direita) da sua estrutura — que é a maior diferença entre os SN em mandarim e os SN em português. Isso pode influenciar a colocação dos adjetivos no SN em português pelos aprendentes chineses, dado que a posição dos adjetivos não é sempre fixa em relação ao núcleo e pode alterar a interpretação do SN em questão.

Capítulo III. Possíveis interpretações de sentidos do SN em função dos artigos por parte de aprendentes chineses de PLE

Segundo Peres (2013: 762), os valores semânticos que os SN podem ter são, principalmente, o valor referencial, o valor quantificacional e o valor predicativo. Vários autores (Cunha & Cintra, 2015; Duarte & Oliveira, 2006; Lyons, 1977, entre muitos outros) consideram que o valor referencial se relaciona com o uso dos SN pelo falante para indicar e designar uma entidade em particular ou um certo grupo de entidades do universo de discurso. Este capítulo tem como objetivo abordar possíveis interpretações, sobretudo a interpretação referencial, dos SN com ou sem determinante, tendo em conta o ponto de vista dos aprendentes chineses de PLE.

Neste capítulo, ainda são discutidos os traços semânticos [\pm definido] / [\pm específico] dos SN referenciais e o valor genérico ou predicativo dos SN em certos contextos. Em português, estes valores relacionam-se fundamentalmente com o uso da classe de determinantes, que exprimem, em particular, a sensibilidade do falante na seleção do artigo definido ou indefinido numa dada situação. Pelo contrário, em mandarim, uma língua em que não se constitui uma classe de determinantes (i.e., não existe uma classe que funcione exclusivamente com essa função), os valores referidos acima são veiculados por outros meios (cf. 3.2). Assim sendo, existe uma distinção estrutural entre os SN em português e em mandarim em função da codificação desses valores, o que pode explicar algumas dificuldades dos aprendentes chineses de PLE (ver infra) e algumas produções analisadas nesta tese (cf. cap. IV).

3.1 Interpretações dos SN em português

3.1.1 Valores dos SN definidos

Recorde-se que a principal distinção entre os SN e os GN é que os primeiros têm capacidade referencial em determinados contextos. Conforme Duarte e Oliveira (2006: 221), em português, dado que os GN não constroem valor referencial por si, é necessária uma operação de determinação de natureza semântico-pragmática sobre eles para poderem designar um determinado referente num dado contexto. De uma forma geral, um SN constrói-se a partir de um GN, através de dois processos: a aplicação de um determinante ou um quantificador⁶⁵ (i.e., unidades que pertencem à classe dos especificadores⁶⁶) ou a reclassificação de um GN como SN sem inserir qualquer constituinte. O primeiro dá origem a um SN determinado ou um SN quantificado e o segundo resulta num SN reduzido que inclui um especificador nulo (i.e., poderia conter um artigo ou quantificador, mas aparece apenas com o núcleo nominal).

Os aprendentes chineses de PLE, que não têm estas estruturas na sua LM, necessitam de

⁶⁵ Os quantificadores universais podem aplicar-se a um SN definido, tornando-o num sintagma quantificacional (cf. nota 47, p. 40).

⁶⁶ Exclui-se a construção partitiva (p.e., [*um/algum/poucos/cinco dos gatos*] *foi(foram) adotado(s)*) nesta subsecção para facilitar uma comparação das duas línguas neste domínio em causa, uma vez que a construção partitiva é de grande complexidade.

aprender a usar os especificadores e os SN reduzidos. No que respeita à interpretação, a diversidade sintática dos SN coloca a questão de saber se às formas possíveis de SN correspondem determinados tipos de valores semânticos (Peres 2013: 760-761). Uma determinada forma de SN pode conservar vários valores semânticos e favorecer um deles num dado contexto. Como os aprendentes chineses estão habituados a fazer leituras contextuais e pragmáticas, isso pode ajudá-los a perceber determinadas interpretações.

Em primeiro lugar, o valor referencial é assegurado nos SN que possuem primitivamente uma capacidade referencial. Segundo Raposo e Miguel (2013: 707), esses SN podem ser os pronomes pessoais, os nomes próprios e os SN com um nome comum como núcleo e introduzidos por um determinante definido⁶⁷ ou demonstrativo. Considera-se esta última forma mais relevante para uma abordagem das interpretações dos SN. Cf.:

- (64) a. [SN O tigre branco] feriu uma mulher.
b. [SN O leão branco] feriu uma mulher.
c. Vamos ver [SN os tigres brancos no Jardim Zoológico de Lisboa].
d. [SN O tigre branco] habita principalmente na Índia, mas também no Bangladesh.
e. [SN Os tigres brancos] habitam principalmente na Índia, mas também no Bangladesh.

Em (64), todos os SN determinados pelo artigo definido têm um valor referencial, uma vez que o falante tem em mente a(s) entidade(s) em causa — neste caso, o(s) tigre(s) branco(s) — e assume que o interlocutor é capaz de a(s) identificar. No entanto, distinguem-se as interpretações dos SN⁶⁸ em (64a) das restantes. Segundo Peres (2013: 762-763), o valor referencial corresponde a vários sentidos pormenorizados. Especificando, o SN em (64a) tem um valor referencial particular: refere-se a um tigre branco que efetuou a ação de ferir uma mulher. Neste caso, supõe-se que o interlocutor já identificou esse tigre branco e o falante está a mostrá-lo ao interlocutor. Pode mesmo referir-se ao tigre branco apontando para ele enquanto diz *o tigre branco* ou *este/esse/aquele tigre branco*. Por outras palavras, numa situação em que o referente está presente, o artigo definido e os demonstrativos favorecem uma leitura referencial particular de um SN.

Lyons (1977: 148) distingue a referência correta da referência bem-sucedida, defendendo que, se se considera uma frase como uma descrição do seu referente, a referência bem-sucedida não depende de a descrição encerrada na expressão referencial ser verdadeira. No contexto referido, o falante pode achar que o animal é um leão branco. Ao dizer a frase em (64b), refere-se ao tigre branco incorretamente por meio do SN definido *o leão branco*, mas o seu interlocutor será capaz de identificar o animal referido com base nos meios extralinguísticos, p.e., o gesto ou o olhar. Como Miguel e Raposo (2013: 824) sugerem, para o uso referencial de um SN definido ser pragmaticamente adequado, o referente deve existir no universo do discurso

⁶⁷ Em Lyons (1977) e Peres (2013), trata-se este tipo de SN como «SN definido». Não se deve confundir o SN definido com o SN [+definido], visto que nem todos os SN definidos têm um valor definido.

⁶⁸ Referem-se exclusivamente aos SN em parênteses retos.

relevante, deve ser o único de um determinado tipo e deve ser identificável pelo interlocutor. Assim, o artigo definido confere ao SN três propriedades relacionadas com o seu valor referencial — a condição de existência, a condição de unicidade e a condição de identificação. Supõe-se que o falante, ao fazer a pergunta *viste o tigre branco?* está a assinalar que, num dado jardim zoológico, existe um e apenas um tigre branco e que o interlocutor é capaz de o identificar. De forma semelhante, na frase em (64a), não se indica que existe só um tigre branco naquele jardim zoológico, mas, antes, que um tigre branco se considera único por estar salientado na consciência do interlocutor pela indicação do falante. Assim, o tigre branco que feriu uma mulher é identificado pelo interlocutor.

Em (64c), o SN definido está no plural. Supõe-se que o falante convida o interlocutor para uma visita ao Jardim Zoológico de Lisboa. Ao produzir a frase, assinala uma pluralidade de tigres brancos. Conforme Lyons (1999, *apud* Miguel & Raposo, 2013: 825), essa pluralidade «designada por um SN definido no plural é o facto de ser total ou máxima». Isto é, o falante tem em mente a totalidade dos tigres brancos naquele jardim zoológico e pressupõe que o interlocutor é capaz de identificar essa totalidade. Segundo Miguel e Raposo (2013: 825), com esta interpretação, o artigo definido no SN tem um valor de quantificação universal partilhado com o quantificador *todos*. Assim sendo, o enunciado em (64c) equivale ao seguinte: *vamos ver todos os tigres brancos no Jardim Zoológico de Lisboa*. Lyons (1999, *apud* Miguel & Raposo, 2013: 825) designa esta propriedade do SN definido no plural como condição de inclusividade.

Lyons (1977: 187) aborda a ambiguidade entre a interpretação distributiva e a coletiva dos SN definidos plurais sob condição de inclusividade (tratada por «referência geral» pelo autor). Conforme o autor, uma frase como *aqueles tigres brancos comem vinte quilogramas de carne por dia* é ambígua, porque o SN definido pode ser interpretado como significando “cada um daqueles tigres brancos” ou “aquele conjunto de tigres brancos”; a primeira coincide com uma leitura distributiva, enquanto a segunda é uma leitura coletiva. Miguel e Raposo (2013: 825) referem que a adição do quantificador *todos* ao SN definido favorece a leitura distributiva (cf. *todos os tigres brancos (no Jardim Zoológico de Lisboa) comem vinte quilogramas de carne por dia*), ao passo que a ausência do quantificador universal facilita a leitura coletiva.

Relativamente aos SN definidos em (64d, e), podem interpretar-se com valor referencial genérico. Segundo Lyons (1977: 194), os SN com valor referencial genérico surgem nas proposições genéricas, isto é, as proposições que afirmam ou negam alguma coisa não sobre qualquer indivíduo de uma dada classe de entidades nem sobre certo grupo de entidades pertencentes a esta classe, mas antes sobre a classe inteira. Miguel e Raposo (2013: 833) referem que o artigo definido é o determinante por excelência para se usar em SN de referência genérica (embora o SN indefinido também tenha uso genérico com restrições). Desta forma, em (64d, e), interpreta-se que o falante trata a classe de tigres brancos como um todo e lhe atribui a propriedade de viver na Índia e no Bangladesh. Embora a espécie⁶⁹ de tigre branco

⁶⁹ Veja-se a nota 6, p. 6.

tenha *habitat* principal e secundário nos dois sítios, há indivíduos que não coincidem com essa propriedade descrita (por exemplo, na situação assumida acima, alguns tigres brancos podem habitar no jardim zoológico de uma outra região do mundo). Visto isso, numa referência genérica de espécie, nem todos os exemplares têm a propriedade de toda a espécie.

Lyons (1977: 195-196) sugere um tipo de proposição genérica chamado «proposição essencial» que deve ser interpretado «como dizendo que esta e aquela propriedade é um atributo essencial dos membros da classe a que é feita a referência»⁷⁰ (cf. (65a)). Conforme o autor, entre as proposições genéricas, as proposições essenciais são mais fáceis de definir: se uma proposição genérica for essencial, é plausível inserir um modificador adverbial como *essencialmente*, *necessariamente* (em vez de *geralmente*, *tipicamente*, *normalmente*, *etc.*, que não introduzem um sentido de essência) em posição inicial da frase ou em posição pós-verbal (cf. (65b)); em contrapartida, uma proposição não essencial não admite qualquer desses modificadores adverbiais (cf. (65c)):

- (65) a. [_{SN} O tigre branco] é mamífero.
b. Essencialmente/necessariamente/*tipicamente, [_{SN} os tigres brancos] são mamíferos.
c. *Necessariamente/geralmente, [_{SN} Os tigres brancos] estão em risco de extinção.

Lyons (1977: 194) ainda defende que a referência genérica se distingue da referência geral, visto que essa primeira (ou melhor, a proposição genérica) não pode ser marcada quanto ao tempo gramatical nem quanto ao aspeto (cf. **o tigre branco foi/era mamífero*); ao passo que a referência geral, tanto distributiva como coletiva, pode ocorrer sem restrição nas proposições com valor temporal e/ou aspetual (cf. (64a, b)).

Lyons (1977: 185-187) e Miguel e Raposo (2013: 835-837) observam que nem sempre os SN definidos têm um valor referencial. Segundo os autores, quando um SN definido ocorrer numa oração copulativa, isto é, com o verbo *ser*, pode ter um valor predicativo, e não referencial. Veja-se o exemplo seguinte:

- (66) O Filipe é [_{SN} o filho da Lúcia].

Em (66), o SN definido *o filho da Lúcia* não é referencial, antes tem um sentido descritivo. Conforme Miguel e Raposo (2013: 835), os SN definidos com este sentido funcionam como o predicativo do sujeito, neste caso, *o Filipe*, denotando «uma propriedade que se atribui exclusivamente ao referente do SN sujeito», isto é, ser o filho da Lúcia. Porém, Lyons (1977: 185) sugere outra interpretação do SN definido com função predicativa. Segundo o autor, ambos os SN *o Filipe* e *o filho da Lúcia* em (66) podem ter interpretação referencial e o verbo copulativo *ser* estabelece uma relação de identidade entre os dois referentes. Assim sendo, embora sejam idênticas do ponto de vista estrutural, as frases que contêm o verbo *ser* dividem-

⁷⁰ Deve-se esta tradução a Ramos, W.

se em duas classes: uma classe de frase predicativa, e a outra de frase equativa. Se a frase em (66) for tomada como equativa, os dois SN referenciais são intermutáveis (cf. *o filho da Lúcia é o Filipe*) e a presença do artigo definido no SN *o filho da Lúcia* é obrigatória; se a frase for considerada predicativa, os dois SN não são intermutáveis e o artigo do SN predicativo é facultativo (cf. *o Filipe é filho da Lúcia*). Por outras palavras, a diferença semântica entre a leitura equativa e a predicativa implica um uso distinto do artigo definido, que dificulta a interpretação e a produção de SN definidos por parte de aprendentes chineses de PLE. Mesmo que o seu nível de proficiência em PLE seja relativamente avançado, um aprendente chinês não consegue sempre distinguir entre o sentido de *o Filipe é o filho da Lúcia* e o de *o Filipe é filho da Lúcia*. A primeira frase implica que o Filipe é o único filho que a Lúcia tem, enquanto esta segunda não garante a unicidade do Filipe como filho da Lúcia; ou seja, o Filipe pode ser o único filho ou um dos vários filhos que a Lúcia tem, mas isso não é o foco da frase em questão.

Os autores referidos (Lyons, 1977; Miguel & Raposo, 2013) discutem outro contexto em que os SN definidos que funcionam como argumento frásico (sobretudo o sujeito) podem ter interpretação não referencial. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (67) a. [SN O campeão da Liga Europa] tem lugar na Champions.
b. Gostava de conhecer [SN o profissional mais erudito da minha área].

Os SN definidos em (67) podem ter tanto uma leitura referencial como uma leitura não referencial. Explicando com a frase em (67a), o SN pode ser interpretado com um valor referencial definido, referindo uma equipa específica que foi o campeão da Liga Europa (e que tem entrada automática na Champions, ou Liga dos Campeões). No entanto, há outra interpretação possível deste SN, que se concebe como “uma equipa que fique no primeiro lugar (e que entre automaticamente na Champions)⁷¹”. Nesta última leitura, chamada leitura atributiva (Donnellan, 1966, *apud* Lyons, 1977; Miguel & Raposo, 2013), em vez de ter em mente uma equipa particular, o falante assume que existe (ou aparecerá) uma única equipa que é (ou será) vencedora do campeonato. Ou seja, o SN utiliza-se para descrever uma equipa qualquer que seja campeã. Conforme Donnellan (1966, *apud* Lyons, 1977: 186), no uso atributivo do SN definido, «o atributo de ser isto-e-aquilo é importante, o que não acontece na utilização referencial»⁷². Exemplificando com a frase em (67b), na leitura não referencial, a propriedade denotada pelo SN — ser o profissional mais erudito de determinada área — é a única pista que o indivíduo em questão (quem quer que seja) tem; além disso, essa propriedade comprova o uso do complemento do verbo *conhecer*: para exprimir a esperança de conhecer a pessoa *x*, é necessário que a sua descrição seja *o profissional mais erudito da minha área*.

Miguel e Raposo (2013: 836-837) concluem que o uso atributivo do SN definido em orações declarativas preserva a condição de unicidade, mas não a condição de identificação;

⁷¹ Miguel e Raposo (2013: 836) sugerem que, na leitura atributiva, o SN definido pode ter como aposto as expressões *qualquer que ele/a seja* ou *quem quer que ele/a seja*: cf. *O campeão da Liga Europa, qualquer seja, tem lugar na Champions*.

⁷² Esta tradução é de Ramos, W.

isto é, o falante assume que existe uma entidade única que coincide com a descrição veiculada pelo SN, mas nem ele nem o interlocutor têm capacidade de identificar a entidade designada. Quanto à condição de existência, os autores defendem que esta é preservada no uso atributivo. De facto, quando o falante usa um SN com um valor atributivo, é provável que o interlocutor o verifique com um valor referencial (p.e., *A – quem é o diretor do instituto? B – (o diretor do instituto) é o senhor de gravata azul*). Isso sugere que as leituras dos SN definidos, ou melhor, dos SN determinados, não se relacionam diretamente com o artigo ou com os SN, mas antes com o seu uso em determinado contexto e/ou a sua interpretação pelos interlocutores. Por outras palavras, a leitura do SN é de natureza mais pragmática do que semântica. Então, para os aprendentes chineses de PLE, é necessário assinalar a importância do contexto situacional e pragmático na interpretação de SN definidos, em vez de associar simplesmente a leitura a determinado valor semântico do artigo.

3.1.2 Valores dos SN indefinidos

O artigo indefinido, tal como o artigo definido, implica que a entidade designada por um SN existe no universo do discurso, mas distingue-se por não satisfazer a condição de unicidade nem a condição de identificação (Miguel & Raposo, 2013: 839). Estas distinções entre o artigo definido e o indefinido refletem-se nos seus usos: utiliza-se o artigo definido para entidades já mencionadas, ao passo que o indefinido se usa para entidades novas. Lyons (1977: 188) afirma que o SN introduzido pelo artigo indefinido ou pelo determinante indefinido tem o traço [–definido], mas o inverso não é verdadeiro (i.e., o valor [–definido] não é sempre traduzido pelo artigo indefinido ou pelo determinante indefinido).

Quanto às leituras [±específico] dos SN indefinidos, Miguel e Raposo (2013: 156) referem que, ao usar um SN indefinido com uma leitura específica, o falante refere-se a uma entidade particular (ou um grupo particular de entidades) e indica ao seu interlocutor que a sua identificação tem pouca importância no contexto discursivo, porque ele não tem informação suficiente para realizar essa identificação; em contrapartida, ao usar um SN indefinido com uma leitura não específica, o falante não tem em mente qualquer referente particular. Por esta razão, trata o SN como expressão não referencial. Exemplificando:

- (68) a. Na semana passada, fui ao concerto com [SN uns novos amigos].
b. Espero poder conhecer [SN uns novos amigos] este semestre.
c. Vai à cozinha e tempera [SN uma galinha que está em cima da mesa].
d. Todas as semanas a família do Sérgio come [SN uma galinha].

Em (68a), o falante tem certeza dos amigos com os quais foi ao concerto, mas não assume que o interlocutor seja capaz de os identificar e, ainda, considera irrelevante essa identificação na sua conversação. Ao invés, em (68b), o falante não tem em mente indivíduos particulares. Assim, o SN indefinido em (68b) usa-se não especificamente, obtendo uma interpretação não

referencial. Relativamente a (68c), uma situação provável em que o falante produz o enunciado é que há apenas uma galinha. Nesta situação, a galinha é informação nova para o interlocutor, ou seja, só se menciona pela primeira vez no instante em que o enunciado se produz. Por esta razão, o interlocutor não tem essa galinha «presente no seu campo de percepção imediato» (Miguel & Raposo, 2013: 840)⁷³. Em (68d), a frase representa um evento que se repete com uma frequência regular. É natural conceber-se que a família em causa não come a mesma galinha em cada semana, mas sim uma galinha diferente. À vista disto, o SN indefinido em (68d) não designa uma galinha particular que o falante tem em mente, mas indivíduos arbitrários que pertencem à classe “galinha”. Para os aprendentes chineses de PLE, é difícil reparar no facto que, neste caso, o artigo indefinido nunca quantifica, visto que podem associar intuitivamente o artigo indefinido à estrutura [yī ‘um’+ CL] na sua LM (ver p. 75).

Lyons (1977: 189) refere que as entidades (ou grupos de entidades), tanto particulares como arbitrárias, designadas por SN indefinidos são cognitivamente acessíveis aos interlocutores. Isto é, assim que introduz um indivíduo ao universo do discurso por um SN indefinido [+específico] ou [-específico], o falante pode retomá-lo por um SN definido ou por um pronome pessoal. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (69) a. Hoje de manhã entrou [SN uma galinha] no nosso jardim.
b. Todas as manhãs entra [SN uma galinha] no nosso jardim.
c. [SN A galinha] pôs um ovo debaixo do limoeiro.

O SN indefinido em (69a) introduz uma galinha particular no universo do discurso, enquanto em (69b) introduz um indivíduo arbitrário da classe de galinha. Por outras palavras, os SN indefinidos em (69a) e (69b) têm uma leitura específica e não específica, respetivamente. Em ambas as situações, o falante pode retomar imediatamente a galinha que está em causa por um SN definido ou um pronome pessoal (cf. (69c) ou *ela pôs um ovo debaixo do limoeiro*), dado que a galinha já é cognitivamente acessível aos interlocutores. Se a frase em (69c) se seguir imediatamente à em (69a), o SN definido em (69c) tem uma interpretação correferencial, ou seja, tem a mesma referência que o SN indefinido em (69a). Nesta interpretação, o SN indefinido (69a) tem uma referência indefinida, mas específica. No entanto, quando o enunciado em (69a) surgir isoladamente, pode interpretar-se o SN indefinido como não referindo a um indivíduo específico e pode parafrasear-se pelo SN *alguma galinha* (cf. *hoje de manhã uma galinha qualquer entrou no nosso jardim*). Nesta interpretação, o SN indefinido usa-se não especificamente. Lyons (1977: 188) defende que não se pode atribuir essa interpretação a uma referência não específica, pois é ambíguo se o SN indefinido tem verdadeiramente um referente.

Como Miguel e Raposo (2013: 841) observam, o valor referencial ou não referencial de

⁷³ Segundo os autores, existe uma possibilidade de a galinha ser percentualmente identificável pelo interlocutor no momento em que ele entra na cozinha em questão. Esta possibilidade pode justificar a utilização do artigo definido pelo falante no mesmo contexto situacional: cf. *vai à cozinha e tempera a galinha que está em cima da mesa*.

um SN indefinido depende muito das intenções do falante, mas, geralmente, o interlocutor recupera um dos valores mais plausíveis do ponto de vista semântico ou pragmático. Segundo os autores, o conteúdo veiculado por uma frase e/ou o contexto discursivo ou situacional em que se produz um enunciado são os fatores com que o interlocutor atribui o valor referencial ou não referencial a um determinado SN indefinido. Por este facto, por si só, o artigo indefinido não assinala valores [\pm referencial]. Os mesmos autores sugerem fatores que podem favorecer um esclarecimento de uma leitura [\pm específica] dos SN indefinidos, entre os quais se encontram informação adicional, mecanismos lexicais, contextos morfossintáticos, a posição do modificador adjetival (sobretudo os adjetivos avaliativos) do SN e a posição do SN indefinido em frases declarativas. Cf.:

- (70) a. O Manuel está à procura de [_{SN} um empregado], aquele que coordenou o projeto atual.
b. O Manuel está à procura de [_{SN} um empregado], por não ter assistente no projeto atual.
c. O Manuel está à procura de [_{SN} um empregado particular].
d. O Manuel está à procura de [_{SN} um empregado qualquer].
e. O Daniel prefere [_{SN} um carro que custa 10,000 euros].
f. O Daniel prefere [_{SN} um carro que custe 10,000 euros].
g. O Leonardo visita todas as semanas [_{SN} um vizinho simpático].
h. O Leonardo visita todas as semanas [_{SN} um simpático vizinho].
i. [_{SN} Uma galinha] pôs um ovo debaixo do limoeiro.
j. Estava debaixo do limoeiro [_{SN} uma galinha].

Na realidade, se considerar relevante, o falante pode acrescentar informação ao SN indefinido para identificar um certo referente (cf. (70a)) ou, contrariamente, para indicar ou implicar que não tem em mente qualquer indivíduo particular (cf. (70b)). É possível, também, que o falante utilize (em função atributiva) um dos adjetivos que permitem a eliminação da ambiguidade entre as duas leituras. Conforme Miguel e Raposo (2013: 843), os adjetivos *certo*, *determinado* e *particular* podem favorecer a leitura específica (cf. (70c)); ao passo que os adjetivos *qualquer* e *diferente* (quando se representa uma situação como em (70b)) favorecem a leitura não específica (cf. (70d)). Em português, se um SN indefinido incluir uma relativa restritiva, o modo verbal pode privilegiar uma dada leitura: no modo indicativo, o SN indefinido tem uma leitura específica (cf. (70e)); no modo conjuntivo, uma leitura não específica (cf. (70f)). Se se incluir um adjetivo avaliativo num SN indefinido, a sua posição pós-nominal provoca uma ambiguidade entre as leituras [\pm específico] (p.e., em (70g), pode interpretar-se a frase como implicando ou que o Leonardo visita sempre um determinado vizinho e que o falante sabe quem é esse vizinho ou que o Leonardo visita diferentes vizinhos, um de cada vez, com uma frequência regular), enquanto a sua posição pré-nominal assinala uma leitura específica desse SN (cf. (70h)). Para além disto, em frases declarativas, se um SN indefinido com a função de sujeito ocorrer na posição pré-verbal, tende para uma leitura específica (cf. (70i)); pelo contrário,

se um SN indefinido tiver uma leitura não específica, tem uma tendência para ocorrer na posição pós-verbal (cf. (70j) vs. *uma galinha estava debaixo de limoeiro*).

Miguel e Raposo (2013: 848) abordam ainda os SN indefinidos que denotam e predicam uma propriedade de uma entidade designada por outro SN referencial na mesma frase. Segundo os autores, há três tipos de construções sintáticas em que os SN indefinidos ocorrem com um valor predicativo: «i) em orações copulativas, com a função de predicativo do sujeito (71a, b⁷⁴); ii) em predicacões secundárias selecionadas, em particular em orações com verbos transitivos-predicativos, como *achar*, *considerar*, *tornar* e *transformar*, com a função de predicativo do complemento direto (71c, d); e iii) com a função de aposto de um SN referencial (71e, f)»:

- (71) a. Portugal é [SN um país localizado no sudoeste da Europa].
b. O grande lago, visto de longe, parecia [SN um oceano].
c. Acho Beethoven [SN um génio da música].
d. Considero o David [SN um amigo fiel].
e. A mãe do Hugo, [SN uma mulher magra e frágil], salvou o filho do incêndio de ontem.
f. Amanhã vou visitar o meu tio, [SN um jogador profissional de póquer].

Conforme Miguel e Raposo (2013: 850), os SN indefinidos, se estiverem no singular, podem desempenhar a função de sujeito em frases caracterizadoras, isto é, as frases que «têm o verbo num tempo/aspecto imperfetivo, usualmente o presente ou o imperfeito do indicativo» e que «representam propriedades gerais ou habituais das pessoas, dos animais, das coisas ou das espécies». Com esta função, os SN indefinidos têm uma interpretação de tipo genérico, designando uma certa espécie ou classe natural de entidades. Da forma semelhante à dos SN definidos com interpretação genérica, os SN com essa interpretação podem representar propriedades essenciais ou comuns:

- (72) a. [SN Uma cobra] é um réptil.
b. [SN Uma cobra] é perigosa.
c. [SN Um cão] ajuda os donos a cuidar dos bebés.

Em (72a), a frase representa uma propriedade essencial da espécie das cobras. Em (72b, c), as frases não exprimem propriedades essenciais da espécie de cobra e da espécie de cão, respetivamente. Assim, é plausível juntar a essas frases caracterizadora expressões adverbiais, p.e., *geralmente*, *habitualmente* ou *normalmente*, para designar «a habitualidade ou a interação das atividades ou dos estados representados pelo predicado» (Miguel & Raposo, 2013: 850) (cf. *uma cobra é normalmente perigosa* e *um cão habitualmente ajuda os donos a cuidar dos bebés* vs. **uma cobra é geralmente um réptil*).

Miguel e Raposo (2013: 851) justificam que o SN indefinido não pode ocorrer como

⁷⁴ Os exemplos em (71) são nossos.

sujeito de uma frase com um predicado que se aplica apenas a uma espécie, mas não aos espécimes (i.e., os membros da espécie designada). Vejam-se os exemplos seguintes:

- (73) a. [_{SN} O tigre branco] está em risco de extinção.
b. * [_{SN} Um tigre branco] está em risco de extinção.

Isso sugere que os SN indefinidos no singular não favorecem facilmente uma leitura genérica que se refere à totalidade de uma espécie ou de uma classe natural. Por outras palavras, mesmo que os SN indefinidos tenham uma leitura genérica em frases como (72), não se lhes atribui uma interpretação genérica intrínseca, contrariamente aos SN definidos.

Além disso, Miguel e Raposo (2013: 851) defendem que a leitura genérica dos SN indefinidos em (72) não tem origem no próprio SN sujeito, mas antes na interpretação genérica do predicado caracterizador; ou seja, pelo facto de o predicado exprimir uma generalização atribuível a todas as entidades de uma determinada classe, o SN sujeito pode ser compreendido genericamente. A razão pela qual um SN indefinido pode ocorrer como o sujeito de uma frase caracterizadora, obtendo uma leitura genérica, é que esse SN admite uma leitura [–específica]. Como se refere acima, com esta leitura, o SN indefinido representa uma entidade arbitrária que pertence à classe denotada pelo GN. Assim sendo, o artigo indefinido, em vez de assinalar um sentido existencial e a cardinalidade “um”, tem um valor semelhante àquele do quantificador *qualquer* (cf. *qualquer cobra é um réptil, qualquer cobra é normalmente perigosa e qualquer cão habitualmente ajuda os donos a cuidar dos bebés*). A arbitrariedade da leitura não específica do SN indefinido permite uma generalização sobre os membros da classe denotada. Contudo, esta não é uma verdadeira referência genérica à espécie como a que se pode realizar com um SN definido, visto que nem todos os SN indefinidos com função do sujeito de uma frase caracterizadora têm uma interpretação genérica (cf. (73)).

Para os aprendentes chineses de PLE, as dificuldades em interpretar e produzir os SN indefinidos não estão relacionadas com o valor existencial nem com o predicativo, mas antes com o valor genérico (cf. (72)). Na sua LM, o sujeito de um predicado com um valor genérico, quer aplicado à espécie quer apenas a alguns espécimes, é representado por um SN simples (cf. (82a), p. 70; (91b), p.76). Ao produzir os SN que desempenham a função de sujeito dos predicados genéricos aplicados à espécie, esses aprendentes manifestam uma preferência pelos SN definidos (cf. (65), p. 59). Se o predicado não se aplicar a todos os espécimes da mesma espécie, para determinação do SN sujeito, um aprendente chinês prefere a utilização do determinante indefinido *algum*, em vez do artigo indefinido.

3.1.3 Valores dos SN reduzidos

Por fim, os SN podem ocorrer sem especificador explícito, obtendo uma interpretação indefinida. Conforme Miguel e Raposo (2013: 857), estes SN reduzidos normalmente têm como núcleo um nome contável no plural ou um nome massivo no singular e têm apenas uma leitura

não específica. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (74) a. As crianças ajudaram a apanhar [SN cerejas] depois do pequeno-almoço.
b. O senhor não devia ter bebido [SN licor] ontem.

Os SN reduzidos em (74a) e em (74b) representam uma quantidade indeterminada de cerejas e uma porção indeterminada de licor, respetivamente. Miguel e Raposo (2013: 842) justificam que os SN reduzidos são indefinidos e, na sua interpretação indefinida, têm apenas a leitura não específica. Os mesmos autores sugerem que, quando um SN no plural tiver um nome contável como núcleo, a sua forma reduzida no plural contrasta com a forma com o artigo indefinido no plural na dimensão [\pm específico] (2013: 857). Exemplificando:

- (75) a. Amanhã vou comprar [SN almofadas] para os meus avós.
b. Amanhã vou comprar [SN umas almofadas] para os meus avós.
c. Vou apanhar [SN cerejas] agora.
d. ?Vou apanhar [SN umas cerejas] agora.

Ao produzir a frase em (75a), o falante refere a sua vontade de comprar uma quantidade indeterminada de almofadas quaisquer. No entanto, se produzir a frase em (75b), é mais provável que o falante tenha em mente almofadas particulares (embora não sejam identificáveis pelo interlocutor) por comprar para os avós. Retomando o exemplo (68b) (ver p. 61), é possível substituir o SN indefinido por um reduzido (cf. *espero poder conhecer novos amigos este semestre*). Na realidade, a contraste entre a leitura do SN reduzido no plural e a do SN indefinido no plural relaciona-se com a sua adequação pragmática num dado contexto. O SN indefinido (ou melhor, a utilização do artigo indefinido) em (75d) pode motivar o interlocutor para a inferência de que o falante se está a referir a umas cerejas particulares. Habitualmente, sejam quais forem as cerejas, as pessoas não têm interesse em identificá-las. Visto isso, é preferível produzir a frase em (75c), utilizando um SN reduzido, que não solicita tal inferência. Porém, em certos casos, se for necessária a identificação das entidades denotadas por um GN que inclui uma oração relativa restritiva, será preferível um SN indefinido (cf. *vou apanhar umas cerejas que caíram devido ao vento* vs. *?vou apanhar cerejas que caíram devido ao vento*).

Os SN reduzidos podem substituir os SN indefinidos com valor predicativo, mantendo o mesmo valor. Miguel e Raposo (2013: 848-850) verificam que esta alternância pode ocorrer nas situações seguintes: i) na função de predicativo do complemento direto dos verbos *eleger*, *nomear*, *tornar* e *transformar* (segundo os autores, os dois primeiros obrigam ao uso do SN reduzido, enquanto os últimos admitem ambos o SN reduzido e o SN indefinido); ii) na função de aposto; iii) na função de predicativo do sujeito, com nomes que denotam profissões, cargos e relações pessoais ou familiares, etc.; e iv) na função de predicativo do sujeito, quando o sujeito é plural, admitem-se os SN reduzidos que têm como núcleo nomes que denotam espécies naturais (como os autores notam, se o sujeito estiver no singular, o uso do artigo indefinido é

obrigatório). Cf.:

- (76) a. Elegemos/Nomeamos o João [SN diretor da fábrica].
(vs. * *elegemos/nomeamos o João um diretor da fábrica*)
- b. Harry Potter tornou/transformou um rato em [SN caixa de rapé].
(vs. *Harry Potter tornou/transformou um rato numa caixa de rapé*)
- c. A mãe do Hugo, [SN mulher magra e frágil], salvou o filho do incêndio de ontem.
(vs. (71e))
- d. Aquela doutora é [SN professora catedrática].
(vs. *aquela doutora é uma professora catedrática*)
- e. Estes animais são lontras.
(cf. *este animal parece uma lontra e *este animal é/parece lontra*)

Peres (2013: 791) considera que os SN reduzidos, tanto no plural como no singular, têm valores proeminentes que variam entre o valor referencial genérico de tipo, o valor de quantificação existencial e o valor predicativo. O primeiro distingue-se do valor genérico que o SN definido ou o indefinido têm, uma vez que, em Português Europeu, o SN reduzido representa uma inadequação em referir a espécies ou espécimes (cf. **tigre-branco é mamífero* vs. (65a), **cobra é perigosa* vs. (72b)). Contudo, a possibilidade de alterar o SN indefinido por um SN reduzido (cf. (76b, c, d, e)) constitui uma flexibilidade da língua em que se admitem facilmente transições de sentido — neste caso, de uma leitura genérica de tipo para uma leitura referencial particular. O valor particular pode ser obtido por inferência, por exemplo, em (76b), o SN reduzido *caixa de rapé* com valor genérico de tipo pode ser retomado por um pronome (cf. *ele entregou-a à professora*) que tem um sentido particular.

Para além disso, quando se puser, explícita ou implicitamente, um tipo de entidades em contraste com um outro, o uso dos SN reduzidos, sobretudo no plural, é possível. Mesmo se a ocorrência de um SN reduzido no singular não se considera natural na posição do sujeito; se se combinar um modificador com o nome, a possibilidade aumenta. Retomando o que foi discutido em 2.2.1.3 (ver pp. 24-27), nos complementos e modificadores nominais realizados pelo SP, admitem-se facilmente os SN reduzidos (cf. *quebra de confiança, carteira de couro* ou *risco de terramoto*).

Para os aprendentes chineses de PLE, a interpretação e o uso de SN reduzidos estão entre as grandes dificuldades no domínio de SN. Comparando com os SN simples na sua LM, que podem desempenhar uma função de argumentos e são capazes de se referir a entidades específicas, os SN reduzidos em português (sobretudo em Português Europeu) são consideravelmente distintos no que diz respeito à sua função sintática numa estrutura oracional e à sua interpretação. A dominação dos SN reduzidos por parte de aprendentes chineses é relativamente demorada. Os aprendentes com nível de proficiência em PLE avançado continuam a ter dificuldades em interpretar e em produzir os SN reduzidos.

3.2 Interpretações dos SN em mandarim

Com base em (63) (ver p. 54), Cheng e Sybesma (2014) abordam as interpretações que os SN em mandarim podem ter. Começando por discutir a identificação de SN com um valor definido, os autores sugerem que, normalmente, formas com demonstrativos ou SN simples podem referir-se a entidades introduzidas no universo do discurso e identificáveis pelos interlocutores, especialmente pelo interlocutor. Li e Thompson (1981: 130) confirmam que o demonstrativo assinala a definição, pelo facto de se usar para apontar para entidades reconhecíveis. Exemplificam-se em (77) as construções (63a) e (63b) que têm um valor definido, sublinhando-se os SN:

- (77) a. tāmen hē-le nà sān bēi jiǔ。
- PRON:3ª.PL beber-PERF DEM NUME:TRÊS CL vinho
'Eles/as beberam aqueles três copos de vinho.'
- b. wǒ xiǎng dú zhè (yī) běn shū。
- PRON:1ª.SING querer ler DEM (NUME:UM) CL livro
'Eu quero ler este livro.'
- c. zhè (bēi) kāfēi shì liáng de。
- DEM (CL) café V.COP:ESTAR frio DE
'Este café está frio.'

Em (77a), ambos os interlocutores conseguem identificar o vinho que está em causa, bem como a sua quantidade. As frases em (77b, c) demonstram que a estrutura [Dem Num Cl N] varia em diferentes situações do discurso atual, mantendo um valor definido, como em (77b), onde, quando se refere a uma só “unidade” de entidade designada pelo SN, o numeral *yī* ‘um’ pode ser omitido. Além do numeral “um”, o classificador deste SN também é facultativo. Por exemplo, em (77c), o classificador *bēi* ‘recipiente pequeno’ a seguir ao demonstrativo pode ser omitido. Nas duas variantes [Dem \emptyset_{um} Cl N] e [Dem \emptyset_{um} \emptyset_{Cl} N], o valor do demonstrativo é sempre definido. Mais adiante, discutir-se-á a combinação do demonstrativo com o classificador que se torna no artigo definido (Cheng & Sybesma, 2014: 251).

Segundo os autores, os SN simples em mandarim são relativamente mais puros (no sentido da condição de unicidade do referente em potência) do que as estruturas (63a) e (63b) na referência definida. Os autores comprovam esta afirmação comparando a preferência pelo SN simples (63d) ou pelas estruturas em (63a) e (63b) em dois contextos diferentes:

- (78) a. yuèliang rào dìqiú zhuàn。
 Lua em-volta Terra rodar
 ‘A Lua roda em volta da Terra.’
- b. *nà gè yuèliang rào zhè gè dìqiú zhuàn。
 DEM CL Lua em-volta DEM CL Terra rodar
 *‘Aquele Lua roda em volta desta Terra.’
- c. wǒ kàn shū, nǐ kàn bàozhǐ。
 PRON:1ª.SING ler livro PRON:2ª.SING ler jornal
 ‘Leio o livro. Lês o jornal.’
- d. wǒ kàn zhè (běn) shū, nǐ kàn nà (zhāng) bàozhǐ。
 PRON:1ª.SING ler DEM (CL) livro PRON:2ª.SING ler DEM (CL) jornal
 ‘Leio este livro. Lês esse jornal.’

No contexto em que se utilizam SN para a referência de objetos únicos como a Lua e a Terra em (78a, b), o SN simples é usado mais naturalmente do que a estrutura em (63a). A construção com demonstrativo até é considerada agramatical pelos falantes nativos de mandarim. Num outro caso, quando houver um contraste ou uma distinção entre certas entidades de diferentes grupos, é preferível usar-se um SN simples para referir a cada entidade em questão. Por exemplo, a frase em (78c) pode ser produzida numa situação em que há um livro e um jornal em cima de uma mesa e alguém quer designar um deles de cada vez. No mesmo contexto, o uso da estrutura em (63b) será menos natural, uma vez que os demonstrativos se consideram redundantes. Os autores ainda examinam se as duas formas abordadas resultam em contradições em frases com a estrutura “X é Y, e X não é Y”:

- (79) a. *kāfēi liáng le, kāfēi bù liáng。
 café frio SFP⁷⁵ café NEG frio
 *‘O café está frio. O café não está frio.’
- b. zhè bēi kāfēi liáng le, zhè bēi kāfēi bù liáng。
 DEM CL café frio SFP DEM CL café NEG frio
 ‘Este café está frio. Este café não está frio.’

Quando X for um SN simples, a frase resulta numa contradição lógica, visto que, no mundo real, um café não pode estar frio e não frio em simultâneo (cf. (79a)). Pelo contrário, se

⁷⁵ A partícula *le* no final da frase utiliza-se na descrição de um estado atual relevante (Li & Thompson, 1989), distinta da partícula pós-verbal *-le*.

X for a estrutura em (63b), não ocorre nenhuma contradição (cf. (79b)). Isso indica que o SN simples em mandarim tem um valor definido mais “puro” do que a estrutura com demonstrativo (Cheng & Sybesma, 2014: 252). Por outras palavras, embora ambos o SN simples e a estrutura com demonstrativo tenham um referente definido, apenas a segunda facilita a referência do SN usado em contextos em que existem vários referentes potenciais (Sybesma & Sio, 2008).

Por outro lado, as estruturas com numeral e sem demonstrativo em (63c) têm uma interpretação indefinida. Como se referiu supra, o numeral “um” e o classificador são facultativos. A omissão do numeral “um” ou do classificador resulta numa interpretação indefinida não específica do SN, enquanto um numeral e um classificador evidentes fornecem uma interpretação indefinida específica (Cheng & Sybesma, 2014: 252):

- (80) a. wǒ hē-le (yī) _____ píng píjiǔ。
 PRON:1ª.SING beber-PERF (NUME:UM) CL⁷⁶ cerveja
 ‘Bebi uma (garrafa de) cerveja.’
 (∅_{um} CL N: [-definido, +específico])
- b. wǒ hē-le yī _____ píng píjiǔ。
 PRON:1ª.SING beber-PERF NUME:UM CL cerveja
 ‘Bebi uma garrafa de cerveja.’
 (um CL N: [-definido, +específico])
- c. qǐng gěi wǒ mǎi (yī) _____ píng píjiǔ。
 COR⁷⁷ dar PRON:1ª.SING comprar (NUME:UM) CL cerveja
 ‘Por favor, compre-me uma (garrafa de) cerveja.’
 (∅_{um} CL N: [-definido, -específico])

Alguns autores sugerem que [um CL], [∅_{um} CL] e [um ∅_{CL}] podem ser consideradas equivalentes ao artigo indefinido. Esta sugestão será rejeitada mais adiante nesta secção. Além das duas estruturas manifestadas, os SN simples também podem ter uma leitura não específica:

- (81) wǒ qù jiào chūzūchē。
 PRON:1ª.SING ir chamar táxi
 ‘Vou chamar um táxi.’
 (N: [-indefinido, -específico])

⁷⁶ O nome *píng* designa os recipientes de gargalo pequeno, p.e., a garrafa, o vaso, o termo, etc.

⁷⁷ Designa a «expressão de cortesia».

De facto, os SN simples em mandarim ainda têm mais leituras possíveis:

(82) a. yáng chī cǎo。

cabra comer erva

‘A cabra come erva. / Uma cabra come erva.’

(N: [+genérico])

b. nà gè bái de dōngxi shì yáng。

DEM CL branco DE objeto V.COP:SER cabra

‘Aquela coisa branca é cabra.’

(N: [-referencial, +predicativo])

c. *tā xǐhuān tī zúqiú, shì gè hěn xīn de。

PRON:3ª.SING gostar chutar futebol V.COP:SER CL muito novo DE

‘*Ele gosta de jogar futebol. É um muito novo.’

(N: [-referencial])

O SN simples *yáng* ‘cabra’ em (82a) utiliza-se para referir genericamente uma espécie que tem a característica de comer erva. O nome com a mesma forma em (82b) desempenha a função do predicativo do sujeito frásico, indicando que o objeto designado pelo sujeito possui a característica de ser cabra. A anomalia em (82c) mostra que, perante um SN simples, quando este não tem valor referencial particular, os falantes interpretam um valor genérico de tipo.

Dado que a inexistência de um sistema de artigos em mandarim não impede as interpretações genéricas (cf. (82a)), não específicas (cf. (81)) ou específicas (cf. (80a)) do SN, Huang e outros autores sugerem que os SN simples em mandarim têm, na verdade, interpretações equivalentes às que possui a estrutura [ART (definido/indefinido)+N (singular/plural)] nas línguas que possuem artigos (Huang *et al.*, 2009: 283). Segundo os mesmos autores, existe uma relação entre o valor semântico de um SN e a sua forma. Por esta razão, pode deduzir-se a forma de um SN dependendo da sua interpretação. Nas línguas que não desenvolvem um sistema de determinante evidente, como, por exemplo, o mandarim, quando um SN tem uma interpretação predicativa (i.e., que denota certa(s) propriedade(s) de alguma(s) entidade(s)), a construção do SN não pede determinante; em contrapartida, se tiver uma interpretação referencial (i.e., que designa certa(s) entidade(s) particular(es)), deduz-se que o SN envolve um determinante nulo. Isto é, mesmo que o determinante não se apresente, a interpretação do SN indica a sua presença invisível (Longobardi, 1994). Cf. os exemplos seguintes:

(85) a. wǒ xiǎngyào de chǒngwù shì hēimāo。
 PRON:1ª.SING querer DE animal-de-estimação V.COP:SER preto-gato
 ‘O animal de estimação que eu quero é gato preto.’
 (N: [-referencial, +predicativo])

b. wǒ xiǎngyào (yī) (zhī) hēimāo dāng chǒngwù。
 PRON:1ª.SING querer (NUME:UM) (CL) preto-gato servir-como animal-de-estimação
 ‘Eu quero um gato preto como animal de estimação.’
 (Ø_{um} CL N: [-específico]; Ø_{um} Ø_{CL} N: [+genérico])

O classificador cuja função semântica principal é individualizar entidades designadas pelo nome não é necessário para SN sem valor referencial, visto que não se supõe a existência de entidades designadas por um SN não referencial, pois a individuação ou enumeração dessas entidades inexistentes não é necessária.

Os SN referenciais apresentam uma diversidade formal. Normalmente, os SN que envolvem (i) pronomes demonstrativos *zhè* ‘isto’ e *nà* ‘isso, aquilo’⁷⁸ ou (ii) o numeral *yī* ‘um’ ou o quantificador vago (i.e., *jǐ* ‘algum/a’) seguidos pelo classificador podem ter um valor referencial. Cf.:

(86) a. zhè (bù) diànyǐng hěn yǒuqù。
 DEM (CL) filme muito interessante
 ‘Este filme é muito interessante.’

b. nà (wèi) lǎoshī jiāo wàiguó xuéshēng pútáoyáyǔ。
 DEM (CL) professor ensinar estrangeiro aluno língua-portuguesa
 ‘Esse(a)/Aquele(a) professor(a) ensina português a alunos estrangeiros.’

c. tā chàng-le yī shǒu dòngtīng de gē。
 PRON:3ª.SING cantar-PERF NUME:UM CL bonito DE canção
 ‘Ele/a cantou uma canção bonita.’

d. xià-le jǐ chǎng yǔ, tiānqì biàn-lěng-le。
 cair-PERF NUME:ALGUM CL⁷⁹ chuva tempo tornar-frio-PERF
 ‘Choveu algumas vezes. O tempo ficou frio.’

A interpretação dos SN ainda depende dos usos de diferentes estruturas do SN no discurso

⁷⁸ O valor déítico espacial dos pronomes demonstrativos em chinês é binário. O *zhè* refere ao lugar ocupado pelo falante, e o *nà* refere a um lugar afastado do falante.

⁷⁹ O classificador *chǎng* que originalmente significa ‘arena’ ocorre na quantificação dos nomes que designam uma instância ou ocorrência de um evento (Li & Thompson, 1989: 110).

real. Segundo Chen (2015), o grau de importância da(s) entidade(s) introduzida(s) no discurso por um SN é o principal parâmetro para a sua construção. Assim sendo, um SN que designa entidade(s) de uma importância particular no discurso é tematicamente referencial, enquanto um SN que introduz entidade(s) de pouca importância não é tematicamente referencial. Sun (1988) indica que a estrutura em (63c) é um meio que introduz a grande maioria das entidades participantes na narração oral em mandarim. Chen (2009) refere o contraste entre as estruturas em (63c) e em (63d) quando funcionam como dispositivos de codificação de importância temática no discurso. Conclui-se que os SN simples indicam sempre uma fraca pertinência em relação ao tópico e que a estrutura em (63c) não é consistente para a expressão da importância temática. Consideram-se as frases seguintes:

(87) a. jiàoshì lǐ yǒu zhuōzi。

sala-de-aula L⁸⁰:INTERIOR haver mesa

‘Na sala de aula, há uma mesa / umas mesas.’

b. jiàoshì lǐ yǒu sān zhāng zhuōzi,

sala-de-aula L:INTERIOR haver NUME:TRÊS CL mesa

yī zhāng gāo de, liǎng zhāng dī de。

NUME:UM CL alto DE NUME:DOIS CL baixo DE

‘Na sala de aula, há três mesas. Uma alta e uma baixa.’

c. jiàoshì lǐ yǒu sān zhāng zhuōzi, kànqǐlái hěn jǐ。

sala-de-aula L:INTERIOR haver NUME:TRÊS CL mesa parecer muito cheio

‘Na sala de aula, há três mesas. Parece muito cheia.’

O SN simples *zhuōzi* ‘mesa’ em (87a) não é tão relevante como *jiàoshì* “sala de aula”, que é onde se situa o foco do discurso. O SN *sān zhāng zhuōzi* ‘três mesas’ em (87b) introduz as três mesas como o tópico do discurso, que a frase continua a descrever. Em contrapartida, o SN com a mesma estrutura em (87c) não se considera tematicamente referencial, visto que o resto da frase é uma descrição da sala de aula. Contudo, o SN sublinhado em (87c) é mais relevante enquanto tópico do que o SN em (87a) (Chen, 2009).

Quando os SN simples ocorrem na posição do sujeito frásico ou à direita do verbo existencial *yǒu* ‘haver’, a interpretação canónica não é tematicamente referencial. Em contrapartida, quando os SN com a estrutura em (63c) ocorrem na mesma posição numa frase, têm uma interpretação tematicamente referencial. Chen (2009) acrescenta que a posição em que um SN ocorre numa frase é o fator dominante que decide a sua forma e a sua interpretação tematicamente (não) referencial. Por exemplo, na construção locativa, os SN simples são

⁸⁰ Segundo Huang *et al.* (2009), os localizadores são palavras, como *shàng* ‘cima’, *wài* ‘exterior’, *páng(biān)* ‘ao lado de’, etc., que podem construir sintagmas locativos por se combinarem com um SN. Os autores observam que os sintagmas locativos em mandarim têm a ordem de *head-final*, isto é, o localizador, núcleo do sintagma locativo, ocorre à direita do SN.

selecionados com predominância e a sua interpretação é tematicamente não referencial.

Em síntese, segundo Chen (2015: 409), a determinação dos SN em mandarim realiza-se por meios estruturais e posicionais. Do ponto de vista estrutural, além dos SN que têm um nome próprio ou um pronome pessoal como único componente, as expressões associadas ao nome principal (cf. 2.3.1) que envolvem pronomes pessoais (88a) e os SN que incluem um demonstrativo (88b) ou um quantificador universal (88c) também têm uma interpretação definida:

- (88) a. wǒ-mén de dàxué yǒu qībǎi-duō nián de lishǐ。
PRON:1ª.PL DE universidade ter setecentos-mais CL:ANO DE história
'A nossa universidade está com mais de setecentos anos de história.'
- b. jiào nà (gè) nánshēng guòlái。
chamar DEM (CL) homem.aluno vir
'Chama esse / aquele aluno para aqui.'
- c. suǒyǒu yuángōng bìxū cānjiā péixùn。
todo empregado V.COP:DEVER assistir ensaio
'Todos os empregados devem assistir ao ensaio.'

O autor refere que o demonstrativo em mandarim não se pode considerar como o artigo definido, visto que a sua função deítica se reserva para indicar um alto grau de definição. Por outras palavras, o demonstrativo em mandarim não se submete à gramaticalização pela qual se torna no artigo definido. No entanto, não tem sempre um valor deítico, como, por exemplo, quando precede a um nome próprio:

- (89) zhè Liú Xīng yǒu èrshí-duō shuāng yùndòngxié。
DEM NP ter vinte-mais CL:PAR desporto-sapato
'O Xing Liu tem mais de vinte pares de sapatilhas.'

O demonstrativo *zhè* 'este/a' não refere uma relação espacial entre o falante e o referente e, ainda, pode ser substituído pelo outro demonstrativo *nà* 'esse/a ou aquele/a' sem influência nenhuma sobre o significado do SN. Portanto, o mandarim não contempla nenhuma classe de palavras equivalentes ao artigo definido ou aos determinantes demonstrativos em português. Este facto considera-se relevante na aprendizagem de operações de determinação em português dos aprendentes chineses de PLE, porque o português tem um sistema de determinantes muito mais rigoroso, relativamente ao seu valor referencial e deítico.

Quanto à determinação indefinida do SN, Chen (2003; 2015) considera a combinação do numeral *yī* 'um' com um classificador (i.e., [*yī* + Cl]) equivalente ao artigo indefinido nas

línguas como o inglês e o português, cujo artigo indefinido tem o valor intrínseco do numeral que representa o número um⁸¹. Conforme o autor, além de desempenhar a função do artigo indefinido, a combinação [*yī* + CL] pode utilizar-se como pronome. Todavia, considera-se muito raro esse uso do artigo indefinido em outras línguas (Chen, 2015: 409).

Quando um SN for determinado por um dos meios referidos acima, a sua interpretação [\pm definida] depende do discurso real em que ocorre. A posição em que o SN ocorre numa frase não é relativa ao seu valor [\pm definido]. Em contrapartida, os SN simples e os quantificados por números cardinais (exceto o numeral que corresponde a “um”) ou pelo quantificador vago *jǐ* ‘algum/a’ podem ter uma interpretação ambígua em relação ao valor [\pm definido]. Na maioria dos casos, a posição de um SN desses na frase favorece a sua interpretação. Chen (2015: 410) refere uma forte tendência para que a posição pré ou pós-verbal de um SN simples se relacione com uma leitura definida ou indefinida, respetivamente. Exemplificando:

- (90) a. duǎn-xìn lái-le_o.
 curto-mensagem vir-PERF
 ‘O SMS veio.’
- b. lái duǎn-xìn le_o.
 vir curto-mensagem PERF
 ‘Veio um SMS.’

Em (90a), o SN simples *duǎnxìn* ‘SMS’ na posição pré-verbal tem normalmente uma leitura definida; ao passo que esse mesmo em (90b), na posição pós-verbal, interpreta-se com um valor [$-$ indefinido].

Segundo Chen (2015), os SN com um valor [$-$ específico] raramente funcionam como o sujeito de uma frase caracterizadora:

- (91) a. *yī _____ zhī hóuzi hěn táoqi_o.
 NUME:UM CL macaco muito travesso
 ‘#Um macaco é muito travesso.’
- b. hóuzi hěn táoqi_o.
 macaco muito travesso
 ‘O macaco é muito travesso.’

O SN determinado pelo “pseudo-determinante indefinido” [*yī* + CL] em (91a) tem uma interpretação indefinida. A sua ocorrência na posição pré-verbal (ou melhor, à esquerda do

⁸¹ Para a homonímia da forma *um*, ou seja, das formas sincrónicas distintas, i.e., o artigo indefinido *um* e o numeral cardinal que representa o número 1, veja-se Miguel, M. & Raposo, E. (2013).

predicador⁸²) resulta em agramaticalidade. Em contrapartida, o SN simples *hóuzi* ‘macaco’ em (91b) tem uma leitura genérica, a razão pela qual esse pode ocorrer na posição do sujeito da frase caracterizadora. É preciso observar que (91b) tem outras traduções aceitáveis: ‘os macacos são muito travessos’ e ‘um macaco é muito travesso’, que são de sentidos diferentes. Neste caso, como o SN simples com valor genérico em mandarim pode corresponder simultaneamente aos três SN em português, os aprendentes chineses podem ter dificuldades em distinguir a diferença sutil entre os vários modos de expressão de valor genérico em português.

Conforme alguns estudos estatísticos de frases e discursos, em mandarim, há, por um lado, posições numa frase que favorecem uma interpretação [+definido]. Por exemplo, os SN que ocorrem na posição do sujeito frásico ou na posição do objetivo do verbo *bǎ*⁸³ admitem com facilidade uma leitura definida (Li & Thompson, 1989: 465; Chen, 2015: 410). Por outro lado, existem posições que favorecem a interpretação [-definido]. Por exemplo, na posição pós-verbal de uma frase existencial, que é normalmente construída com o verbo *yǒu* (cf. (87), ver p. 74), o valor predominante do SN é [-definido] (Chen, 2015: 410). Contudo, não há uma correspondência absoluta entre a posição em que um SN referencial ocorre e a identificação do seu referente.

Sintetizando, em mandarim, não há uma classe de palavras intrínsecas ou totalmente gramaticalizadas que servem simplesmente para a determinação do SN ou para a identificação do referente dos SN referenciais. Os traços [+referencial] e [+definido] dos SN não se refletem pela presença ou ausência de certas palavras. Ou seja, o mandarim não possui um sistema equivalente à classe de determinante em português. Para além disto, nem a posição dos SN numa oração indica sempre a interpretação [+definido] ou [+específico], ainda que se reconheçam algumas tendências.

⁸² Este exemplo considera-se como um caso especial. A frase não inclui verbo, em razão de os adjetivos em mandarim não requererem um verbo copulativo para a realização do predicativo.

⁸³ O objetivo do verbo *bǎ* é, tipicamente, o objetivo de um outro verbo. O sentido intuitivo de uma expressão com o verbo *bǎ* é que a(s) entidade(s) denotada(s) pelo SN que serve de objetivo do *bǎ* tem/têm sido afetada(s) no evento descrito. Ilustra-se com um exemplo simples:

| | | | |
|--------------|----|-----------|-------------|
| wǒ | bǎ | shǒuzhuó | diū-le。 |
| PRON:1ª.SING | BA | bracelete | perder-PERF |

‘Eu perdi a bracelete.’

Discute-se a construção do verbo *bǎ* em várias literaturas (Huang *et al.*, 2015: cap. 5; Li & Thompson, 1989: cap. 15; entre os outros).

Capítulo IV. Alguns usos dos SN em português por parte de aprendentes chineses de PLE

Todos os aspetos discutidos nos capítulos anteriores podem ser fatores que influenciam o uso dos SN em português por parte de aprendentes chineses de PLE e podem provocar confusão nas produções de SN divergentes da norma adotada em português (sobretudo em Português Europeu). Embora nem todos os desvios na produção escrita pelos aprendentes chineses se devam apenas à distância linguística entre o mandarim e o português em relação ao SN, uma vez que existem certamente desvios transversais a todos os aprendentes de PLE com qualquer língua materna, é muito provável que essa distância específica cause aos aprendentes chineses hesitações em alguns usos de SN, por lhes faltarem referências do aspeto estrutural correspondente na sua LM (p.e., o sistema de determinantes). Tendo em conta a reflexão teórica precedente, neste capítulo, serão analisados alguns SN produzidos pelos aprendentes chineses de PLE num *corpus* escrito — *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2). Através da comparação de SN produzidos em português com as possíveis correspondências em mandarim, espera-se contribuir para que os professores destes aprendentes chineses tenham uma melhor compreensão das suas dificuldades potenciais.

4.1 Perfil dos aprendentes

Os 38 aprendentes chineses de PLE que produziram o *Corpus* PEAPL2 utilizado na presente dissertação participaram nos Cursos de Português como Língua Estrangeira organizados na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) quando os dados foram recolhidos. Isto é, todos os aprendentes frequentaram um dos vários níveis de aprendizagem formal entre A1 e C1 num curso presencial. De acordo com os dados pessoais facultados em simultâneo com a tarefa de escrita, mesmo que alguns tenham apontado o cantonês como língua materna, têm conhecimentos razoáveis de mandarim (ver p. 2). Perante isto, pode resumir-se a propriedade principal dos aprendentes: são falantes de mandarim que aprendem o Português Europeu como LE num contexto de imersão.

4.2 *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2)

O *Corpus* de PEAPL2 (a seguir designado por *Corpus*) foi organizado pelo Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) da UC, com o intuito de facultar dados autênticos e empíricos aos jovens investigadores para o desenvolvimento de dissertações na área da aquisição e aprendizagem de português L2/LE. A recolha dos dados foi efetuada em duas fases — a primeira entre maio de 2009 e maio de 2010 e a última entre janeiro e maio de 2011. Foram recolhidos dois tipos de dados — textos escritos e informações sociolinguísticas dos informantes (p.e., idade, sexo, nacionalidade, LM, língua de escolarização, ano de início do estudo do português, etc.). O *Corpus* permite rentabilizações flexíveis dos dados consoante diversos interesses descritivos e posições teóricas. Conforme referido, na presente dissertação,

foram selecionados apenas os 44 textos produzidos pelos 38 informantes⁸⁴ cuja LM registada no *Corpus* é chinês, incluindo o mandarim e o cantonês. Todas as produções escritas foram alcançadas com base num estímulo. Os textos selecionados para a presente tese são baseados em oito estímulos que se distribuem pelas seguintes três áreas temáticas:

| Estímulo | | Código de estímulo |
|-----------------|--|--------------------|
| O indivíduo | Escreva um texto em que se apresente, em que fale das suas características físicas, da sua vida familiar, da sua casa, dos seus gostos e dos seus desejos. Se não quiser falar de si, pode inventar! | 1.1A |
| | Escreva uma carta a um amigo que não vê há muito tempo. Recorde momentos passados em conjunto e fale-lhe da sua vida pessoal e profissional atuais. | 6.1B |
| | Fale daquilo que gosta de fazer nos tempos livres. | 33.1J |
| A sociedade | Todos os países são diferentes a nível cultural e geográfico. Descreva o seu país, observando as particularidades das suas regiões, os principais monumentos e saliente alguns dos hábitos mais frequentes da sua cultura. | 50.2L |
| | Certamente já teve oportunidade de contactar com pessoas de cultura diferente da sua. Fale de um episódio que lhe recorde esse momento, das dificuldades sentidas, das diferenças e semelhanças encontradas entre as duas culturas e das experiências que partilharam. | 52.2L |
| O meio ambiente | Gosta de viver na cidade? Acha que, se pudesse, gostaria mais de vir no campo? Pense em vantagens e desvantagens de viver na cidade ou no campo. Escreva sobre isso. | 69.3Q |
| | Fale de meios de transporte. Fale daqueles em que já viajou e daqueles em que gostaria de viajar. Se quiser, pode contar uma viagem que tenha feito. | 75.3S |
| | Fale do bairro onde mora. Diga se gosta dele e se acha que há coisas que podiam mudar para que fosse mais agradável lá viver. | 77.3T |

Quadro 3 – Estímulos da tarefa de escrita na recolha de dados do *Corpus*⁸⁵

Nesta dissertação, simplifica-se a codificação original dos textos recolhidos no *Corpus*. O código de identificação atribuído a cada texto escrito apresenta a língua materna do informante, o nível da aprendizagem formal que frequentava, o número de identificação e o código do estímulo a partir do qual foi produzido o texto (cf. Quadro 3). Exemplificando, a um texto sobre o seu próprio bairro (77.3T) produzido por um informante (11) de LM chinesa (CHINES) que estava, no momento da recolha de dados, numa turma do nível B1 de um dos cursos de português L2/LE na FLUC, foi atribuído o código: CHINES.B1.11.77.3T.

Entre os 44 textos selecionados, encontram-se 10 textos produzidos por seis aprendentes do nível A1, 11 textos de 11 aprendentes do nível A2, 10 textos de 10 aprendentes do nível B1, um texto de um aprendente do nível B2 e 12 textos de 10 aprendentes do nível C1. Os textos têm, no total, 9224 palavras, entre as quais 2002 são nomes, quer nomes comuns quer nomes próprios, e 454 pronomes pessoais em forma tónica ou átona. No Quadro 4 infra, resumem-se os principais dados numéricos em função do nível de proficiência em português dos informantes:

⁸⁴ Seis aprendentes produziram mais do que um texto a partir de estímulos diferentes.

⁸⁵ Fonte: Metodologia (acedido em 7 de setembro de 2019, disponível em <http://teitok2.iltec.pt/peapl2-ple/index.php?action=metodologia>)

| <i>Nível de proficiência</i> | <i>Nº de textos</i> | <i>Nº de palavras</i> | <i>Nº de nomes</i> | <i>Nº de pron. pessoais</i> | <i>Nº de SN problemáticos</i> |
|------------------------------|---------------------|-----------------------|--------------------|-----------------------------|-------------------------------|
| <i>A1</i> | 10 | 1 023 | 247 | 49 | 58 |
| <i>A2</i> | 11 | 2 292 | 434 | 250 | 88 |
| <i>B1</i> | 10 | 2 201 | 446 | 43 | 54 |
| <i>B2</i> | 1 | 439 | 102 | 2 | 9 |
| <i>C1</i> | 12 | 3 296 | 773 | 110 | 67 |
| Total | 44 | 9224 | 2002 | 454 | 276 |

Quadro 4 – Números de palavras dos textos selecionados por nível

Dado que estes números não são muito elevados, a presente dissertação não propõe uma análise estatística de usos convergentes e divergentes. Contudo, os exemplos analisados infra apresentam algumas das estruturas que poderão ser estudadas de forma mais aprofundada em trabalhos futuros, com dados elicitados e mais abundantes.

4.3 Dificuldades na marcação de classes semânticas

Tal como referido antes em 2.1 (ver p. 6), os SN podem ocorrer numa determinada situação de comunicação por terem um valor referencial em potência. Além disso, os SN também podem representar valores não referenciais, como o valor quantificacional, existencial ou predicativo. Quando o valor de um SN varia, a sua estrutura também pode mudar. Para os aprendentes chineses de PLE, o uso de SN em português com sucesso parece depender principalmente da marcação de classes semânticas dos SN através de meios gramaticais e estruturais. Analisando os SN nos textos selecionados do *Corpus*, foram encontrados quatro tipos possíveis de dificuldades dos aprendentes chineses na marcação de classes semânticas, que se descrevem de seguida.

4.3.1 Questões ortográficas

O nome próprio (NP) tem a propriedade de referir o referente único do universo de discurso. Do ponto de vista ortográfico, os NP em português distinguem-se dos outros nomes por terem uma maiúscula inicial. Nos textos selecionados do *Corpus*, assinalam-se usos dos aprendentes chineses perante os NP, tanto convergentes como desviantes: ⁸⁶:

⁸⁶ Para permitir uma melhor visualização do que está em causa nos SN desviantes, corrigiram-se os desvios de outros domínios linguísticos (p.e., a seleção de palavras, a conjugação de verbo, a pontuação, entre muitos outros). Em alguns casos, quando um desvio disser respeito a mais de uma questão, pode ser repetido numa outra secção com numeração diferente.

- (92) a. No próximo mês, volto para a *[_{SN} china], mas fico na casa de Pequim. (CHINES.A1.13.6.1B)
 b. Está perto da *[_{SN} makro]. (CHINES.A1.12.77.3T)
 c. Os monumentos (...) são *[_{SN} A Grande Muralha] (...) e *[_{SN} As Ruínas de S. Paulo]. (CHINES.C1.01.50.2L)
 d. Aqui tem uma festa muito interessante que se chama *[_{SN} “A Queima das Fitas”]. (CHINES.C1.02.6.1B)

Em (92), destacam-se por parênteses retos os SN que têm como núcleo um NP e sublinham-se os seus núcleos. Em relação ao uso de NP, existem desvios resultantes da letra maiúscula inicial. Em português, todas as palavras constituintes de um NP têm de grafar-se com a maiúscula inicial (p.e., *China*, *Universidade de Coimbra* e *Ruínas de S. Paulo*). Visto que, no sistema de escrita do mandarim, não há distinção ortográfica entre NP e nomes comuns, é compreensível que os aprendentes chineses de PLE, sobretudo os do nível de proficiência elementar, violem a regra da maiúscula inicial por não a utilizarem (cf. (92a, b)). Ao longo do processo de aprendizagem, desvios desta natureza tornam-se muito raros na produção escrita por parte de aprendentes chineses. Porém, em alguns textos produzidos por aprendentes de níveis de proficiência relativamente avançados, ainda se encontram ocorrências em que o artigo definido que precede o NP também está em maiúscula (cf. (92c, d)). Estes casos que parecem ser de hipercorreção podem relacionar-se com a aquisição da classe de determinantes em português por parte dos aprendentes chineses. Uma vez que os aprendentes sabem que o artigo definido é necessário para marcar o valor referencial particular do NP, consideram que o artigo faz parte do NP e grafam-no com maiúscula segundo a regra, recorrendo assim a uma espécie de sobregeneralização. Outras ocorrências relacionadas com o uso de determinantes serão analisadas em 4.3.4.

4.3.2 Questões de quantificação

Em relação aos nomes comuns, os aprendentes chineses podem ter dificuldades em distinguir os nomes contáveis dos não contáveis. Isso reflete-se na pluralização dos nomes contáveis e na quantificação dos nomes não contáveis, sobretudo dos nomes massivos. Recorde-se que todos os nomes comuns em mandarim têm comportamento de nomes massivos (Chierchia, 1998), uma vez que tanto os nomes contáveis como os não contáveis necessitam de um classificador que “individualiza” as entidades denotadas pelos nomes antes de serem quantificados por um numeral (cf. 2.3.2.1, pp. 46-47). Visto que não existe uma classe de palavras com essa função sintático-semântica em português, os aprendentes chineses confundem, provavelmente, os respetivos mecanismos de quantificação nominal. Vejam-se:

- (93) a. Comemos *[_{SN} uma pipoca]. (CHINES.A1.03.33.1J)
 b. Elas gostam de beber [_{SN} uma bica] depois de comer. (CHINES.B1.05.52.2L)⁸⁷

⁸⁷ A frase original produzida pelo aprendente foi reduzida em função do limite de espaço: «Elas bebem, depois de comer, também bebem. Elas gostam muito, não só gostam de beber, mas também tomam uma bica.»

- c. Os portugueses gostam de tomar ?[_{SN} um copo (de) café] e os chineses preferem chá.
(CHINES.B1.06.52.2L)
- d. Nós estávamos muito tranquilos e esquecemos de *[_{SN} todas coisas do mundo fora].
(CHINES.A2.88.75.3S)
- e. Tenho aulas todos os dias desde *[_{SN} as segundas] até *[_{SN} as sextas]. (CHINES.C1.02.6.1B)
- f. Aprendi *[_{SN} algumas culturas portuguesas], como a língua, população e arte.
(CHINES.B1.06.52.2L)

Em (93), são ilustradas ocorrências, quer convergentes quer desviantes (ou duvidosas), relacionadas com a quantificação de nomes. Em (93a), o nome *pipoca* surge como nome contável que denota um tipo de grão de milho cozido até estalar. É possível inferir, pelo raciocínio, que a proposição não foi literalmente lida como tendo valor de verdade: como o agente “nós” é um conjunto de, ao menos, duas pessoas, é muito pouco provável que esse conjunto tenha comido só uma pipoca. Sendo o núcleo de um SN com valor referencial, então o nome *pipoca* deve corresponder ao número do seu referente; isto é, deve estar na sua forma plural (cf. *comemos umas pipocas* ou *comemos pipocas*⁸⁸). Pode inferir-se, também, que o aprendente considera erradamente o nome *pipoca* como nome massivo que pode ser reclassificado como nome contável através de uma alteração semântica, e que constrói uma “unidade apropriada” da substância denotada pelo nome (Camacho & Pezatti, 1996). Será o caso do nome massivo *bica* em (93b). Desta forma, o SN *uma bica* implica uma determinada quantidade de café que os portugueses costumam beber depois das refeições. Porém, em (93c), infere-se que o SN que serve de complemento do verbo *tomar* tem uma leitura genérica de tipo, visto que a frase compara as bebidas preferidas pelos portugueses e pelos chineses — café e chá, respetivamente. Assim, não seria necessário que o nome *café* fosse quantificado.

O uso desviante do SN em (93d) diz respeito à quantificação universal do SN. Como se referiu em 2.2.2 (ver p. 40), os quantificadores universais não podem preceder diretamente um nome sem artigo definido. Desvios deste tipo podem dever-se ao uso dos artigos, dado que, como já foi referido por diversas vezes, os aprendentes chineses não têm referência alguma da sua LM neste aspeto. Em (93e), as ocorrências desviantes resultam da pluralização questionáveis dos nomes que denotam os dias da semana. Por outras palavras, numa certa semana, existe apenas uma segunda-feira (i.e., dia imediatamente a seguir ao domingo) e uma sexta-feira (i.e., dia posterior à quinta-feira). Desde modo, naquele contexto, não é aceitável que esses nomes estejam no plural. Em (93f), o aprendente utiliza o nome *cultura* para designar um conjunto complexo de características de várias naturezas partilhadas (p.e., a língua, a população e a arte, como o próprio aprendente sugere) por um grupo social (os portugueses, neste caso). Na verdade, visto que Portugal é o único país designado por esse nome próprio, a cultura portuguesa, ou seja, a cultura de Portugal, também é única no universo do discurso.

⁸⁸ Para as leituras diferentes do SN indefinido e do SN reduzido neste caso, vejam-se 3.1.2 e 3.1.3 supra.

Posto isto, o GN *cultura portuguesa* não devia admitir pluralização nem quantificação por meio de quantificadores (cf. **alguma cultura portuguesa* ou **muita/pouca cultura portuguesa*)⁸⁹. Por fim, os usos desviantes em (93e, f) indiciam uma sobregeneralização do uso do plural em português resultante da inexistência do plural formal correspondente em mandarim.

4.3.3 Questões de estruturas léxico-gramaticais de SN

No que diz respeito à construção da estrutura lexical de SN (i.e., o GN), nos textos selecionados pela presente tese, destacam-se ocorrências desviantes de natureza muito complexa. Em primeiro lugar, foram encontrados desvios relativos à troca do núcleo por outro elemento complementar. Cf.:

- (94) a. (A Queima das Fitas) abrange #_[SN] mais de uma semana de atividades]⁹⁰, tal como a Serenata Monumental, o cortejo e a Garraiada. (CHINES.C1.02.6.1B)
- b. Eu tenho *_[SN] as aulas de 21 horas] por semana. (CHINES.A2.13.33.1J)

Em (94a), o SN tem como núcleo o nome *semana*, modificado pelo SP *de atividades* e quantificado por *mais de uma*. A nível de construção do SN, esse SN é perfeitamente plausível, mas a nível semântico, o sentido é diferente. Uma vez que o aprendente refere, logo a seguir, umas das várias atividades da Queima das Fitas, é possível inferir-se que a sua intenção é designar as atividades contidas na semana académica, em vez de se referir à própria semana em que ocorrem essas atividades. Um SN convergente para exprimir esse sentido seria *as atividades que duram mais de uma semana*. Por outras palavras, a produção parece ser o resultado de uma troca do núcleo pelo nome do SP modificador. Isso também será a causa da agramaticalidade da frase em (94b), com um eventual problema de hipercorreção. Neste caso, é presumível que o SN tenha um valor quantificacional em vez de um valor referencial. Portanto, o nome que serve de núcleo seria *hora*. Esse nome seleciona o SP modificador *de aulas* e é quantificado pelo numeral cardinal (cf. *tenho* [_{SN} 21 horas de aulas] por semana).

O desvio em (94a) pode ser resultado da transferência da expressão correspondente em mandarim, visto que, nos SN em mandarim, o núcleo ocorre sempre em último lugar, ou seja, à direita dos outros constituintes (cf. (63), p. 55). Cf.:

- (95) yī zhōu duō de huódòng
 NUME:UM semana mais DE atividade
 ‘atividades que duram mais de uma semana’

Tendo em conta a ordem dos constituintes da expressão (95) em mandarim, percebe-se

⁸⁹ porém, pode marcar o valor quantificacional por uma via [especificador + de + SN definido] (Peres, 2013: 758). Para exprimir a intenção do aprendente, um GN apropriado seria *parte da cultura portuguesa* (cf. *estudei parte da cultura portuguesa, como a língua, a população e a arte*).

⁹⁰ O símbolo “#” assinala o facto que falta ao SN produzido pelo aprendente a equivalência semântica do sentido que ele tencionava exprimir. Embora SN assinalado seja plausível do ponto de vista gramatical, a interpretação é distinta.

que o SN não convergente em (94a) é, no fundo, uma tradução literal de mandarim para português.

Ainda, segundo Liu *et al.* (2014: 133), nomes como *nián* ‘ano’, *xīngqí* ‘semana’, *tiān* ‘dia’ e *xiǎoshí* ‘hora’ podem ser diretamente precedidos por um numeral, porque esses nomes têm um valor gramatical intrínseco de classificador. Cf.:

- (96) èrshíyī xiǎoshí de kè
 NUME:21 hora DE aula
 ‘21 horas de aulas’

Assim, é quase certo que os aprendentes chineses podem considerar esses nomes em português como unidades lexicais incapazes para o núcleo do SN. Em razão disso, surgiu a troca de núcleo por modificador em (94b).

A seguir, realçam-se ocorrências desviantes relacionadas com a nominalização, sobretudo com a forma dos nomes deverbais. Veja-se:

- (97) a. Quanto à #_{[GN} habituação], os chineses costumam comer arroz e raramente comer pão. (CHINES.B1.06.52.2L)
 b. *_{[SN} O desenvolvimento da transportaçã] faz poupar tempo. (CHINES.B2.07.69.3Q)

Tal como referido em 2.3.1 (ver p. 45), os nomes deverbais em mandarim têm forma igual aos verbos correspondentes. Isto é, a nominalização dos verbos não é um processo morfológico, mas antes sintático-semântico. Assim sendo, para dominar o léxico, é necessário que os aprendentes de PLE conheçam não apenas os mecanismos de nominalização em português, mas também os significados diferentes dos nomes deverbais a partir do mesmo verbo e, ainda, os casos em que, entre as várias possibilidades morfológicas, só uma é autorizada pela norma para um determinado nome. Especificando, em (97a), infere-se, pela segunda parte da frase, que o nome salientado derivado do verbo *habituarse* significa “costume” ou “tradição”. Contudo, a forma com esse significado é *hábito*, com a qual o aprendente confunde a forma *habituação*. De modo semelhante, em (97b), o nome verbal que coincide com o sentido deduzido pelo resto da frase é *transporte* (cf. *o desenvolvimento do transporte*), e não **transportaçã*, que não é aceite pela norma.

Além disso, em relação ao complemento ou modificador nominal, encontram-se ocorrências divergentes de natureza muito complexa. Os desvios podem ser resultado da seleção lexical de modificadores, da forma de realização do complemento ou modificador (i.e., por um adjetivo, um SP ou uma oração), da pontuação que indica uma leitura apositiva da oração relativa, da concordância em número e género, entre muitas outras possibilidades. Vejam-se os seguintes desvios:

- (98) a. *[_{SN} As universidades mais estimadas] são normalmente localizadas na zona urbana. (CHINES.B2.07.69.3Q)
- b. A vida urbana é fácil. Vê *[_{SN} os automóveis correntes] nas ruas. (CHINES.B2.07.69.3Q)
- c. A China tem *[_{SN} 5000 anos históricos]. (CHINES.B1.06.52.2L)
- d. Sou fã de *[_{SN} um autor, que se chama NP], e gosto de ler *[_{SN} os livros deles]. (CHINES.C1.42.33.1J)

Os SN desviantes ou difíceis de analisar em (98a, b) são relativos aos adjetivos que modificam os nomes nucleares. Pelo facto de o adjetivo *estimado* normalmente não se combinar com nomes que têm uma propriedade [-animado], o GN parece representar uma falha semântica. Em (98b), é provável que o aprendente tencionasse exprimir, com o GN, o sentido de “automóveis que estão em movimento”. Contudo, o adjetivo *corrente* não tem esse sentido quando aplicado a *automóveis* ou *pessoas*, mas apenas a *água* (cf. *água corrente* – água que corre, que se move, que sai das torneiras). Aliás, nem poderia ser adotado o adjetivo deverbal que corresponde ao verbo *correr*, que pressupõe o traço [+pernas]. Uma forma possível de contruir um GN com tal sentido é *automóveis a circular*.

Os desvios em (98c, d) não parecem ter propriamente origem semântica, mas sim sintática, uma vez que foi escolhida uma estrutura que só é idêntica na aparência. Em (98c), em vez de um modificador adjetival, o nome *anos* requer um SP modificador para que lhe complete o sentido (cf. *5000 anos de história*). É natural que um aprendente chinês de PLE troque as duas estruturas, consciente de que, por vezes, os SP e os adjetivos são equivalentes quando desempenham a função de modificador nominal. Contudo, neste caso, o desvio é provavelmente transversal no contexto de aprendizagem de PL2/LE. Em (98d), o primeiro SN envolve uma oração relativa apositiva que serve de modificador do nome *autor*. Como a oração introduz uma informação restritiva à entidade designada — o nome próprio do determinado autor cujos livros atraem o aprendente — a relativa não se deve separar do nome modificado (cf. *sou fã de um autor que se chama NP*).

Ainda, no segundo SN na frase em (98d), o uso do SP introduz um sentido de autoria ao nome *livros*. O uso desviante relaciona-se com uma falha de concordância em número do pronome pessoal com a entidade designada — o autor. Especificando, a aprendente podia ter-se enganado ao fazer concordar o pronome pessoal *ele* com o SN *um autor* no singular. Tal falha também pode ser resultado da confusão de uso de pronomes pessoais e de possessivos em função da representação da autoria do nome *livro*. Isto é, se se utilizar um pronome possessivo para representar o autor, esse possessivo tem de concordar em número (e em género) com o nome modificado (cf. *o seu livro*, *os seus livros*); ao passo que um pronome pessoal introduzido por uma preposição apenas concorda em número (e em género) com o SN que designa o autor (cf. *sou fã de um autor e gosto de ler os livros dele* e *sou fã de uns autores e gosto de ler os livros deles*).

Além de (98d), foi encontrado, no mesmo texto, outro SN desviante relacionado com a

concordância a nível de leitura frásica:

(99) Quando era pequena, pensava em ser *[_{SN} um fotógrafo] no futuro.

(CHINES.C1.42.33.1J)

Em (99), a marcação do género lexical no SN *um fotógrafo* não coincide com o género extralinguístico do sujeito da frase — uma aprendente.

Por fim, há desvios de SN que podem dizer respeito à marcação de género gramatical do núcleo, uma dificuldade transversal no uso de SN em português de muitos aprendentes de PLE. Nos textos analisados, foram assinaladas diversas ocorrências desviantes deste tipo. Cf.:

(100) a. Espero que *[_{SN} o gripe suína] não seja grave neste momento.

(CHINES.B1.02.33.1J)

b. Estou a estudar em Coimbra. *[_{SN} Este] é uma cidade antiga.

(CHINES.C1.02.6.1B)⁹¹

c. Quando chegámos *[à Parque Natural da Serra da Estrela], eram 9 horas da manhã.

(CHINES.A2.78.75.3S)

d. *[_{SN} Alguns tribos no Oeste do país] ainda se vestem de fatos tradicionais no dia-a-dia.

(CHINES.C1.01.50.2L)

As ocorrências em (100) não esgotam todos os desvios salientados nos textos escritos analisados por esta tese. Segundo Ferreira (2011), os aprendentes chineses, tal como todos os aprendentes de PLE, podem confundir a marcação de nomes sem a vogal temática que indica a distinção do género gramatical (p.e., *gripe*, *cidade*, *parque*) ou essa vogal é enganadora (p.e., *a tribo*, *o programa*, *o sistema*). Assim, em (100), apesar de os aprendentes chineses terem a consciência da concordância, optam pelo género masculino — género não marcado (cf. **o gripe suína* e **este (cidade)*) — ou pelo género que a vogal temática indica na maioria dos casos (cf. **alguns tribos* e **a parque*).

4.3.4 Artigos e questões de referência nominal

O uso de determinante em português, sobretudo os artigos, é uma das áreas em que se descobrem mais ocorrências desviantes produzidas por parte de aprendentes chineses. Pelo facto de a sua LM não possuir um sistema correspondente ao de artigo em português, os aprendentes chineses podem sentir-se confusos enfrentando o uso obrigatório ou opcional e a aplicação do artigo definido ou indefinido. Tipicamente, os usos de artigos inapropriados pelos aprendentes chineses de PLE são: i) a ausência de artigos obrigatórios; ii) a adição de artigos desnecessários; e iii) a troca do artigo definido pelo artigo indefinido ou vice-versa.

Como referido em 4.3.1 (ver p. 80), sendo designadores rígidos⁹² (i.e., designa rigorosamente uma entidade única num dado universo do discurso), a maioria dos NP em português é introduzida pelo artigo definido. Nos textos analisados na presente tese, encontram-

⁹¹ A frase original produzida pelo aprendente foi reduzida: «Estou a tirar um curso anual de língua para estrangeiros em Coimbra. Este é uma cidade cheia de história.»

⁹² Veja-se Kripke (1972).

se desvios relacionados com o uso do artigo definido precedido do NP. Cf.:

- (101) a. Como está? Como (foi) * [SN a sua a Páscoa]? (CHINES.A1.13.6.1B)
b. No próximo mês, volto para *[SN China], mas fico na casa de Pequim. (CHINES.A1.13.6.1B)
c. Eu estudo português na *[NP Universidade da Coimbra] com outros estrangeiros. (CHINES.A1.10.33.1J)

Em (101a), o SN em questão possui dois artigos definidos. Eventualmente, o aprendente tencionava perguntar *como foi a sua Páscoa?* com referência específica às férias da Páscoa do amigo, mas, incorretamente, utilizou duas vezes a determinação definida (**a sua a Páscoa*). Este desvio faz pensar que o aprendente separa as duas determinações: a determinação simples do NP, por um lado, e a determinação com possessivo, por outro, o que coincide com a inferência baseada nos usos em (92c, d, p. 80) — os aprendentes “colaram” o artigo definido ao NP, considerando o conjunto como o núcleo de SN. Em (101b, c), os SN desviantes envolvem um nome de lugar que se combina obrigatoriamente com o artigo definido (*a China*) e um que não se combina (*Coimbra*), respetivamente. É extremamente difícil fixar as regras do uso do artigo definido com nomes geográficos. Segundo Cunha e Cintra (2015: 294-297), em geral, não se usa o artigo definido com os nomes de cidades, exceto os que têm uma base lexical em nomes comuns (cf. *o Porto, a Figueira da Foz e o Rio de Janeiro*). Apesar de a origem lexical de alguns nomes geográficos favorecer o uso do artigo definido, esta não é sempre clara para os aprendentes chineses de PLE, e mesmo para outros aprendentes de PL2/LE.

Importa ainda fazer uma observação sobre os usos de nomes comuns como NP por parte dos aprendentes chineses. Cf.:

- (102) a. Andávamos juntas no campus da Universidade. (CHINES.C1.07.6.1B)
b. As minhas aulas na Universidade começaram há dois meses. (CHINES.C1.15.6.1B)
c. Na Universidade tenho muitos amigos estrangeiros. (CHINES.A1.01.1.1A)
d. Em Portugal, ando a pé para a Universidade todos os dias. (CHINES.B1.07.33.1J)

Nas frases seleccionadas em (102), o nome comum *universidade* tem a propriedade formal do NP — a maiúscula inicial. Ao usar o nome como NP, os aprendentes têm em mente uma determinada universidade, quer a sua universidade na China (102a) quer a Universidade de Coimbra onde frequentaram o curso de PLE (102b, c, d). Ao mesmo tempo, pressupõem que os destinatários de (102a, b) e leitores de (102c, d) conseguem definir, pelo seu conhecimento do mundo e a situação extralinguística, de que universidade se fala. Ou seja, em (102), embora o nome *universidade*, por si só, não designe nenhuma universidade específica, todos os SN *a Universidade* têm um referente único no universo do discurso, que resulta de uma transformação semântica pelos aprendentes.

Na maioria dos casos, usos desviantes de artigos resultam numa marcação sem sucesso do valor semântico de SN. Vejam-se as ocorrências seguintes:

- (103) a. Divirto-me a ver *[SN as diferentes pessoas] e a conversar com os amigos.
(CHINES.B1.10.52.2L)
- b. Adoro tirar *[SN as fotografias].
(CHINES.C1.42.33.1J)
- c. Lembro-me de uma viagem *[SP do navio]: quando tinha 6 anos, mudei para *[SN a outra cidade da China] com os meus pais.
(CHINES.A2.77.75.3S)
- d. (Naquela biblioteca que vou às vezes,) Algumas pessoas leem *[SN o jornal] e usam *[SN o computador].
(CHINES.A2.12.33.1J)
- e. Fazemos uma comparação da vida de *[SN uma cidade] e a de *[SN um campo].
(CHINES.B2.07.69.3Q)⁹³
- f. Quando via #[SN a pianista] pela primeira vez na minha vida, achei-a muito elegante.
(CHINES.A2.09.33.1J)
- g. Tudo só é *[SN um início].
(CHINES.C1.15.6.1B)

Em (103a), compreende-se o SN salientado como não tendo valor referencial, mas sim quantificacional. Assim, o uso do artigo definido está a mais (cf. *divirto-me a ver diferentes pessoas*). O SN em (103b) tem uma interpretação genérica de tipo. A utilização do artigo definido não favorece a tal leitura (cf. *adoro tirar fotografias*). Há dois usos desviantes em (103c). Em primeiro lugar, não se concebe um valor referencial particular do *navio* dentro do SP modificador. Tal como referido em 3.1.3 (ver p. 67), um SP modificador, normalmente, seleciona um SN reduzido como complemento da sua preposição. Visto isto, o artigo definido está também a mais (cf. *lembro-me de uma viagem de navio*). Além disso, o artigo definido inicial no SN *a outra cidade da China* pode introduzir nele um sentido que, excetuando a cidade em que o aprendente vivia antes da mudança, a cidade designada é a única cidade na China; ou seja, que haveria apenas duas cidades na China — uma onde o aprendente vivia e outra o destino da sua mudança. Obviamente, essa leitura não coincide com a realidade. Na verdade, o SN tem uma leitura definida não específica; isto é, embora o aprendente tenha em mente aquela cidade para onde se mudou, os leitores são incapazes de a identificar. Por isso, o uso do artigo definido causa estranheza (cf. *mudei para outra cidade da China*).

Os usos desviantes em (103d, e) estão relacionados com a marcação do valor genérico dos SN em questão. Em (103d), é provável que o aprendente esteja consciente do facto de que o SN definido no singular pode ter uma interpretação genérica em certas situações (cf. (64d), p. 57). No entanto, na sua frase, os SN salientados só podiam ter uma interpretação genérica de tipo, mas não de espécie. Para marcar esse valor, um SN reduzido seria adequado (cf. *algumas pessoas leem jornal e usam computador*). Pelo contrário, nos SN salientados em (103e), o artigo definido é necessário, porque os SN concebem-se com uma leitura genérica da vida do meio urbano e no meio rural, respetivamente, que se opõem uma à outra, em vez de se referirem à

⁹³ A frase original foi reduzida: «Temos de fazer uma comparação entre as vantagens e defeitos entre uma cidade e um campo».

vida numa dada cidade ou terreno identificável (cf. *a vida da cidade* e *a vida do campo*).

Em (103f), a entidade designada pelo SN salientado foi introduzida pela primeira vez no texto. Ao adotar a forma de SN definido, o aprendente ignorou o facto de que os leitores não têm informação suficiente que lhes permita identificar tal pianista. Para eliminar essa divergência semântica entre o sentido que o aprendente tencionava transmitir e o que os leitores compreendem, seria adequado usar o artigo indefinido (cf. *quando via uma pianista pela primeira vez...*). Podia, também, acrescentar informações ao SN definido através de modificadores ou apostos para a mesma finalidade.

Em (103g), o uso questionável do artigo indefinido parece estar relacionado com um valor existencial introduzido no GN pelo artigo indefinido. Isto é, por um lado, o uso do artigo indefinido implica que existe pelos menos um “início” no contexto; por outro lado, o artigo indefinido não verifica a condição de unicidade desse início. Como é impossível que uma ação ou um evento se inicie várias vezes num simples acontecimento, ou seja, só pode ter o início único numa determinada ocorrência, exige-se, neste caso, o artigo definido que pode introduzir um sentido de unicidade no GN (cf. *tudo isto é só o início*).

4.4 Usos de SN em função da tradução literal

Por fim, é provável que a tradução literal de certas expressões de mandarim para o português forneça, às vezes, SN (ou sintagmas verbais, sintagmas adjetivais, etc.) relativamente complicados na produção dos aprendentes chineses. Segundo vários autores (Aubert, 1987; Barbosa, 1990; entre os outros), a tradução literal distingue-se da tradução palavra a palavra, uma vez que a primeira solicita restritamente uma precisão semântica e o respeito das normas morfossintáticas da língua da tradução, enquanto a última se considera como uma simples substituição de itens lexicais numa língua pelos itens equivalentes em outra língua, mantendo intacta ou quase intacta a estrutura sintática. Vejam-se:

(104) a. Os bares e discotecas ocupam um lugar significativo na mentalidade cidadina.

(CHINES.C1.22.69.3Q)

b. O ambiente da língua para um aprendente é muito importante.

(CHINES.C1.15.6.1B)

c. O acesso a uma profissão ideal é equivalente à realização do valor pessoal.

(CHINES.B2.07.69.3Q)

Supõe-se que as frases em (104), apesar de aceitáveis, foram produzidas através da tradução literal, tendo como base as expressões correspondentes em mandarim. Comparem-se as versões em mandarim dessas expressões (que não se restringem aos SN):

- (105) a. zài chéngshì-rén xīn zhōng zhàn zhòngyào de diwèi
 V.COP⁹⁴ cidade-pessoa mente L:DENTRO ocupar importante DE lugar
 ‘Na mentalidade dos habitantes da cidade, ocupar um importante lugar’
- b. yǔyán huánjìng duì yī gè xuéshēng hěn zhòngyào 。
 língua ambiente PREP:PARA NUME:UM CL estudante muito importante
 ‘O ambiente da língua para um estudante é muito importante.’
- c. shíxiàn gèrén jiàzhí
 realizar pessoal valor
 ‘realizar o valor pessoal’

Comparando as expressões em (104) e em (105), compreende-se que os aprendentes não só mantêm o sentido das expressões em mandarim, como também respeitam as normas gramaticais ao produzir os SN em português. Os SN em (104) representam características estruturais que o mandarim não possui, por exemplo, o uso de artigos, a concordância em gênero e número dos nomes com outros elementos dentro do SN e a ordem dos constituintes entre si. Contudo, é provável que a tradução literal das expressões em mandarim resulte em certa estranheza sintática ou semântica na produção em português, pois as duas línguas não são diretamente equivalentes.

Em suma, entre os SN selecionados para a análise empírica nesta dissertação, encontraram-se quatro tipos de usos desviantes de SN relativos à marcação de classes semânticas: i) desvios ortográficos — violação da norma de maiúscula inicial dos NP; ii) desvios relativos à quantificação — pluralização desviante de nomes não contáveis e quantificação desviante de nomes contáveis; iii) desvios de construção léxico-gramatical — troca de um elemento complementar pelo núcleo semântico, falta de paralelismo semântico entre o sentido e as unidades lexicais e falta de concordância gramatical entre os constituintes; e iv) usos desviantes de determinantes em função da referência nominal — omissão do artigo definido precedido do NP, marcação do valor [–definido] pelo artigo definido, marcação do valor [+definido] pelo artigo indefinido, adição de artigo aos SN com leitura genérica de tipo ou com interpretação quantificacional. Ainda, existem usos convergentes com a norma em função da tradução literal das expressões semanticamente correspondentes em mandarim para o português. Isso indica que alguns aprendentes chineses são capazes de realizar a marcação de determinado sentido veiculado em mandarim por meio do SN em português.

⁹⁴ Li e Thompson (1989: 356) refere que este verbo copulativo se usa proeminentemente na construção locativa (cf. nota 80, p. 74). Em mandarim, os sintagmas locativos têm, em geral, uma estrutura [zài + SN + L («partícula locativa» em Li e Thompson (1989))].

Capítulo V. Considerações finais

Seguindo a hipótese de as características distintas dos SN em português e em mandarim poderem dificultar a aprendizagem e prejudicar o uso de SN em PLE por parte de aprendentes chineses, a presente tese fez uma análise contrastiva do ponto de vista teórico entre os SN em português (sobretudo Português Europeu) e em mandarim, seguida de uma análise ilustrativa com base em alguns exemplos de um *corpus* escrito. De forma semelhante, os nomes em português e em mandarim, como em todas as outras línguas do mundo, são potenciais “designadores”; isto é, os nomes são capazes de, com certas restrições, referir as entidades no universo do discurso. Conforme o potencial de um determinado nome para se referir, de forma constante ou variável, a certas entidades, os nomes em português e em mandarim podem dividir-se em três subclasses: nomes próprios, nomes comuns e pronomes. Os nomes próprios são típicos da referência constante, enquanto a interpretação referencial dos pronomes depende sempre do próprio contexto. Estando entre esses dois polos, os nomes comuns têm interpretações mais complicadas e são mais produtivos em função dos SN referenciais. Consoante a natureza dos seus referentes potenciais, entre os nomes comuns distinguem-se os nomes concretos dos nomes abstratos, os nomes contáveis dos não contáveis ou dos nomes coletivos. Nas duas línguas em questão, as distinções semânticas entre essas subclasses de nomes são relevantes para a construção do SN.

No que diz respeito à construção de SN que têm como núcleo um nome comum, os SN em português têm uma componente lexical que descreve uma determinada propriedade de uma gama de possíveis referentes e uma componente funcional que estabelece uma relação entre o conteúdo descritivo e o verdadeiro referente; ao passo que, nos SN em mandarim, não existe constituinte cuja função única é a de projeção da referência nominal. Assim sendo, do ponto de vista estrutural, os SN em português são mais complexos do que os SN em mandarim.

Quanto ao valor semântico dos SN, em português, as interpretações possíveis estão intimamente relacionadas com as construções, sobretudo com os componentes funcionais. Esta ligação não aparece em mandarim, uma língua que não tem marcas morfológicas de plural nem classe de determinantes. Contudo, nem os SN em português nem os SN em mandarim estabelecem uma correlação fixa entre a própria estrutura e os traços semânticos [\pm referencial], [\pm definido] ou [\pm específico]. Ou seja, as leituras dos SN nas duas línguas também dependem do contexto situacional e discursivo.

A presente dissertação envolve uma análise empírica exploratória que tem por base 44 textos escritos — selecionados do *Corpus* de Produção Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2) — por 38 aprendentes chineses — que frequentaram um dos vários níveis (A1 a C1) da aprendizagem formal de PLE na Universidade de Coimbra. A análise foca-se nos usos de SN pelos aprendentes chineses em função à convergência (ou divergência) da construção de SN e do sentido que os aprendentes provavelmente pretenderam transmitir. Entre as 9224 palavras no total, contaram-se 2002 nomes (incluindo nomes próprios e nomes comuns), 454

pronomes pessoais, e 276 SN problemáticos relativos à sua construção e possível interpretação (cf. Quadro 4, p. 80).

Nesta análise, observou-se que os usos questionáveis de SN pelos aprendentes chineses de PLE podem, com efeito, resultar da marcação não conseguida das classes semânticas a que os SN pertencem. Embora não seja possível representar todas as dificuldades dos aprendentes chineses de PLE no uso de SN em português utilizando apenas a reflexão adotada por esta tese, a análise sugere que existem quatro tipos possíveis de dificuldades na construção do SN pelos aprendentes chineses. Serão necessários estudos mais aprofundados que se concentrarão, por exemplo, em dificuldades específicas dos aprendentes chineses na marcação de um dado valor semântico, em usos dos SN de uma determinada estrutura para transmitir diferentes sentidos, em ligações estabelecidas entre a interpretação de SN e a sua estrutura por parte de aprendentes chineses de PLE (para representar a preferência por certas estruturas num dado contexto).

Será indispensável também efetuar investigações de índole mais prática, eventualmente recorrendo a testes de produção e de reconhecimento. As entrevistas dos informantes serão importantes para diminuir a incerteza da leitura de determinado SN, uma vez que se requer, em alguns casos, mais informação contextual que permitirá reconhecer o verdadeiro sentido veiculado no SN. Além disso, através das entrevistas, será possível compreender as motivações para que certas construções sejam comuns ou preferidas pelos aprendentes chineses. Isto é, será que determinado tipo de usos é relacionado com a LM ou com o *input* da língua-alvo.

Como Ilari (2013) refere, a comparação de línguas é uma tarefa permanente. Conforme a comparação feita, conclui-se que os SN em português e em mandarim têm características semelhantes e, ainda, mais diferenças que não se esgotam em breves palavras. Não é prudente fazer, para já, generalizações sobre as semelhanças ou diferenças dos SN nas duas línguas tal como foram discutidas supra. Portanto, a presente tese é considerada como uma reflexão prévia e um contributo que poderá inspirar análises mais rigorosas, verificadas por diferentes teorias e que será útil para o ensino/aprendizagem de PLE dos aprendentes que têm o mandarim como LM.

Bibliografia

- Aikhenvald, A. Y. (2000). *Classifiers: A typology of noun categorization devices*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Allan, K. (1977). Classifiers. *Language*, vol. 53, no. 2. (Jun. 1977): 285-311.
- Aubert, F. H. (1987). A tradução literal: Impossibilidade, inadequação ou meta? *in Ilha do Desterro*, 17 (1º Semestre de 1987), 13–20.
- Barbosa, J. J. (1990). *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez.
- Brito, A. M. (2006). O sintagma nominal, *in* M. H. M. Mateus *et al*, *Gramática da língua portuguesa*. 7.ª Edição, Lisboa: Caminho, cap. 11.2, pp. 328-370.
- Brito, A. M. & Raposo, E. P. (2013). Complementos, modificadores e adjuntos no sintagma nominal, *in* E. Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 27, vol.1, pp. 1045-1113.
- Camacho, R. G. & Pezatti, E. G. (1996). As subcategorias nominais contável e não-contável, *in* M. A. Kato (ed.). *Gramática do Português falado*. São Paulo: Editora Campinas / Editora UNICAMP/FAPESP, vol. 1, pp. 155-183.
- Carlson, G. N. (1977). *Reference to kinds in English*. Ph. D. Thesis, University of Massachusetts Amherst.
- Chen, P. (2003). Indefinite determiner introducing definite referent: a special use of “yi ‘one’ + classifier” in Chinese. *Lingua*, 113: 1169–1184.
- (2009). Aspects of referentiality. *Journal of Pragmatics*, 41: 1657–1674.
- (2015). Referentiality and definiteness in Chinese, *in* W. S.-Y. Wang & C. F. Sun (eds.). *The Oxford handbook of Chinese linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, cap. 30, pp. 404-413.
- Cheng, L. L.-S. & Sybesma, R. (1998). yi-wan tang, yi-ge tang: Classifiers and massifiers. *Tsing-Hua Journal of Chinese Studies*, 28 (3): 385-412.
- Cheng, L. L.-S. & Sybesma, R. (1999). Bare and not-so-bare nouns and the structure of NP.

Linguistic Inquiry, 30 (4): 509-542.

Cheng, L. L.-S. & Sybesma, R. (2014). The syntactic structure of noun phrases, in C.-T. J. Huang; Y.-H. A. Li & A. Simpson (eds.). *The handbook of Chinese linguistics*. Wiley Blackwell, cap. 10, pp. 248-274.

Chierchia, G. (1998). Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, 6: 339–405.

Croft, W. (1994). Semantic universals in classifier systems. *Word*, 45:2, 145-171.

Cunha, C. & Cintra, L. (2015). *Nova gramática do Português contemporâneo*. 22.^a Edição, Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Demonte, V. (1999). El adjetivo: Clases y usos. La posición del adjetivo en el syntagma nominal, in I. Bosque & V. Demonte (coords.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, S. A, cap. 3, vol. 1, pp. 129-216.

Duarte, I. & Oliveira, F. (2006). Referência nominal, in M. H. M. Mateus *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 7.^a Edição, Lisboa: Caminho, cap. 8, pp. 205-242.

Eliseu, A. (2008). *Sintaxe do Português*. Lisboa: Caminho.

Ferreira, T. (2011). *Padrões na aquisição-aprendizagem da marcação do género nominal em Português como L2*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra. Acedido em 9 de setembro de 2019, disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18583/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20%28Vol.%20I%29_T%c3%a2nia%20Ferreira.pdf

Gobbo, F. (2014). Classifiers, in C.-T. J. Huang; Y.-H. A. Li & A. Simpson (eds.). *The handbook of Chinese linguistics*. Wiley Blackwell, cap. 2, pp. 26-48.

Handel, Z. (2015). The classification of Chinese: Sinitic (the Chinese language family), in W. S-Y. Wang & C. Sun (eds.). *The Oxford handbook of Chinese linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Express, pp. 34-44.

Ho, D. (2015). Chinese dialects, in W. S-Y. Wang & C. Sun (eds.). *The Oxford handbook of Chinese linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Express, cap. 11, pp. 149-159.

Hoekstra, J. (1988). -fol, fol en de sintaksis fan mjitteoantsjuttingen, in S. DYK & G. De Haan

- (eds.). *Wurdfoarried and wurdgrammatika*. Fryske Akademy, Leeuwarden/Ljouwert, pp. 74-114.
- Huang, C.-T. J. (1982). *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. Ph. D. Thesis. Dept. of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology. Acedido em 6 de junho de 2019, disponível em <https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/15215>
- Huang, C.-T. J.; Li, Y.-H. A. & Li, Y.-F. (2009). *The syntax of Chinese*, Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Ilari, R. (2013). O Português no contexto das línguas românicas, in E. Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 3, vol.1, pp. 49-66.
- Jiang, L. J. (2015). A parametric analysis of nominal arguments in classifier languages, in A. Li; A. Simpson & W.-T. D. Tsai (eds.). *Chinese syntax in a cross-linguistic perspective*. Nova Iorque: Oxford University Press, cap. 2, pp. 51-72.
- Kratzer, A. (1989). An investigation of the lumps of thought. *Linguistics and Philosophy*, 12: 607–653.
- Kripke, S. (1972). Naming and necessity, in D. Davidson & G. Harman (eds.). *Semantics of Natural Language*, Dordrecht: Reidel: 253-355, 763-769.
- Leiria, I. (2004). Português língua segunda e língua estrangeira: Investigação e ensino, in *Idiomático 3*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Acedido em 6 de junho de 2019, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>.
- (2006). *Léxico, aquisição e ensino do Português Europeu língua não materna*. Lisboa: FCG/FCT
- Li, C. N. & Thompson, S. A. (1989). *Mandarin Chinese: A functional reference grammar*. Londres e Nova Iorque: University of California Press.
- Liu, Y.-H.; Pan, W.-Y. & Gu, W. (2004). *实用现代汉语语法 ‘Gramática prática do Chinês moderno’*. Beijing: The Commercial Press.
- Lü, S. (1944). “个”字的应用范围，附论单位词前“一”字的脱落 ‘Âmbito dos usos de gè e omissão de yī antes de classificadores’, in 吕叔湘文集 ‘Coleção de trabalhos do Lü

- Shuxiang*. Beijing: Commercial Press, 1990, vol. 2, pp. 145–175.
- Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 1 & 2.
- Martins, A. M. (2015). Ordem de palavras e polaridade: Inversão nominal negativa com algum / alguno e nenhum. *Revista Diacrítica*, 29(1), 400-427. Acedido em 25 de julho de 2019, disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000100016&lng=pt&tlng=pt.
- Miguel, M. & Raposo, E. P. (2013). Determinantes, in E. P. Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 22, vol.1, pp. 819-879.
- Osório, P. & Rebelo, I. (2008). Para uma definição das diferenças entre português língua segunda e português língua estrangeira: contornos de uma controvérsia, in J. Barros Dias & L. Sebastião (orgs.). *Da filosofia, da pedagogia, da escola*. Liber Amicorum Manuel Ferreira Patrício. Évora: Universidade de Évora, pp. 441-453.
- Packard, J. (2014). Morphology: Morphemes in Chinese, in W. S-Y. Wang & C. Sun (eds.). *The Oxford handbook of Chinese linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, cap. 20, pp. 263-273.
- Peres, J. A. (2013). Semântica do sintagma nominal, in E. P. Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 21, vol.1, pp. 735-815.
- Raposo, E. P. (2013a). Pronomes, in E. P. Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 23, vol.1, pp. 883-918.
- (2013b) Nomes comuns, in E. P. Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 25, vol.1, pp. 949-989.
- Raposo, E. P. & Miguel, M. (2013). Introdução ao sintagma nominal, in E. P. Raposo *et al.* (eds.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 20, vol.1, pp. 703-732.
- Rio-Torto, G.; Rodrigues, A. S.; Pereira, I.; Pereira, R. & Ribeiro, S. (2016). *Gramática derivacional do Português*. 2.^a Edição, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ross, C. & Ma, J.-H. S. (2006). *Modern Mandarin Chinese grammar: A practical guide*. Londres: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Sio, U.-S. J. (2008). The encoding of referential properties in the Chinese nominal. *Language*

- and Linguistics*, 9.1: 101-126.
- Soh, H. (2014). Aspect, in C.-T. J. Huang; Y.-H. A. Li & A. Simpson (eds.). *The handbook of Chinese linguistics*. Wiley Blackwell, cap. 6, pp. 126-155.
- Sun, C.-F. (1988). The discourse function of numeral classifiers in Mandarin Chinese. *Journal of Chinese Linguistics*, vol. 16, no. 2: 298-322.
- Sybesma, R. (1992). *Causatives and accomplishments: The case of Chinese ba*. Dissertação de Doutorado, HIL/Leiden University.
- Sybesma, R. & Sio, J. (2008). D is for demonstrative. Investigating the position of the demonstrative in Chinese and Zhuang. *The Linguistic Review*, 25(3-4): 453-478.
- Tai, H.-Y. J. & Wang, L.-Q. (1990). A semantic study of the classifier tiao. *Journal of the Chinese Language Teachers Association*, 25: 35-56.
- Tsai, W.-T. D. (1994). On nominal islands and LF extraction in Chinese. *Natural Language and Linguistic Theory*, 12(1): 121-175.
- Vicente, G. (2013). Numerais, in E. P. Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, cap. 24, vol.1, pp. 921-946.
- Yuan, S.-H. (2014). *Ensino da língua portuguesa na China: Uma análise de alguns planos curriculares*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa. Acedido em 6 de junho de 2019, disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18335/1/ulfl174677_tm.pdf
- Zhang, J. (2014). Tones, Tonal Phonology, and Tone Sandhi, in C.-T. J. Huang; Y.-H. A. Li & A. Simpson (eds.). *The handbook of Chinese linguistics*. Wiley Blackwell, cap. 17, pp. 443-464.
- Zheng, S.-P. (2010). *O ensino da língua portuguesa na China: Caracterização da situação actual e propostas para o futuro*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho. Acedido em 6 de junho de 2019, disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/21944/1/Zheng%20Shanpei.pdf>

Anexo

Anexam-se os textos selecionados do *Corpus* de PEAPL2, ordenados consoante o nível de proficiência dos informantes. A transcrição dos textos manuscritos efetuada pelo *Corpus* segue as seguintes convenções (Leiria, 2006: 201): i) <xxx> para segmentos riscados; ii) <(…)> para segmentos riscados ilegíveis; iii) /xxx/ para segmentos acrescentados; iv) [xxx]⁹⁵ para leituras conjecturadas; e v) XXXXX para NP e outros elementos ocultados (visto que são passíveis de reconstruir a identidade do informante).

(CHINES.A1.01.1.1A)

Eu chamo-me XXXXX e tenho 21 anos. Sou alto e magro. Tenho o cabelo preto e curto e olhos castanhos. Uso óculos. Sou muito simpático. Sou chinês, mas agora moro no Porto com a minha <mãe> mãe. O meu <apara> apartamento não é grande, mas é muito bonito. Gosto muito do meu apartamento. Tem dois quartos, uma cozinha, uma casa de banho e uma sala. Tenho um quarto próprio que fica ao lado da entrada. A sala fica <em f> enfrente do meu quarto. A cozinha fica à direita da sala e a casa de banho fica à esquerda da sala. <O> O quarto da minha mãe fica <ao fundo> à esquerda <da> do corredor. A minha rua é estreita e tranquila. Gosto de nadar e ler livros. Todos os dias à noite leio um pouco de livros e ao fim-de-semana faço desporto. Agora estou a estudar Língua portuguesa em Coimbra. Na Universidade tenho muito amigos estrangeiros. Desejo estudar português muito bem.

(CHINES.A1.01.77.3T)

Eu moro no bairro antigo onde fica no Porto. Não é muito largo, mas muito bonito e tranquilo. Por isso, gosto dele muito. Os meus vizinhos são simpáticos. Moro no segundo andar. No <Res> res-do-chão há uma restaurante. Era uma vez, a minha mãe voltou à China. Vivi sozinho. Quando cheguei à casa, o tempo já à foi muito tarde. No entanto, não há nade no frigorífico. Quando desci, a restaurante já tinha <feca> fechado. Mas houve uns pessoas na restaurante. Entrei e vi que os vizinhos <ester> estiveram a jantar. Eu falei com eles da minha situação. <Eles prepa> Depois prepararam <o> o jantar e disse-me “Não faz mal”. Em frente da apartamento onde moro há uma loja que se chama “Lojinha da XXXXX”. Era uma vez, a minha mãe mandou-me comprar umas <garaff> garafas de água. Eu fui à loja e comprei <(…)> duas garafas. Mas a senhora da loja disse-me “Este marca é mais caro. Não troca outro?” Mas não ouvi <(…)> atenção. Quando voltei à casa. A minha mãe falou muito comigo, porque não gosta <da do>este marca. Eu comprei outro vez.

Gosto deste bairro e de viver aqui.

(CHINES.A1.02.1.1A)

Eu chamo-me XXXXX. Sou chinesa e tenho 18 anos. Eu sou estudante, agora eu moro

⁹⁵ A convenção adotada no *Corpus* é /*xxx/. Uma vez que o asterisco nesta tese desempenha a função de assinalação de ocorrências desviantes, substituiu-se por [xxx].

em Coimbra e estudo língua Português. Os meus pais moram numa casa grande, em Lisboa. A casa tem 4 quartos, dois casas de banho, uma sala de jantar, uma cozinha grande e um garagem. Eu tenho um primo. Ele é cabeleireiro e tem vinte e três anos. O meu pai é muito falador, mas a minha mãe é calada. Eu gosto comço com os meus amigos. Eu gosto ver livros de amor e bebo sumo de laranja, e a minha família é goste Portugal muito.

(CHINES.A1.02.33.1J)

Eu vou a Portugal já há um ano. Nos tempos livres, gosto de ficar em casa, porque não falo português bem e não sei onde é bom para viver, também não tem muitos amigos quem pode jogar. Por isso, quando fico em casa, gosto de jogar na computador, vir os filmes, ouvir as músicas e ler os livros. As vezes, também gosto de fazer ioga e telefonar aos meus amigos.

Antes fui a Portugal, quando fico na China, gosto de fazer os comprados com a minha melhor amigo. Nós gostamos de fazer comprado na baixa de cidade e vir filme na cinema. Ao fim-de-semana, gostamos de cantar na karaoke e aberter o partido. Nas férias, nós gostamos de ir aos parques as montanhas e os acampamentos.

(CHINES.A1.03.33.1J)

Quanto eu não tenho trabalho.. eu fica em casa vejo televisão com as minhas primos. nos pricalharam, estou alegre muito. Comemos uma pipoca, eu acho que doce muito de pipoca. Depois saio de casa, vou para <dece> doce vida, fazer compramos as coisas nós sempremos comprar na <dece> doce vida, porque fica perto de as nossas casas, igualmente, as coisas é bonita, e mais barato. Eu gosto muito de um par de sapados branco, que vijo numa montra. e resolvo experimentá-los, Eu acho que te muito bem. Mas a minha prima acha que são um pouco caros.. por isso, Eu não compro os sapatos. Vamos ver outro loja, está muito tarde. Saimos de casa As 9.00 horas. eu tomo um banho, Depois jogo computador. levanto-me as 11.00 horas hoje é bom dia!

(CHINES.A1.10.6.1B)

Querida XXXXX XXXXX,

Como estas? Há muito tempo que não te via, com muitos saudades para ti.

Agora vivo em Portugal Coimbra na rua XXXXX XXXXX com familias. Sou estudante. Estudo Português na Universidade de Coimbra. Depois faço negócio em Portugal. Gosto de viver em Portugal. Porque as pessoas muito simpaticos.

Este ano no verão, com o meu marido vemos para à paraia. E tu?

Adeus

Um beijinho

XXXXX

(CHINES.A1.10.33.1J)

Olá! Eu chamo-me XXXXX. Sou chinesa. Tenho 22 anos. Sou estudante. Agora moro

em Coimbra, na rua XXXXX XXXXX com famílias.

Eu <(…) > estudo Português na Universidade da Coimbra com outro estrangeiros. Estudo Português porquê quero <fa> viver Portugal e fazer negócio em Portugal.

Quando tenho tempos livres, gosto de ver televisão, ouvir música, estudar português e trabalhar na loja chinesa. Depois de jantar, preciso estudar na igreja, perto de doce vida.

Eu gosto de Portugal. É uma “cidade de estudante”. Mais daqui tem pessoas muitos simpáticas.

(CHINES.A1.12.33.1J)

Nos tempos livres, Eu gosto /de/ jogar basquetebol e ver <futebol> Jogo de futebol e ir a parque.

(CHINES.A1.12.77.3T)

Eu moro <Rui> Rua XXXXX <(…) das /*10/ /em Coimbra/, está perto de Coimbra shopping e makro. Eu pensaro este lugar é muito calmo. Eu pensaro Coimbra é muito bom cidade, mas carros /conduzir/ são muito rapido. o são muito perigoso de <pesse> presso.

(CHINES.A1.13.6.1B)

Querido XXXXX,

Como esta? Como a sua a Pascoa?

Agora estou em Coimbra para estudo português. No fim do mês tenho o exam /How to write final exam/, então tenho de preparar cá.

E tambem, /apply/ o mestrado na universidade de Porto. Portanto estou muito ócupado.

Para bem, No primeiro mês, volto para china, mas fico em casa de Pequim. Por isso, quero convesar com os amigos. E a minha familia decido viajam para os outros cidades.

Não esqueo /forget/ ir à praia contigo, Quanto estou em Macau.

Um beijinho

XXXXX

(CHINES.A2.01.33.1J)

Realmente, não tenho muitos tempos livres, porque tenho de ir para escola e estudar. Mas quando eu tenho pouco de tempos livres, gosto de fazer compras com a minha amiga. Nós compramos muitas roupas e comidas. Depois, nós gostamos de ir ao café, comemos e bebemos muito, por isso nós usamos muito dinheiro.

E nas verias de verão, gosto muito de ir à praia. Eu gosto de nadar e apanho banho de sol porque o tempo é muito calor, e acho que é muito relaxada.

Eu também gosto de jogar computador antes de dormir todos os dias, posso de conversar com os meus amigos que vivem nos outros países. Conversamos para um pouco de tempo e depois, vou dormir.

Espero ter mais tempos livres para <dormir e para brincar, mas acho que não /vai/

acontecer.> viajar. /Eu/ quero ir à Tailândia, porque aqui tem muitas <prias> praias bonitas, e a água do mar é muito limpo, posso ver muitos peixes /*sequeros/ nadam no mar, e também posso nadar com os peixes. Depois, vou comer a comida da Tailândia, porque é muito deliciosa. Mas acho que não vai acontecer este ano.

(CHINES.A2.02.33.1J)

Normalmente, vejo /os/ jornais todos os dias <noss> nos tempos livres, porque posso saber muitas coisas do mundo fora. Depois, sempre uso computador e MSN por <conversaço> <conversar> conversiçar com os meus amigos. Habitualmente, vou <à terra> fora <pe> por passear ou correr <.> <Depois> <,> de <(...)> manhã, porque o ar de manhã está fresco. <Há> Depois de correr, sempre tiro fotografia porque a vista daqui é <muu> muita bonita. Depois, vou para casa <(...)> por almoçar com <os> a minha família.

À tarde, quando tenho tempos livres, normalmente vou ao centro comurcial com os meus amigos. Talvez vamos ao cinema e vemos <algum> alguns filmes.

À <Noi> noite, escrevo o Blogue uma vez <na> na semana. Depois, sempre vejo televisão e janto. Depois, leio <liv> novel ou livros sobre história.

Antes de dormir, sempre <ouv> ouço música e brinco o cubo de Rublic.

(CHINES.A2.04.33.1J)

Nos meus tempos livres. Eu gosto de nadar, cantar, dançar brincar no computador e ouvir música. Eu prefiro nadar nas férias do Verão, com a minha família na praia Hac Sá, em Macau. Porque assim, eu sento-me muito agradável, e eu não fico muito calor. Nós também <apanho> tomamos banho de sol ., Fazemos castelos <(...)> das areias, ficou muito bonito. O tempo de Macau /no Verão/ é muito húmido e <carol> calor, por isso nós precissamos ir ao praia, <para> e nós também achamos <que> este actividade é muito bom de fazer nos tempos livres, porque pode tornavar-se ser nosso dia da <fan> família.

Eu também gosto de nadar com as minhas colegas, porque nós também <aa> achamos este actividade é muito relaxo e não é muito sumptuoso e caro. Nós podemos <bricamo> brincar <pocatinh>, comer connosco. por isso, eu faço este actividade nos meus tempos livres cada vez mais frequente.

Natação para mim, na primeira <f> vez que eu aprendo como natar, é muito muito difícil. Mas, agora, eu acho que não é, eu gosto muito de nadar e nadar é <pode> bom para meu saúde.

Assim, eu também gosto muito de cantar e ouvir música, porque eu gosto muito de música e eu fico muito contente. <E> As minhas <irmãos> irmãs e eu também gostamos de canta, porque nós somos o grupo de canto jovens de Macau.

Eu também gosto muito de viajar <na> no outro país, <se> se eu não sou muito pobre.

(CHINES.A2.08.33.1J)

Nos tempos livres, eu gosto de joga com os meus amigos, por example, nós sempre ir à

loja comprar muitas coisas: camisa, sapatos, comidas etc. e também gosto de ver filmes de terror. com eles, nós achamos que filmes de terror é muito fantástico por isso nós sempre vimos. Gosto muito de fazer desporto: voleibol, basquetebol se eu tenho tempos livres, eu vou para escola jogar basquetebol com os meus amigos. <pur q> porque <fazer muito de ba> jogar muito de basquetebol, pode-se ser mais alta. Se eu não gosto ir fora. eu vou ouvir música ou ver televisão na casa, especialmente eu gosto muito de ouvir música inglesa, porque quando eu ouvi, eu sinto muito calma e feliz. Se de manhã <no> tem tempos livres eu vou <ver> ler jornal, posso saber o que é acontecer. Também <gosto de correr> como muito nos tempos livres por isso eu sou muita gorda. Embora eu gosto muito de comer mas eu também vou correr no tempos livres. Depois de jantar, eu tenho muitos tempos livres, por isso eu sempre faço muitas coisas no <internado> internato e falo com os meus amigos. <(…)> Alguma pessoa gosta de ler livros depois de almoçar, mas eu não gosto eu só gosto de ver televisão depois de almoçar. Se eu tenho muitos tempos livres, eu vou jogar bowling fora ou dançar, dançar é muito fantástico.

(CHINES.A2.09.33.1J)

Acho que seja uma pessoa dinâmica e activa. Gosto muito de dançar e nadar. Quando <teinha> tenho tempos livres, costumo de ir à<(…)> piscina com os meus amigos, também participo alguns <ci> cursos de dança, através os cursos, posso conhecer muitos amigos, também <posso> acho que <faça> faço exercícios <p> é muito <sal> saudável. Actualmente, participo dois curso de dança, um é aprender Hip Hop, outro é aprender New Jazz, mas antigamente, eu aprendia dança chinesa, portanto <tenho> sinto-me muito diferente /para mim,/ a dança chinesa é muito elegante e também é uma típica actividade <da> do <ms minha p> meu país: “HipHop” e “New Jazz” são mais forte do que dança chinesa. Entre dissos, eu prefiro “HipHop” e “New jazz”, porque <(…) pes> penso que os <são> podem haver muitas acções diferentes.

Além disso, também gosto de tocar piano, < qu> Quando vejo a pianista na primeira vez, acho que é muito bonita, elegante e muito charmosa. As mãos dela em cima da máquina, mudas <(…)> rapidamente, Neste momento, ela fascina-me. Portanto, gostava de tornar uma pianista excelente.

O meu sonho é posso tornar uma <tradutora> tradutora em. português e chinês. Gosto muito de línguas diferentes, por isso sempre aprendo línguas diferentes <,>. E muito prazer de posso conseguir esta oportunidade para mim melhorar o meu nível de português e <aprender mais asos> experimentar estilos diferentes, também posso conhecer muitas várias culturas <(…)> diferentes. <Espero que (...) tenha po Gosta> Finalmente, gostava de ter umas férias valiosas e conseguir as experiências diferentes.

(CHINES.A2.12.33.1J)

Nos tempos livres, eu gosto de ler alguns livros. Porque há muitas <cosias> coisas para aprender. Se lê os livros, sabes <mais> muitas coisas no mundo. Eu vou a bibilteca às vezes.

Aquele é calmo, pode fazer os trabalhos de casa. Algumas pessoas lêem o Journal e usam o computador. E eu gosto de printar, eu vou printar quando eu vejo algumas paisagens bonitas. Por exemplo, o sol e a praia são muito bonitos. Na praia, há muitas pessoas, e eles são muito feliz, por isso eu também quero brincar com deles. No fim-de-semana, eu visito alguns lugares que são famasos. Porque eu quero saber as histórias de <estes> estos lugares e também posso tirar as fotos para fazer os meus trabalhos de casa. Depois as aulas, eu <voltar> volto para casa para surf o Internet, e falo com os meus amigos. <Às festas, eu> Nos tempos livres, eu corro com os meus amigos e os meus pais. <Dope> Depois <A> nós vamos a restaurante para almoçar. Às vezes, eu ajudo a minha mãe para fazer os trabalhos na casa.

(CHINES.A2.13.33.1J)

Desculpe, eu não sei “daquilo” sinificar “em Portugal” ou “no meu país”. Então, eu escrevo alguma coisa sobre em Portugal. Eu estudo língua Portuguesa na Faculdade de Letra ja tive três semana. E tenho as aulas de 21 horas por semana, por isso tenho mais tempo fora da escola. O que é que eu gosto de fazer nos tempos livres? Em verdade, depois de fazer os trabalhos de casa, cozinhar o jantar, tomar banho e lavar a roupa, não tenho muito tempo para outra coisa. Mas, no fim-de-semana, eu não tenho aula e sempre praticipei a actividade cultural da escola com os meus colegas. A actividade como é viagem de estudante (visitámos alguma cidade de Portugal), ver o teatro, visitar os monumentos, andar a canoa, etc. Quando não tive a actividade na escola, o XXXXX (Quando eu e outro colega de Macau chegámos Portugal e não soubemos nada sobre a localização de Portugal. Ele ajunda-nos até nós voltamos para Macau. Eu não sei o que ocupação dele, mas ele trabalha mais ou menos este) trouxe-nos ir á praia, visitar Coimbra, o Porto, Lisboa. Então, o meu fim-de-semana já <fui> esteve cheio.

(CHINES.A2.77.75.3S)

Já viajei de comboio, avião, navio, metro, e autocarro. Lembro uma viagem do navio, quando tinha 6 anos, mudei à outra cidade da China com os meus <amigos> pais. Recordo que fomos do navio na tarde, o céu estava lindo, e não havia vento. Logo que nós <pe> <despedimoo-nos> despedimo-nos da minha família, o navio começou a viajar. Eu chorei por causa de separar com minha avó. O porto desapareceu da minha vista.

No caminho do destino, era uma viagem longa, cerca mais ou menos 3 dias. eu desfrutei no navio, apanhei sol <no dia> e vi os paisagens do mar no dia. À noite a minha mãe contou <à> a história ao mim. <Passou dois dia> <dois> Dois dia depois, começou chover e <sob> o vento sobrou. Na noite, o navio começou a tremer. As pessoas começaram a gritar. Eu chorei muito tempo. Quando eu chorava, a minha mãe contou me que o dinossauro atacou no navio. Quando era criança não sabia ser a mentira e tinha <muitos> muito curioso sobre o dinossauro. Parei a chorar imediatamente e pedi à minha mãe levou-me à fora que ver o dinossauro.. claro que não me levou, porque foi a mentira. Ainda bem, <os> o mal tempo passou. O <o> mar ficou tranquilo mesmo do dia partido. Chegámos ao destino era noite, estava a never. Os paisagens

daquela cidade é mais bonito do que minha cidade. Alguns <méses> meses passou, adorei muito essa cidade, e não <tenha> tinha mais saudade com minha avó. <Comecei> Comecei a vida da infância naquela cidade.

(CHINES.A2.76.75.3S)

Meios de <transportes> transporte únicos de um lugar restam sempre boas memórias para os turísticos. Em certos lugares, os meios de transporte são tão únicos até que tornam-se uma atração principal para os turísticos. Por exemplo, os turísticos que viajam à Londres nunca esquecem-se apanhar o autocarro caracteristicado com dois “layers”. <Quando fal> Assim que falam sobre Londres, sempre lembram este autocarro typical em Londres.

Eu também tenho boas memórias sobre alguns meios de transporte durante viagens, Um transporte que nunca não vou esquecer é <o taxi> /o “motor-taxi”/ em Vietnam. Eu fui a Vietnam no Verão este ano para fazer o estágio, <(…) > ao mesmo tempo, aproveitei <essa >/esta/ oportunidade viajei em Vietnam. Vietnam é um “developing” país e o sistema de transporte publico /ainda/ não é muito <sop> sofisticado. Felizmente, os tarifários dos taxis em <(…) > Vietnam são baratos. <Logo que entram os taxis, os p sempre começam de 0.4 euros> Os tarifários dos taxis lá sempre começam de 0.4 euros. Há taxis com a capacidade de 4 passageiros também há taxis com a capacidade de 8 passageiros – ambos começam os tarifários de 0.4 euros. Para <a> /uma/ quantidade de pessoas que viajam juntos, <um> /o/ taxi normal é a ótima opção. Mas, existe outra boa opção para os turísticos quem viajam sozinhos – o “motor-taxi”. Conforme o nome dele, o motor-taxi é um tipo de taxi em forma de motor, um meio de transporte único em Vietnam. O “motor-taxi” não tem um tarifário regular. Os passageiros devem <falar sobre o p> falar com o motorista para decidirem o preço juntos antes de andar o motor. Por isso, os passageiros devem ter alguns conhecimentos sobre as distâncias entre os lugares <onde eles de onde o vão partir e os lugar desti> de partida e chegada. Senão, pagam mais porque <os motoristas> não todos os motoristas são honestos. Eu <ter> tinha bons conhecimentos sobre a cidade <que> que morava, por isso os motoristas não conseguiram enganar-me. As vezes <eu> pagei nada porque <os> /alguns/ motoristas gostavam de falar comigo para praticarem os seus inglês.

Os “motor- bit taxis” ficam uma boa memória na minha cabeça. Não <por> só porque é um meio de transporte muito divertido e único, mas também porque as experiências <(…) > em que falei com os motoristas sobre os preços eram muito estranhos mas especiais.

(CHINES.A2.78.75.3S)

No fim-de-semana passado, ao convite do meu colega de turma que chama-se XXXXX XXXXX, visitei a casa dele. O XXXXX, um reformado alemão, mora em XXXXX onde ficou não é muito perto de Coimbra.

Quando cheguei em XXXXX, eram 5:00 horas da tarde, o céu estava escuro. Como sabemos, aqui em Portugal os Invernos são longos e rigorosos com dias curtos e noites muito

compridas. Sempre que estava escuro cerca 5:00 horas da tarde.

A seguir, conversámos sobre a viagem da Serra da Estrela que fica bastante perto da casa do XXXXX. Finalmente, decidimos ir à Serra da Estrela no dia seguinte.

Nesta dia, depois de tomarmos pão e café ao pequeno almoço, saímos de casa às 8 horas da manhã /de carro/. O tempo faz muito bom, não faz muito frio nem estava a chover. A meia da viagem, cantámos, conversámos, rímos com muitas felicidades e divertidos.

Quando chegámos à Parque Natural da Serra da Estrela, eram cerca 9 horas da manhã. Por causa de encontrarmos-nos com neve, ficávamos muito contente.

(CHINES.A2.88.75.3S)

Quando os jovens terminam os seus cursos na china. Eles vão fazer uma viagem. Eu terminei o meu curso há 3 anos. Também eu <faz> fiz uma viagem para o Tibet com os meus colegas. Quando nós chegamos o Tibet, o dia estava lindo, com céu azul e sem vento. O Tibet é muito diferente com outras cidades na China, esta cidade, havia muitas pessoas na rua, no restaurante, na loja, mas nós <ficámos> ficávamos muito tranquila, esquecíamos todas coisas do mundo fora. nós tínhamos ficado 30 horas no comboio, porque o bilhete de comboio é mais <porato> borato para estudantes. Logo que chegámos à estação de comboio do Tibet, nós fomos ao restaurante tipico e comemos comida tradicional, bebemos vinho de leite. Depois de refeição, nós fomos visitar os museus, os parques publicos. Neste dia à trade, nós fomos visitar o tompem famoso, chamada “Budala”. Mas o meu amigo teve uma <fa> dificuldade de ar, assim que alguma possoa teve <etes> este problema, nós levámos-lhe ao hospital rápidamente. Neste dia à noite, foram ao bar e bebemos cerveja ou outras bebidas, falámos com outras possoas sobre história do Tibet.

<e> Esta viagem era muito excelente expliência para mim.

(CHINES.B1.01.33.1J)

Nos tempos livres, gosto de viajar, jantar com os amigos, cozinhar, praticar os desportos, ir ao cinema, navegar na nete, cantar, tomar café com a família, fazer compras, ler os livros interessantes, conversar com os amigos, etc. Para mim, nos tempos livres, tenho tantas coisas querer fazer, mas infelizmente, não tenho tempo suficiente. Todos os dias, quando as aulas acabam, a noite já <quase> chega. Depois, volto para casa rapidamente, tomo banho, faço o jantar e estudo. Quando tudo isso acaba, já preciso de dormir. Por isso, sábados e domingos são os dias mais preferidos para mim, porque não tenho aulas, não preciso de /me/ levantar cedo e tenho mais tempo para fazer coisas preferidas.

Contudo, às vezes quando tenho tempo livre, não gosto de sair de casa ou ter nenhuma actividades. Só quero ficar em casa, ficar num ambiente tranquilo, ter mais espaço pessoal, ouvir música ou dormir durante o dia.

(CHINES.B1.02.33.1J)

Eu gosto muito de viajar e também de música. Por isso, gosto de viajar, ouvir música, cantar e tocar clarinete nos meus tempos livres.

Eu sempre viajo, porque eu gosto imenso de viajar e acho que posso conhecer muitas coisas nas viagens, como por exemplo, pode conhecer mais amigos, pode conhecer as outras culturas, etc. Quando eu tiver dinheiro e também tempo suficiente, vou viajar. Eu já visitei muitas cidades portuguesas, bem como, Porto, Aveiro, Braga, Viana do Castelo, Bragança, Évora, Leiria, etc. Gostando muito de Portugal, acho que Portugal é muito bonito. Depois do curso, antes de voltar para Macau, eu também vou viajar os outros países da Europa. Mas agora o gripe suína é muito grave na Europa. Espero que o gripe suína não for grave naquele momento.

Eu também gosto muito de música. Nos meus tempos livres eu sempre ouço música, canto e toco clarinete. Eu já aprendi a tocar clarinete há novo anos, escolhi este instrumento porque achei que o som dele era muito bonito e também era mais pequeno. Sou uns dos membros da banda da minha Universidade. Eu gosto muito desta banda, porque posso conhecer muitos amigos que também gostam de música. Nós praticamos e bricamos juntos. Neste Verão em Agosto, nós vamos a Sigupora para participar em curso da música. Acho que esta viagem vai ser optima.

(CHINES.B1.03.77.3T)

Um bairro lindo – “Kai Zi Kei” (Macau)

Antigamente, ali tinha um mar puro, lindo e enorme. Tão comprido que não consegui ver o fundo dele. Muitos pescadores trabalhavam com força todos os dias. À frente do mar, havia muitas pessoas que descansavam, as crianças jogavam os brinquedos no chão. Era muito animado, esse bairro que eu morava de criança até hoje, “Fai Zi Kei” – um bairro de Macau.

À medida que o tempo passa, não sou criança agora e torna-se adulto. E tudo isto também mudou. Mesmo assim, ainda gosto de morar ali. Foram construídos muitos edifícios, escolas, lojas à volta do mar. Relativamente ao mar, está cada vez mais pequeno por causa de enterremento, portanto, menos pescadores trabalham lá. Contudo, esse bairro ainda está muito agitado. Atraindo as pessoas, vivem ali. Talvez o ambiente seja agradável e fora de cidade.

Para mim, adoro aquele bairro onde vivo há muito tempo, sobretudo à noite, as luzes dos edifício reflectem ao mar. Que maravilha! Também costumo passear um pouco com a minha família ou fazer exercício. Mas, queria que os habitantes tivessem moral que não deixam lixos no chão ou no mar porque ali não é nossa, é oferecido para toda a gente. Se cada uma pessoa mudasse o seu vício, o mundo transformaria-se mais bonito.

(CHINES.B1.05.52.2L)

Eu aprendo português há 3 anos, principalmente os professores falam sobre Cultura portuguesa nas aulas, portanto, eu conheço algumas culturas portuguesas, mas não é profunda até eu cheguei a Portugal, eu conheço mais.

Eu moro na residência da Universidade, posso contactar muitas pessoas diferentes,

principalmente. São brasileiras. Elas arrumam muito, limpam muito, apesar de nós também arrumaremos, não sempre fazemos, nas refeições, elas gostam de comer pasta, pão /etc./, à noite, também comem estes, mas nós não somos, nós comemos arroz, cozinhamos vegetais, etc, temos de comer algumas alimentações “calor”. Além disso, elas gostam “beber”. antes de comer, elas bebem, depois de comer, também bebem. elas gostam muito, não só gostam de beber, mas também tomam uma bica.

Ao mesmo tempo, elas gostam de lanchar, acho que este é o seu grande hábito. Elas também gostam de fazer festa, bebem junto, cantam, dançam, etc, mas nós não gostamos de fazer, também outras festas, por exemplo, carnaval, Queima das Fitas, etc, são muito interessetes.

No meio de ambiente, cheio as igrejas, /*os/ edifícios não são muito altos, são diferentes do que a minha cidade.

Apesar de nós são muito diferentes, ainda vivemos muito contente e constituímos relação boa.

(CHINES.B1.06.52.2L)

Estudo português há 3 anos, durante este período aprendi algumas culturas portuguesas, como a sua língua, habitação da população e arte.

Quando aprendo mais esta língua, descubro mais deferença a cultura entre este país e o meu país, China.

Por exemplo, a língua chinesa tem a sua regra, a seguir sujeito, mais verbo e mais objecto e não pode mudar este regra, no entanto, o português aparece mais livre. A língua portuguesa fala “tomar sopa” e o chinês usa o verbo “beber”. podemos dizer que estas dua línguas quase totalmente são diferentes.

No apecto de habitação, os chineses costumam comer arroz todos os dias e raramente comer pão ou massa durante no almoço ou no jantar. Os portugueses gostam de tomar um corpo café no tempo livre e os chineses preferem chá.

O estilo de arquitectura também é muito diferente. A saber, o edificio português é mais baixa e mais decoração. Gosto muito de igreja de Portugal, é muito muito grande. Normalmente tem a sua história, tem o estilo manuelino /e/ ou Barroco. A pintura dentro de igreja é fantástica. Estou sempre a pensar como é que os portugueses conseguem fazer um estilo tão maravilhoso!

Portanto, Portugal e a China também tem a sua história gloriosa. No século XVI, como o século ouro em Portugal. Os portugueses faziam o descobrimento marítimo e extingia todo o mundo, trazia muitos produtos para Portugal. E a China tem 5.000 anos históricos e era dominado pelos Impérios diversos.

Mesmo que dois país tenham a cultura tão diferente, hoje em dia, a relação entre deles está a desenvolver em paz.

(CHINES.B1.07.33.1J)

Em Macau, o tempo passa muito rápido. Porquê? Quando voltava para casa depois das aulas, já era seis da tarde, por causa dos meus pais são comerciantes que estão na China e <f> negociam. Eu, tenho de ir ao mercado para comprar as comidas e outras coisas para fazer o almoço ou o jantar <aos> para os meus irmãos novos. Alguém disse-me que parecia uma mulher doméstica. Embora fique muito cansada, acho que isso é muito alegre para mim, porque a família é o mais importante de todo. Além de estudar, caso tenha os tempos livres, vejo televisão, passeio num jardim, converso com os meus pais, pratico desporto, etc. Se tiver os tempos livres mais longo, é possível viajar outras cidades. Estas são os meus /pequenos/ sonhos, mas, actualmente, tenho de estudar muito até <acaba> acabo o curso.

Em Portugal, moro na Residência da Universidade, ando a pé para a Universidade todos os dias, assim, já pratico desporto. Por causa dos meus trabalhos de Casa não são muitos, pois, posso visitar outras cidades <aos> nos fim-de-semanas. Aqui, tem muitos museus, igrejas, casa cultura, bibliotecas, castelos, etc. Em Portugal, posso conhecer muitos conhecimentos da Europa <e>, as culturas portuguesas e europeus, posso saber mais a história de Portugal e /de/ Europa. E A disciplina de Laboratório, a Professora deixa-nos que precisamos de ouvir e ver as notícias na Televisão para praticar. Por isso, fico aqui, posso fazer alguma coisa que não posso fazer em Macau, assim /alguns/ dos meus sonhos já realizaram.

Os hábitos e os costumes entre em Macau e em Portugal são diferentes, <também> as culturas /também/ são diferentes, portanto, acho que faço alguma coisa nos diferentes lugares nos tempos livres é diferente, porém, gosto Mais Da Vida De Portugal do que <de> em Macau.

(CHINES.B1.10.52.2L)

Quando estudo em Coimbra (Portugal), vou tendo muitas oportunidades de contactar com os portugueses e de conhecer mais a cultura portuguesa, o que é difícil <(…)> na minha terra natal.

Para mim, os portugueses gostam de passar muito tempo <(…)> a conversar com os amigos ou ficar sozinhos em gozar <a> o seu tempo privado no café. Contudo, na minha terra, <(…)> este fenómeno não é muito popular para os habitantes <. >, <Eles> eles vão ao café ou restaurante para que <(…)> provem <(…)> a comida nova, ou especialmente, <(…)> satisfaçam as suas barrigas. <Coisa que> E acho que <as> o passo deles <se> é acelerado, que <(…)> se mostra um aspecto ocupado da minha cidade que é diferente <de> da vida portuguesa. <(…)> Além disso, <as> os povos europeus não <têm> se importam de <próximação> aproximação aos outros quer sejam da mesma nacionalidade quer sejam os estrangeiros. <(…)> No entanto, ao contrário, para os <(…)> nossos conceitos tradicionais, seria normal que tivessem uma pouca distância com os outros. Pois, <(…)> que <depois de viver em Portugal, a minha visão começou a mudar, tenho muita vontade <de> da conhecer mais, <seja a (...)> seja várias relações pessoais seja a cultura diversa. É bom que não só fique na <(…)> minha cidade, tenho de aprender como <(…)> receber e aceitar as culturas diferentes.

(CHINES.B1.11.77.3T)

Eu moro na China, Macau. O bairro onde vivo fica um pouco longe do centro. mas como Maucau é uma cidade muito pequena <e>, vai para o centro da cidade só leve mais ou menos vinte minutos. O meu bairro é muito conveniente. Existe vários números de autocarros, os supermercados ficam muito pertos e tem mais ou menos cinco supermercados. Quando quero comprar algumas coisas só ando à pé um ou dois minutos. Este bairro é construído por um conjunto de edificios de muitos andares. Pode viver muitas pessoas. O andar em que moro contem oito famílias.

Mas, como ficar muitas pessoas, o espaço é um pouco estreito e cheio. E a segurança acho que precisa de melhorar, muitas pessoas ficam num espaço, não só a segurança, mas também o meio de ambiente. É melhor que construir mais espaço verde para os habitantes. Seja relaxar, seja conviver, é bom para as pessoas que vivem aqui. Além disso, o horário do autocarra acho que também tem de melhorar. De manhã, sempre está muita gente a esperar autocarros: e assim ficamuito perigoso, porque as pessoas sempre ficam nas ruas para poder apanhar mais cedo o autocarro.

Além de tudo destes, gosto muito o bairro onde moro, porque o lugar contem muitas coisas que gosto e também a minha família e memória.

(CHINES.B1.12.77.3T)

A minha casa

Eu moro na residência universitária Polo II ao lado da Faculdade de Farmácia. Embora só viva aqui há pouco tempo, acho que é como a minha casa.

Quando cheguei ao alojamento. tudo <era> era novo. Então, não há muitos serviços. por exemplo, internet etc. <Porém> Naquela altura, quando quisesse pegar o sinal de Internet, precisei de trazer o computador, usando <o se> /internet/ no corredor de emergência. Como na residência só há quatro máquinas de lavar roupas, no fim de semana sempre há uma fila <de para> de espera para lavar. Além disso, em Macau, a autoridade universitária emprega a campanha de residência <porque é difícil dividir as tarefas po pa e ninguém ab acha que> para evitar que ninguém queira limpar a cozinha e <ba> a casa de banho. De facto, o senhorio sempre <reclamamou> reclamou que o espaço público seja sujo, mas <não> /nunca/ encontrou a pessoa que sujou. Os <residência> residentes também criticaram uns com os outros até que perderam a amizade. Assim, o senhorio não é o padrão, só limitando e inspectando os residentes. <ro Achos> pelo contrário, pensando no ponto de vista dos residentes, <o que> oferece<(..)> o serviço agradável e promover a amizade entre <os> residentes são os sucessos do senhorio.

Finalmente, </o/ ap> embora a minha casa <fi(..)> fique longe da universidade, mais perto do Aveiro, mas gostei muito porque a situação não pode mudar mas o serviço <está a> vai melhorando.

(CHINES.B1.13.33.1J)

O que gosto de fazer nos meus tempos livres não é especial. Só são duas coisas – gozar a vida bem e descansar bem.

Quando a gozar a vida, a minha maneira é fazer as compras ou ler um livro bom. Penso que embora faça as compras não tem de gastar o dinheiro. Também só podem passear nas lojas. Isto não só se mantem em forma como fazer exercício físico, mas também adquirem as informações nova da vida.

Além disso, prefiro ler um livro bom à tarde agradável. No ar está cheio dos cheiros <de> do café e de papel do livros. E o livro pode levar-me para <outro(...)> outro mundo <novo> maravilhoso. Gosto imenso deste sentimento.

Finalmente, falo da maneira de descansar. Para mim, só tenho uma maneira de descansar – dormir. Não é preciso de pensar <algumas> alguma coisa e de fazer alguma coisa. Comprando outra coisa, isto é o mais fácil para fazer.

Em conclusão, espairo o ócio com isso. Passo cada momento nos meus tempos livres.

(CHINÊS.B2.07.69.3Q)

A urbanização é uma das palavras-chave de Século XXI: muitos que viviam no campo movimentaram-se para cidades, e a <vida a > condição económica bem como a qualidade da vida quotidiana urbana ficou <m> o maior indicador de poder dum país. Ao mesmo tempo, há <quem> quem diga que a vida urbana é demasiada agitada e pense nos dias bucólicos no campo. Na minha opinião, qualquer coisa tem ambos o aspecto positivo e negativo e, por isso, para <de concluir> /concluirmos/ se é melhor viver na cidade ou não, <tenh> temos de fazer uma comparação entre as vantagens e defeitos entre uma cidade e um campo. Em balança, prefiro viver na cidade por causa dos seguintes factores.

Em primeiro lugar, existe mais oportunidade na cidade do que no campo. <Os> As universidades mais estimadas são normalmente localizadas na zona urbana, o que significa uma qualidade mais alta e, o que mais é, um futuro mais brilhante. Por outro lado, o número crescente de campanhas e de empregos possibilita o acesso <à> a <uma> /uma/ profissão ideal <ou> /que é/ equivalente <ao (...)> à realização do valor pessoal ou ao poder económico. No campo, porém, a situação é mais dura e mais complicada.

Além disso, a vida urbana é mais conveniente e eficiente do que a rural. Basta ver os apartamentos grandes, os supermercados <disponíveis> para as compras e os automóveis <correndo> correntes nas ruas. Tudo o que precisamos, que coisinhas quer serviços, é disponível no centro comercial e o desenvolvimento da transportação poupa-nos o tempo gasto entre dois <(...)> sítios <, que pode ser>. E este tempo fica para o entretenimento, actividades para descansar <e> ou assuntos importantes, /o/ que significa <o> /um/ nível elevado da vida. Isto é, todavia, pouco realizado no campo.

Claro, a cidade tem as suas próprias desvantagens. A agitação urbana e a discriminalidade tornaram a vida mais perigosa. O nível de preço está sempre a crescer, <so> adicionando a dificuldade da vida. No entanto, a competição e a complexidade do trabalho moderno resultam

em stress excessivo, só piorando a situação. Isto, porém, é um resultado natural do desenvolvimento urbano e só <se resolve> pode ser resolvido por este desenvolvimento. A legislação com o progresso económico e tecnológico vão oferecer soluções eficazes para <as> /os/ problemas da vida urbana e nessa altura, viver na cidade <vai> será mais seguro e mais confortável do que viver no campo e ficará a escolha <prima> principal para todos os residentes do mundo.

Para resumir, <a> o mérito de viver na cidade <é> excede a sua desvantagem e vai ser cada vez melhor do que a vida no campo.

(CHINES.C1.01.50.2L)

Sou de Macau, uma cidade no sul da China. A China é um país muito grande, e por isso, as culturas são bem diferentes em diversas regiões. Por exemplo, as culturas e os hábitos do sul e do norte são <(…)o> completamente diferentes. As pessoas do sul gostam de comer coisas mais salgadas, enquanto as do norte preferem comidas menos salgadas; e as pessoas no centro do país <podem> costumam a comer coisas muitíssimo picantes!

Quanto ao vestuário, as regiões têm os seus fatos tradicionais, mas para já, nós já não <tenha> temos o hábito de vestir estes fatos dia-a-dia, embora alguns tribos no oeste do país ainda <sejam> os <as> vistam.

 No que diz respeito ao nível geográfico, a China tem muitos lugares /naturais/ lindíssimos! As paisagens também são muito diferentes em várias regiões. Dizem que as cidades de Suzhou e Hangzhou são paraísos. Além disso, as partes sul e litoral <é o> /são/ mais planas, enquanto as partes central, <e> oeste e norte <é> /são/ mais montanhosas.

Os monumentos /de/ que eu gosto muito são “A Grande Muralha”, “ O <Túmulos> Túmulo do Imperador Qinshiwang” e “As Ruínas de S. Paulo”. A Grande Muralha é um monumento enorme, estende-se nas várias províncias do país. O Túmulo do Imperador Qinshiwang é maravilhoso, ele é o primeiro Imperador da China e ele é acompanhado por <um enorme> muitos soldados feitos em pedra. As Ruínas de S. Paulo é na minha terra-natal – Macau. Foram construídas por portugueses. Apesar <disso> /dos/ <, tem /há/> elementos ocidentais, também têm elementos orientais. Podemos ver a perfeita mistura de arquitecturas oriental e ocidental.

Nós, chineses, gostamos muito de chá. Bebemos chá quase em cada refeição. Além disso, temos muitas festas, tais como o Ano Novo Lunar, Dia de Duanwu cujo concurso dos barcos de Dragão é maravilhoso, Dia de Zhongchou, que podemos comer coisas típicas – “Tuebing”, etc..

(CHINES.C1.02.6.1B)

Olá XXXXX!

Já há muito tempo que não te via, tudo bem contigo? Como vai o trabalho?

Estou a tirar um curso /anual/ de língua para estrangeiros em Coimbra. Este é uma cidade

cheia de história. Adoro andar a pé pelas ruas e olhar os edifícios antigos tanto como passear pelo rio – o Rio Mondego. Tenho aulas todos os dias desde as segundas até as sextas e as disciplinas incluem, a língua, a arte, a história, a geografia, a literatura e a linguística. Entre elas, gosto mais de Arte e de geografia que realizam as aulas sempre ao ar livre. Eu calmente gosto muito de passear pela cidade e conhecer a sua história. Além disso, aqui tem uma festa muito interessante que se chama “A Queima das Fitas”, que abrange mais de uma semana de actividades, tais como a <sarenata> Sarenata, a secção de Fado à meia-noite; o cortejo, em que a gente recebe comida e bebida de graça; a Garraiada, tipo tourada e os concertos todas as noites. Esta festa é muito fixe, mas na minha opinião, é bastante cansativa, preciso uma semana para descansar após a semana de Queima. Mas, de qualquer forma, gosto e espero que possa participar nessa festa novamente no futuro. O tempo passa com presa, no início de Junho, conto-te mais sobre a minha vida cá e até logo! Ah, esqueci-me uma coisa! Ainda <se> te lembras daquele jogo “1, 2, 3” que nós jogávamos sempre quando éramos crianças? Ensinei as amigas portuguesas da casa e /elas/ acharam muita graça. Penso que é tudo para hoje.

Um beijinho muito grande para ti,

XXXXX

(CHINES.C1.04.69.3Q)

Gosto de viver numa cidade muito grande e cosmopolita. A vida na cidade, para mim, é conveniente e emocionante. A gente encontra com muita facilidade lugares <para> /de/ entretenimento e há sempre actividades culturais muito interessantes para assistir, como concertos, óperas e exposições. Há quem diga que a vida na cidade é agitada, mas eu é que gosto de viver <nu> nessa agitação. Divirto-me em viajar de metro, ver as diferentes pessoas, em <sentar-(...)> passar tempo num bar a conversar com os amigos, também não consigo imaginar a minha vida sem livraria sem cinema! Na minha opinião, <de> depois dum dia cheio de trabalho, ao fim da tarde, ir a um restaurante com 3 amigos e depois cantar <p> até à meia-noite num karaoke e depois beber um copo é um grande prazer, que só podemos encontrar na cidade. Mas é verdade que às vezes tenho saudades do campo, da natureza. Nasci numa cidade, <ma> passei a infância numa pequena vila <do (...)> /perto/ da montanha, se calhar é por causa disso que sinto falta do campo. Especialmente quando estou farta de <ver> /conhecer/ as pessoas indiferentes e hipócritas, tão comuns na cidade, ou quando estou triste de acordar sempre com barulho dos automóveis em vez dos passarinhos ... Claro, hoje em dia mesmo as <alei> aldeias são “invadidas” pela “civilização” urbana e as pessoas, que antes eram honestas e simples, dedicam-se mais à procura das luxúrias banais. <Lamento> Porém, acredito que ainda podemos entrar a verdadeira vida do campo neste mundo, para mim Trás-os-Montes é um lugar <deste> onde este estilo de vida é visível. Montanhas, rios, campos, gente corajosa e frontal, solidariedade, <(...)> felicidade tão simples e tão irrecusável ... <O> /É no/ campo é que podemos encontrar a paz interior, e a harmonia com a natureza, <ambos> ambas imprescindíveis para o ser-humano, e tão <raros> /raras/ na cidade!

Que dilema! Gosto de viver na cidade, sim, mas se pudesse, também gostava de viver no campo, mesmo que saiba vou viver sem <as lojas> centros comerciais ou às vezes sem água quente e electricidade, mesmo que saiba se calhar vou ter uns vizinhos que <proval> gostam de observar e comentar a minha vida – afinal o que é que quer encontrar esta rapariga da cidade mas com a raiz no campo?

(CHINÊS.C1.07.6.1B)

Cara amiga XXXXX,

Como vais? Espero que tudo corra bem contigo e queria dar-te os meus parabéns nesta data querida em que vais ter mais um ano! O tempo passa com tanta rapidez que nem se nota. Tenho muitas saudades de ti e lembro-me muito bem dos tempos que <andamos>/andávamos/ juntas no campus da Universidade. <Ainda> Neste mesmo dia do ano passado, o XXXXX, a XXXXX, a XXXXX e eu fizemo-te uma festa de aniversário. Uma festa surpresa. Ainda recordo a tua expressão surpreendida e as fotos também <registrat> registraram todos os momentos felizes. Naquela noite, subimos ao topo da colina atrás do campus, <deix> deitámos na relva com inúmeras estrelas em cima <(…)> e no ar, havia a fragrância das flores de Verão; a fragrância de jasmim.

Ora, as flores ainda brocharam, mas agora já estamos tão longe. Tenho estado muito ocupada ultimamente. Depois das férias de Páscoa, tive que preparar as apresentações para todas as cadeiras <.> menos a de língua. Há imensos materiais para /recolher,/ ler, reler, tomar notas e organizar. São materiais muito diversas, de arte, de literatura, de história, de geografia ... Enfim, muitos trabalhos para fazer. No entanto não <posso> /pude/ deixar de participar na maior festa académica de Coimbra: a Queima das Fitas. <e> E participei. Foi fantástica! <A> Começando com a tradicional serenata, ocorrido em frente da Sé Velha, /a <Queima> festa/ durou uma semana. Havia um cortejo no domingo e todas as noites tiveram lugar /concertos/ no recinto <do> ao lado do rio Mondego. O cortejo parece o desfile de Carnaval e não faltam aos concertos bandas interessantes. Mas o que me comoveu mais era o espírito de união estudantil na Queima, que raramente se vê nas outras <unido> /universidades/.

Tantas coisas para te contar que gostaria ficar contigo por <todo> /<um> dias/ inteiros a falar, como antigamente. Contudo, tenho de acabar o meu trabalho e <depois> /quando/ voltar para casa /já/ daqui há pouco tempo <vamos> /encontraremos/ de novo!

Um grande abraço e beijinhos,

XXXXX.

(CHINES.C1.15.6.1B)

Querida XXXXX,

Aninha, vai fazer 3 meses que não a vi depois de que <(…)> /eu/ tivesse partido para Portugal, como estás? Tudo corra bem em Macau?

As minhas aulas na Universidade começaram há dois meses e continuo a ter aulas até aos

meados de Dezembro. Mesmo que já tivesse ficado meio ano em Portugal, parece-me que o /meu/ nível /de/ português ainda não tem um melhoramento evidente, a única coisa no nível da língua que me parece ter melhorado é /apenas/ expressão oral. Quanto às disciplinas que não temos materiais do apoio, para mim é difícil concentrar nelas e parece que as palavras /só/ andam a circular a cabeça.

Cá em Portugal, o ensino de língua Portuguesa é parecido ao nosso em Macau, .. mas os materiais são muito mais completos e podemos consultar muito mais livros como referências. O ambiente da língua para um aprendente, sem dúvida é muito importante, /principalmente/ <na> no domínio da fala quer <na> no domínio da compreensão oral. Para já, mesmo que não possa dominar os conhecimentos ensinados pelos professores, quero só concentrar mais na leitura dos livros de referência e na expressão escrita.

No próximo ano, vou voltar para Macau e por causa do meu namorado, estamos a planear se eu fico em Portugal depois mas seria difícil. Tudo só é um início!!!

Fala algo de ti e Feliz Natal antecipadamente.

Beijinhos e abraços

(CHINES.C1.17.6.1B)

Minha XXXXX,

Tudo bem contigo? Já não te vi há dois meses e para mim, é como dois séculos. Estou tudo bem aqui em Coimbra, a mais bela cidade portuguesa na minha opinião.

Ainda me lembro da noite /de Setembro/ quando estivemos juntos no restaurante “Le Petit Gourmet”, conversando, rindo, desabafando ... tudo. <Estivemos> /Andámos/ a conversar até muito tarde porque no dia seguinte, eu iria para <porq> Portugal e só voltaria oito meses depois. Quem me dera que estivesse agora ao meu lado para eu te dizer o que me aconteceu nos dois meses passados. Tu és SEMPRE a minha melhor amiga.

Aqui em Coimbra, moro num apartamento muito bonito e tranquilo. O meu senhorio trabalha numa livraria, por isso, ele é muito culto e simpático. Em comparação com o nosso país, as pessoas aqui são mais hospitaleiros e grande apreciadores da vida, isto é, eles sabem fazer tudo tranquilamente e à vontade, raramente mal-dispostos. A cultura de Portugal é como uma mina inesgotável, possibilitando-nos experimentar as novidades culturais todos os dias.

Quanto ao curso que frequento, acho que é maravilhosa! Quando estudava no nosso país, só tinha aulas sobre a /própria/ língua <própria>. Mas aqui há mais possibilidades para sentirmos a diversidade de uma língua, de uma outra cultura fantástica. Além disso, o conteúdo das aulas é também muito difícil e complicado. Mas julgo que valer a pena estudar com muito afinco, pois estou a frequentar a melhor universidade do mundo lusófono e depois de o curso terminar, o meu português será muito aperfeiçoado.

Ontem, conversaste comigo no MSN e disseste-me que estavas um pouco mal-disposto, devido à dificuldade do francês e a outras desgraças inesperadas. Mas, nunca te preocupes, porque a vida não é sempre tranquila e deves, muitas vezes, considerar as dificuldades e

desgraças como os teus amigos. Se estiveres mal-disposto, não hesites em contactar-me. Estou sempre ao teu lado!

Beijinhos!

(CHINES.C1.21.50.2L)

China, um país onde o Sol ilumina uma longa história (cerca de 5 mil anos), sabe fascinar o mundo todo através da sua /magnificante/ beleza natural e da sua abastada cultura humana. É uma terra de gente hospitaleira que está sempre orgulhosa das tradições que datam a milhares de anos atrás.

Banhada pelo Oceano Pacífico, a China situa-se no <extremo> /Extremo/ <oriental> /Oriente/, fazendo fronteiras com a Rússia, a Índia, o Bão e <mais> dezenas mais de países. Tem um território extenso de 9.6 milhões de quilómetros quadrados, assim como uma população enorme de 1.300 milhões de habitantes. divide-se o país em 31 províncias e 2 regiões especiais.

A minha terra natal fica no Norte da China, ao lado de Beijing, a capital. Trata-se duma região na Zona Temperada com 4 estações distintas, onde /se/ salienta a <agriculultura> agricultura devido <à sua> aos campos férteis. Caracteriza-se pela planície extensa e uma cadeia de serras denominada Taihang.

Não é difícil encontrar as tradições antigas que se arrastam no decurso do tempo, passando de /os/ avós para os netos. Pode ser um festival, um monumento ou, simplesmente, um artesanato. Aliás, apetecia-me falar do festival mais importante da China, o Festival da Primavera.

O Festival da Primavera consiste numa ocasião onde toda a família se reúne para comemorar o ano passado e acolher o ano novo. As <gente> pessoas desejam felicidade umas <aos> às outras, partilhando alegria e <bênçã(...)> bênção. Temos muitas comidas típicas entre as quais se notabiliza mais o Jiao Zi (dumplings). <À noite> Na mesma noite do último dia do ano lunar, <costumamos> costumamos ter um jantar farto do <(.)> sino <da> da meia-noite, lançar fogos artificiais que alumina todos os lados ferventes. Dura a celebração por cerca de um mês em que todos estão relaxados.

O tempo e a folha não dão para escrever mais, fico por aqui, longe de apresentar a China toda.

(CHINES.C1.22.69.3Q)

Nasci numa cidade cosmopolita e desde então ando a descobrir a beleza e /o/ conforto de viver <numa> na cidade. Concordo totalmente com o lema da Expo 2010 de Xangai “Melhor cidade, Melhor Qualidade de vida”, mesmo que às vezes <apre> tenha inveja do ritmo e da maneira de viver das pessoas que vivem nos campos. <que levam>

O desenvolvimento da cidade vai trazendo aos seus habitantes vários benefícios, /de/ que se podem ser apercebidos no nosso dia-a-dia. A renovação das redes <das> de comunicação e

de transporte facilita em grande escala a deslocalização das pessoas, sendo os metros e TGVs os principais meios que <(...)> /proporcionam/ aos residentes <a popupar> /mais/ tempo na cama. É inegável que os hospitais facilmente acessíveis e os centros comerciais onde se encontram os amigos <fa> confirmam, o que reflecta <nitidamente> /evidentemente/ as vantagens da cidade. Aliás, viver na cidade passa por ter mais escolhas de lazer, <dispondo> visto que <(...)> /os/ bares, /os/ parques, /os/ discotecas já ocupam um lugar <significativa> significativo da mentalidade <cidadina> cidadina.

Com efeito, não queria dar negligência aos defeitos de viver na cidade. O ritmo intenso da vida e <os> o seu resultado “pressão” /(stress)/ e <os> o <problemas> da poluição que <representam> representa por várias formas estão a preocupar cada vez mais pessoas que no fundo têm sempre uma ideia de mudar para o campo. Mas enfim a maioria não o faz, porque conta de viver na cidade. Quando <(...)> começamos a apreciar o encanto da cidade, já custa muito deixá-la. <se colher (...)>

(CHINES.C1.32.50.2L)

Eu vivo numa cidade que /se/ situe <-s> perto de Xangai, <uma> mas eu <(...)> não gosto dessas cidades tão grandes como Xangai, Beijing até London onde eu tinha viajado.

Embora <vivam> viver no centro da região faça-nos sentir bem, quer dizer, a nossa vida é bastante conveniente. Temos <televi> Internet, bar, restaurante e quando queremos namorar, podemos ver filmes juntos, etc. Portanto, ao meu ver, a vida na cidade também é difícil.

Além dos problemas do meio <ambiantes> ambiente, nós vivemos tão “rapidamente” nosso <(...)> coração.

Eu nasci <numa> /na/ cidade e vivo na cidade até agora. No entanto, amo a vida no campo. <Havia> Na semana passada, eu fui à <uma pequena cidad> aldeia de Kiruna, que é uma <cid> pequena cidade na Suécia. <Nali> /Dali/ tinha uma experiência de vida bem diferente. Não havia luz <nenhum>, aquecimentos, não tinha computador, festa, parecia que não havia nada para oferecer uma vida normal. Mas, <ha> existia uma grande atitude para vida. Nós conduzimos o moto de neve para “passear” rio gelado; pescámos peixes para assar e vimos Aurora a noite sem luz.

As pessoas /que/ vivem na aldeia não sabem <o que> ou seja compreendem bem o que é “moderização”, portanto eles têm os /meios/ próprios para viver e eles <são> ficam sempre contente. Acho que, talvez, às vezes nós “cidadoe” <têm> temos de <deto> deitar “algumas coisas” para viver.

(CHINES.C1.32.75.3S)

Eu gosto de viajar, não só as partes interiores do meu próprio país mas também os locais interessantes <pelo> por todo o mundo. Lembro que no ano passo, eu <fiz> fazia uma viagem sozinha para Holanda, Portugal, Espanha, França e Itália de comboio. De facto, eu adoro viajar de comboio. Como não temos muito dinheiro para reservar um hotel de qualquer estrela, <no>

o comboio <e>, sem dúvida, é <a> /uma/ melhor <trans> escolha para nós pobres estudantes. E podemos dormir no comboio e ao chegar o outro lugar, continuamos visitar.

Neste natal, eu /tentei/ planear uma viagem para norte da Europa. Portanto, <desco nesse caso> é /quase/ impossível <para nos> viajar de <comboio>. Portugal <para> /à/ Finlândia de comboio durante alguns dias. E eu decidi comprar o bilhete do avião. <A> No entanto, a minha primeira vez de tomar o avião na Europa <foi> correu muito mal. Quando cheguei ao aeroporto de Paris (Beauvais) com o meu amigo, eu fui avisada que este aeroporto ia ser fechado e tivemos de ir /já/ embora. Meu Deus! Imagina isso: era <(…)> 1:39 a.m., um país estrangeiro, /um aeroporto longe da cidade/ com neve em todo o local! Eu e o meu amigo, tivemos de sair desse <aeroporto> aeroporto da última camioneta que vai <ao centro> a Paris e chegámos um lugar que não <s> tivéssemos sabido nada em Paris às 2:29 a.m. <Aliás> Finalmente, ficávamos na estação do metro cinco horas e <quai> ao <amanhecer> amanhecer, voltámos para o aeroporto. Depois, nós fomos informados que, por causa do tempo, o nosso próximo voo para Stockholm foi cancelado. Eu /já/ <estava> não queria dizer nada naquela altura e só esperava; esperava e esperava. No fim, depois de sofrer por 12 horas, nós fomos salvos. O avião <voltou!> levantou voo!

Isso era minha inesquecível experiência, e fez-me decidir só viajar de comboio no futuro.

(CHINES.C1.42.33.1J)

Sou fã de um autor, que se chama Zhong Shu Qian, e gosto de <(…)>eu ler os livros deles e também de fazer alguma colecção das edições. Além disso eu própria <escrevo> escrevi vários ensaios nos tempos livres e, tenho um plano de /os/ publicar depois de regressar para a China. Ainda em cima, adoro tirar /as/ fotografias. Quando era pequena, ia pensar em ser um <fotógrafo> fotógrafo o no futuro, no entanto, agora estou a estudar português! Que inacreditável <d> a vida! Mesmo assim ainda fico com um grande interesse de tirar fotos, porque acho que isto é uma maneira engraçada de expressar as suas visões. Como alguém /já/ disse “És grande, não por teres oportunidades de ir à África ou ao Polo Norte para encontrar alguma foto, <mas> és grande, porque vês as coisas ordinárias diferentemente”.

(CHINES.C1.42.77.3T)

Moro aqui, em Portugal, na Rua XXXXX, onde perto de um centro comercial, chamado XXXXX. (mas de facto, neste centro comercial não há tantas lojas, e penso que finalmente vá fechar.)

Não gosta desta zona! As casas tão velhas parecem <a> o bairro das latas; durante a noite, está sempre cheia dos barulhos, que não consigo adormecer: o que pior é que tenho um room-mate antipático que mora comigo. Aquele rapaz costuma usar as minhas coisas (louças, gás...) sem lavar nem pagar nada e quando eu e a senhoria tentávamos falar com ele, deu-nos uma ameaça de nos matar. Ainda havia uma vez, o meu dinheiro foi roubado, embora não tivesse os testemunhos para <iden> identificar o ladrão, mas penso que aquele rapaz devia ser o suspeito!

Para min, há única coisa que podia mudar /a vida/ para que mais agradável lá viver é que, o rapaz mudasse-se para outro local!